



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE
LINHA DE PESQUISA: TEXTO E DISCURSO**

ANTONIEL GUIMARÃES TAVARES SILVA

**RELAÇÕES DIALÓGICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA
UNIVERSITÁRIA: SOBRE GUIMARÃES ROSA E *GRANDE SERTÃO:
VEREDAS***

CATALÃO
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Antoniel Guimarães Tavares Silva

Título do trabalho: *Relações dialógicas da crítica literária universitária: sobre Guimarães Rosa e Grande Sertão: Veredas*

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Antoniél Guimarães Tavares Silva
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 20 / 08 / 16

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

ANTONIEL GUIMARÃES TAVARES SILVA

**RELAÇÕES DIALÓGICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA
UNIVERSITÁRIA: SOBRE GUIMARÃES ROSA E *GRANDE SERTÃO:
VEREDAS***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível de Mestrado – da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

CATALÃO
2016

Guimarães Tavares Silva, Antoniel

Relações Dialógicas da Crítica Literária Universitária [manuscrito] : sobre
Guimarães Rosa e Grande Sertão: Veredas / Antoniel Guimarães Tavares
Silva. - 2016. CLVIII, 158 f.

Orientador: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2016. Bibliografia. Anexos.

1. Análise do Discurso. 2. Círculo de Bakhtin. 3. Dialogismo. 4. Interdiscurso.
5. Crítica Literária Universitária. I. Bonvino Stafuzza, Grenissa, orient. II. Título.

CDU 81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Ata de Defesa Pública de Dissertação

Defesa: nº 53

Aos nove dias do mês de março de dois mil e dezesseis realizou-se, no Laboratório de Análise do Discurso, Fonética e Fonologia - LADFFON, sala 01, Bloco E, a Defesa Pública de Dissertação intitulada "RELAÇÕES DIALÓGICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA: Sobre Guimarães Rosa e Grande Sertão: Veredas", de autoria do mestrando Antoniel Guimarães Tavares Silva. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Profa. Dra. Grenissa Bonvina Stafuzza [Orientadora], professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos, professor da Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às quatorze horas e trinta minutos, sendo presidida pela Professora Orientadora, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidente da sessão passou a palavra ao discente que teve vinte minutos para apresentar seu trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre a dissertação apresentada, tendo o mestrando igual tempo para responder. Após o término da arguição, a Presidente da sessão solicitou que o candidato e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar a Dissertação. Após a conclusão dos trabalhos, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: APROVADO. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata que vai assinada pelos (as) Senhores (as) membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos nove dias do mês de março de dois mil e dezesseis.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza - Orientadora

Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos - (UFU)

Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior - (UFG/RC)

ANTONIEL GUIMARÃES TAVARES SILVA

**“RELAÇÕES DIALÓGICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA:
SOBRE GUIMARÃES ROSA E *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*”**

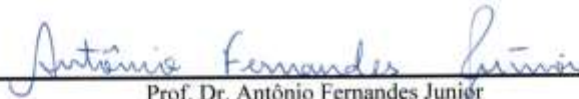
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovado em 09 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Grenissa Bonvino Staluzza
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia

Dedico esse trabalho à minha mãe Célia, minha luz para todos os
momentos.

À minha família que sempre acreditou em mim.

Aos meus amigos que tornaram esta caminhada mais fácil e alegre.

À minha orientadora Grenissa pela confiança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Arquiteto do Universo por permitir que o ser humano tenha desenvolvido essa maravilhosa e surpreendente capacidade de dialogar com o mundo por meio da linguagem.

À minha mãe Célia que em nenhum momento me deixou desamparado e me deu forças para nunca desistir dos meus sonhos.

À minha família que sempre acreditou na minha capacidade acadêmica e me incentivou a prosseguir nos estudos, especialmente minhas primas Laurianne e Shaira, minha tia Zélia, meu irmão Pirilo e meu pai Sebastião.

Aos meus amigos que diversas vezes me ajudaram com trocas de experiências e momentos de frustração ou alegria.

Ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, especialmente aos professores e colegas de mestrado pelas contribuições e discussões teóricas.

Aos professores Antônio Fernandes Junior e João Bôsko Cabral dos Santos por suas relevantes contribuições no Exame de Qualificação.

A minha orientadora e companheira Grenissa por sempre estar presente em todos os momentos que precisei para a realização deste trabalho (inclusive finais de semana e feriados) e por ser uma profissional que admiro bastante pela pontualidade e agilidade com o seu trabalho.

Ao meu orientador do exterior Dominique Garand pela confiança durante o estágio de pesquisa em Montreal no Canadá.

Ao professor Guilherme Figueira Borges pelos direcionamentos teóricos valiosos na construção do pré-projeto de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.

Ao programa de estágio sanduíche ELAP/Montreal/Canadá pela oportunidade de realizar um dos meus maiores sonhos de conhecer o Canadá.

É ingênuo pensar que no ato de olhar-se no espelho há uma fusão, uma coincidência do extrínseco com o intrínseco. O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; *quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos* e desde o meu interior; *vejo a mim mesmo com os olhos do mundo* – estou possuído pelo outro (BAKHTIN, 1992, p. 35, itálicos nossos).

RESUMO

O discurso da crítica literária universitária está intrinsecamente relacionado ao discurso literário, nesse caso, o aspecto crítico se refere à instauração de um discurso analítico e interpretativo (o da crítica) sobre outros discursos (o literário). Assim, objetivamos com a pesquisa “Relações dialógicas da crítica literária universitária: sobre Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*” analisar a constituição dialógica e interdiscursiva de duas críticas literárias universitárias recortadas do *Suplemento Literário de/do Minas Gerais*, especificamente das obras *O sertão e o mundo*, de Antonio Candido (1967), e *Os patamares da fabulação*, de Walnice Galvão (2006) para mostrar o funcionamento social, histórico e ideológico do gênero do discurso artigo crítico literário, uma vez que ambas foram escritas por professores universitários e referem-se a propriedades linguísticas da obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Nesse sentido, as análises se fundamentam sob os pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva dialógica da filosofia da linguagem pensada pelo Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006) – especialmente as noções de *diálogo* e *gênero do discurso* e, também, aproximações com a Análise do Discurso de linha francesa, especificamente as contribuições de Dominique Maingueneau (2005; 2012) no que concerne, predominantemente, às concepções de *discurso literário*, *ethos* e *interdiscurso*. Para tanto, construímos interfaces do discurso da crítica literária universitária com outras áreas do conhecimento, como a Teoria Literária, a Filosofia, a História e as Ciências Sociais para se pensar o texto literário enquanto discurso. Inicialmente, evidenciamos as condições de produção da crítica literária universitária, tais como as principais correntes de críticas, constituição do gênero do discurso, fundamentos sobre a notícia e crítica ideológica. Ainda, reunimos prolegômenos para a constituição de uma discursividade rosiana, como as condições de produção do dizer, a posição de *Grande Sertão: Veredas* na historicidade da literatura brasileira, as imagens no discurso (*ethos*) do autor e sua obra e a recepção destes na universidade. Além disso, discutimos sobre o princípio dialógico e o primado do interdiscurso, assim como suas confluências e divergências epistemológicas para refletir sobre a proposta de um procedimento metodológico de análise e eleição de critérios de recorte do *corpus*. Por último, selecionamos *sequências discursivas* de ambas as críticas supracitadas e analisamos o imbricamento dos discursos filológico, estilístico, marxista, estruturalista e institucional com o discurso sociológico – em *O sertão e o mundo* – e discurso da crítica literária – em *Os patamares da fabulação*. Constatamos que o funcionamento do gênero artigo crítico literário acontece a medida em que o sujeito é constituído no discurso, inscrito em uma instituição (neste caso a universidade), a partir das condições sócio-históricas-ideológicas de produção que autorizam critérios de análise válidos e não-válidos, pois decorre da presença de atravessamentos de discursos *outros* nos dizeres.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Círculo de Bakhtin; Dialogismo; Interdiscurso; crítica literária universitária.

ABSTRACT

The discourse of academic literary criticism is intrinsically related to literary discourse, in which case, the critical aspect refers to the establishment of an analytical and interpretive discourse (the criticism) of other discourses (literary). Thus, we aimed to research "dialogic relations of university literary criticism: on Guimarães Rosa and Grande Sertão: Veredas" analyzing the *dialogic* and *interdiscursive* formation of two cut academic literary criticism Suplemento Literário de/do Minas Gerais, specifically the works *O Sertão e Mundo*, Antonio's Candido (1967), and *Os Patamares da Fabulação*, Walnice's Galvão (2006) to show the social, historical and ideological of the literary critic article discourse genre, since both were written by university professors and refer the linguistic properties of the work *Grande Sertão: Veredas* of João Guimarães Rosa. In this sense, the analyzes are based on the theoretical and methodological principles of the dialogic perspective of philosophy of language designed by the Circle of Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006) - especially the notions of *dialogue* and *gender of discourse* and also approaches with French Analysis of the Discourse, specifically the contributions of Dominique Maingueneau (2005; 2012) concerning predominantly the literary discourse of ideas, *Ethos* and *interdiscourse*. For this, we build speech interfaces university literary criticism with other areas of knowledge, such as Literary Theory, Philosophy, History and the Social Sciences to think about the literary text as discourse. Initially, highlight the conditions of production of university literary criticism, such as the main currents of criticism, discourse genre constitution, fundamentals on the news and ideological criticism. Still, gathered prolegomena for the establishment of a Rosa's discourse, as production conditions mean the *Grande Sertão: Veredas* position in the historicity of Brazilian literature, the images in the discourse (*Ethos*) of the author and his work and the reception of these in university. In addition, we discussed the dialogic principle and the rule of interdiscourse, as well as their confluences and epistemological differences to reflect on the proposal for a method of analysis and election of *corpus* cut criteria. Finally, we selected discursive sequences of both the above critical and analyze the overlapping of the Philological, Stylistic, Marxist, Structuralist and Institutional discourses with the sociological discourse – *O Sertão e o Mundo* – and speaking of literary criticism – *Os Patamares da Fabulação*. Found that the operation of the literary critic article genre happens to the extent that the subject is constituted in the discourse, enrolled in an institution (in this case the university), from the socio-historical and ideological conditions of production that allow valid assessment criteria and non-valid because it arises from the presence of crossings of other discourses in the words.

Key-words: Discourse Analysis; Bakhtin's Circle; Dialogism; Interdiscourse; University Literary Criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
i) Justificativa da pesquisa.....	10
ii) Rota teórica.....	18
Capítulo I – CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA	
1.1. Por uma teoria da literatura e da história.....	22
1.1.1. Da filologia, estilística e marxismo às novas críticas.....	26
1.1.2. A efervescência intelectual: o estruturalismo e as novas críticas.....	35
1.1.3. Em ruptura com as imanências: o discurso e suas instituições.....	44
1.2. Por um gênero do discurso relativamente estável: o artigo crítico.....	52
1.3. Fundamentos da notícia e da crítica literária universitária.....	57
Capítulo II – PROLEGÔMENOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA DISCURSIVIDADE ROSEANA	
2.1. O lugar de Guimarães Rosa e <i>Grande Sertão: Veredas</i> na instituição.....	62
2.1.1. Pelas condições do dizer em Guimarães Rosa.....	62
2.1.2. <i>Grande Sertão: Veredas</i> e seu posicionamento na literatura.....	68
2.1.3. Imagens de Guimarães Rosa no discurso da crítica literária universitária.....	73
2.1.4. A recepção crítica de Guimarães Rosa e sua obra.....	83
2.2. Apontamentos sobre o <i>Suplemento literário de/do Minas Gerais</i>	88
Capítulo III – RELAÇÕES DIALÓGICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA: SOBRE GUIMARÃES ROSA E GRANDE SERTÃO: VEREDAS	
3.1. Posicionamento teórico-metodológico.....	94
3.1.1. O princípio <i>dialógico</i> do/no Círculo de Bakhtin.....	94

3.1.2. O primado do <i>interdiscurso</i> em Maingueneau.....	100
3.1.3. Confluências e divergências entre Bakhtin e Maingueneau.....	105
3.2. Desenvolvimento do procedimento metodológico e construção do <i>corpus</i> de análise.....	110
3.3. Análise do <i>corpus</i>	115
3.3.1. Introdução.....	115
3.3.2. Análise de <i>O sertão e o mundo</i> , por Antonio Candido (1967).....	115
3.3.3. Análise de <i>Os patamares da fabulação</i> , por Walnice Galvão (2006).....	124
3.4. Funcionamento do gênero artigo crítico literário.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXOS.....	155

INTRODUÇÃO

i) Justificativa da pesquisa

Apesar de o texto literário ter sido interesse de diferentes áreas do conhecimento devido a possibilidade de compreender o mundo através da linguagem, isso se modificou ao longo do tempo, ou como afirma Afrânio Coutinho (1994, p. 102), a literatura é “[...] um *work in progress* [trabalho em progresso], uma tarefa sempre em andamento, cabendo a cada geração refazê-la e completá-la”. Consequentemente, o movimento social, histórico e cultural gerou e continua a gerar concepções heterogêneas de definição e abordagem sobre a obra literária e, também, de diferentes críticas literárias.

Por exemplo, o escritor francês Sainte-Beuve (1804-1869), no século XX, produzia suas críticas em rodapés ou folhetins jornalísticos com a preocupação de valorizar as produções literárias publicadas. Formulava suas críticas com base em uma suposta intencionalidade, por meio da biografia do autor, que acreditava se materializar na obra. Essa prática foi reproduzida por outros escritores da época como André Rousseau, Anatole France, Edmond Jaloux, Émile Faguet, dentre outros. Contudo, os textos possuíam análises superficiais, subjetivas, sem embasamentos teóricos e caracterizavam-se como simples opiniões em formato de resenha isenta de um corpo epistemológico constituído e não efetivamente o que consideramos atualmente como críticas. Além disso, por vezes eram feitas por sujeitos que tinham alguma relação com o processo de produção do jornal como novatos nas letras ou pessoas de prestígio o que enfraquecia, ainda mais, os conhecimentos específicos dos autores.

Assim, as primeiras críticas, propriamente ditas, eram dedicadas às obras literárias e, predominantemente, os próprios escritores¹ criavam críticas sobre seus trabalhos ou de colegas. Com o decorrer do tempo, algumas críticas passaram a ser produzidas por especialistas, como professores de universidades, devido ao desenvolvimento tecnológico, econômico e mercadológico das Editoras, o que serviu de incentivo à eclosão do interesse de

¹ *Escritor-literário* e *crítico-literário* ocupam lugares diferentes no processo de produção do texto, como discutidos posteriormente neste trabalho. Enquanto o primeiro é constituído por determinações sociais, históricas e ideológicas particulares ao texto literário; o segundo se constitui, também, de inscrições institucionais e relações com o *outro* compostas por instâncias ideológicas da instauração de uma segunda linguagem (a do crítico-literário) sobre uma primeira linguagem (a do escritor-literário) (BARTHES, 2007).

leitores por análises mais técnicas e consistentes. Consequentemente, isso norteou, em alguns corpos editoriais, um espaço mais formalizado e padronizado para a publicação de críticas, ou até mesmo a desvinculação das críticas dos jornais para que pudessem desenvolver estudos especializados por profissionais da linguagem, com fundamentos teóricos e critérios de análise baseados em procedimentos metodológicos não somente descritivos, mas estilísticos, linguísticos, valorativos, discursivos o que gerou mais tarde, como veremos, o empreendimento da crítica literária universitária (STAFUZZA, 2014). Dessa forma, percebemos que as críticas não mantiveram as mesmas configurações ao longo da história, perpassando por uma série de fatores que afetaram a sua constituição.

Partindo deste panorama de transformações, acionamos para este trabalho as contribuições da abordagem discursiva de análise de obra literária para pensar sobre os elementos de constituição da crítica literária universitária. Para tanto, propomos as seguintes perguntas de pesquisa: quais as condições de produção da crítica literária universitária enquanto discurso? Quais os discursos atravessam as críticas literárias universitárias que validam a emergência do gênero discursivo artigo crítico literário? Quais as particularidades da crítica literária universitária? Como a crítica literária universitária funciona enquanto uma materialidade discursiva que faz valer a constituição da discursividade dos críticos-literários enquanto sujeitos? Quais relações que o discurso da crítica literária universitária mantém com outros discursos? Sob quais aspectos ocorre o desenvolvimento do gênero artigo crítico literário inscrito na instituição universidade?

Assim sendo, pretendemos evidenciar as particularidades do gênero artigo crítico literário que versa sobre as redes de relações validadas entre o discurso da crítica literária universitária e os discursos literários, uma vez que a crítica suscita um certo distanciamento do aspecto ficcional que se instaura nas obras literárias e se constrói sob instâncias epistemológicas². Assim, convergimos os nossos estudos para a busca de *condições de produção*³ que convalidam determinadas relações entre discursos literários e institucionais que fundamentam o funcionamento do discurso da crítica literária universitária.

² Chamamos de *epistemológico* em oposição à análise empírica do texto, pois pensar o texto enquanto discurso é se distanciar das análises somente linguísticas, ao passo que não se procura descrever e interpretar os gestos de escrita, mas compreender sob quais condições estes gestos puderam ser construídos para que tais sentidos tenham a autorização de serem produzidos daquela forma (MAINGUENEAU, 2012).

³ Michel Pêcheux (1993), em *Análise Automática do Discurso*, aborda o que se inscreve como a noção condições de produção a qual apoiamos aqui: “[...] enunciaremos a título de proposição geral que os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que esse funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido

Para refletir sobre estas problematizações, pensamos este trabalho como resultado da pesquisa de mestrado intitulada *Relações dialógicas da crítica literária universitária: sobre Guimarães Rosa e 'Grande Sertão: Veredas'*, como requisito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PMEL), pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão. O interesse desta pesquisa se deu pela preconização ao estudo do discurso da crítica literária universitária introduzido por Grenissa Bonvino Stafuzza (2014)⁴ em sua obra *O discurso da crítica literária universitária: sobre James Joyce e 'Ulysses'* o que justifica a inspiração na ordem e organização da conjuntura teórico-metodológica da presente dissertação.

No entanto, apesar de o objeto de estudo ser o mesmo, tal seja o discurso crítico literário, tratamos de um outro *corpus* pertencente a outras condições de produção, neste caso, não no ambiente crítico-acadêmico francês, mas no brasileiro. Além disso, tomaremos outras direções de abordagem metodológica, desta vez, trazendo as contribuições da interface de estudo da perspectiva do *dialogismo* defendida pelo Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006), enquanto uma teoria base, e da concepção de *interdiscurso* de Dominique Maingueneau (2005; 2012) como referência teórica complementar.

O discurso da crítica literária universitária está intrinsecamente relacionado ao discurso literário, nesse caso, o aspecto crítico se refere à instauração de um discurso analítico e interpretativo (o da crítica) sobre outros discursos (o literário). Assim, propomos reunir elementos que compõem as condições de produção do discurso em questão sobre a obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (2001), para analisar suas relações dialógicas com base na fundamentação teórico-metodológica, as aproximações da Análise do Discurso de linhagem francesa, especialmente a contribuição de Dominique Maingueneau (2005; 2012), e a perspectiva dialógica da filosofia da linguagem pensada pelo Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006). Assim, apresentamos neste trabalho, fundamentos para o desenvolvimento do gênero discursivo artigo crítico literário sobre Guimarães Rosa que

atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de 'condições de produção' do discurso" (PÊCHEUX, 1993, p. 78, grifo do autor).

⁴ STAFUZZA, Grenissa Bonvino. *Discursos da crítica literária universitária: sobre James Joyce e Ulysses*. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2014. Publicação resultante da tese de doutoramento defendida em 2009 no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Curso de Doutorado, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Araraquara).

envolve o itinerário analítico de *Grande Sertão: Veredas* produzida por professores nos anos de 1968 e 2006⁵.

Assim sendo, ao colocarmos em pauta a crítica literária produzida por professores universitários, notamos que o crítico se posiciona como um agente dotado de um conhecimento teórico que visa expor e discutir arcabouços teóricos e metodológicos de compreensão da obra literária baseados em critérios pré-estabelecidos pela tradição da academia – como as correntes filológicas, estilísticas, marxistas ou das novas críticas – e direcionado para um público – os alunos, professores, pesquisadores, grupos acadêmicos, etc. – que se presume saber articular esses critérios, mas que não possuem um suporte teórico tão aprofundado quanto o do docente.

Dessa forma, consideramos a crítica literária universitária distinta de outros tipos de críticas, como a jornalística, uma vez que está inserida em uma conjuntura institucional que rege determinadas limitações, tendências e públicos específicos. Enquanto a crítica literária universitária tem como interesse predominante os alunos como público de recepção e a instauração de um jogo de saberes entre discentes e docentes⁶, a crítica jornalística é pautada por um público mais amplo e heterogêneo de discentes, docentes, médicos, advogados, etc., no entanto, com regras próprias e singulares ao suporte jornal.

Dessa forma, assumimos que o suporte⁷ de divulgação de uma crítica também influencia na constituição das propriedades do discurso da crítica literária enquanto materialidade de emergência de discursos, apesar desse elemento não ser o objetivo principal deste trabalho. Uma crítica impressa como encarte de um jornal possui natureza e configurações distintas de uma crítica publicada em uma revista especializada em literatura, por exemplo, ao passo que a relação entre o crítico e o gênero artigo crítico literário será permeada por elementos característicos de cada veículo, envolvendo o público receptor, a condição de produção social, histórico, político, cultural, etc., além do grau de relevância e credibilidade que o suporte midiático apresenta.

⁵ Devido a existência de mais de 200 trabalhos sobre Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas* publicados nestes anos mencionados (OLIVEIRA, 1999) propomos a seleção de determinado suporte e conjuntura de críticas literárias para construir o *corpus* de análise, ação essa realizada durante a delimitação da rota teórica na seção seguinte.

⁶ Ressaltamos que apesar dessas diferenças quanto a constituição dos sujeitos na crítica de jornal e na crítica universitária, mencionamos este aspecto a título de demonstração contrastiva entre ambas.

⁷ A saber, o *suporte* que funciona como materialidade discursiva deste trabalho, neste caso o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, é atravessado por discursos a partir de determinadas condições de produção. Assim, consideramos relevante estender esta discussão somente aos aspectos que se relacionam com o *corpus* de análise, tal o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, enquanto condições de produção do discurso da crítica literária universitária e a articulação e constituição do gênero discursivo artigo crítico literário.

Com isso, propor um estudo do discurso da crítica literária universitária a partir do desenvolvimento social, histórico e ideológico do gênero artigo crítico sobre Guimarães Rosa (2001) se torna relevante, pois a obra em foco, *Grande Sertão: Veredas*, fora publicada em um momento de tensão no contexto⁸ histórico e social brasileiro, afetado pela Ditadura Militar, pela ascensão da Guerra Fria, e pelas recorrentes influências da Vanguarda Europeia dos pensamentos da *Nova Crítica*. Logo, *Grande Sertão: Veredas* fora escrita sob uma forma de pensamento que se distancia das abordagens dos subseqüentes mais de 47 anos de publicações de textos sobre Guimarães Rosa, o que possibilita ao analista evidenciar, sob as fundamentações teórico-metodológicas mobilizadas para este trabalho, as relações que o discurso da crítica literária universitária mantém com os outros discursos que se inscrevem sob determinadas condições de produção.

A saber, selecionamos as críticas literárias que versam sobre *Grande Sertão: Veredas* para este trabalho, por ser considerada uma obra multifacetada sob o olhar crítico-literário, com a presença de análises sobre o regionalismo e as diferentes características arcaicas e modernistas do autor-literário, singularidades que geram críticas muito divergentes e por vezes contraditórias ou controversas de acordo com o gradativo movimento das correntes do pensamento crítico dos estudos literários, prevendo-se, dessa forma, um aspecto de transformação da crítica literária rosiana.

Sendo assim, levantamos como objetivo geral da pesquisa: evidenciar as relações que o discurso da crítica literária universitária mantém com outros discursos que se inscrevem sob determinadas condições de produção para analisar o funcionamento e desenvolvimento do gênero discursivo artigo crítico literário a partir da fundamentação teórico-metodológica: a interface de áreas de conhecimento que possuem como interesse o texto literário, tais elas a Teoria Literária, a Filosofia, a História, as Ciências Sociais e o pensamento dialógico da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, especialmente as teorias do *dialogismo* e *gênero do discurso*, enquanto arcabouço basilar; e da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente as contribuições da rede conceitual de Dominique Maingueneau (2005; 2012) enquanto um suporte complementar para as análises.

⁸ Distinguímos aqui a diferença entre *condições de produção* e *contexto*. Enquanto contexto se trata dos acontecimentos sociais, históricos e culturais que se relacionam com o processo de produção do dizer, as condições de produção tratam, também, da inscrição do sujeito, das instituições discursivas, das instâncias ideológicas e das relações discursivas.

Assim, pretendemos contribuir com reflexões que sirvam de suporte teórico e metodológico para o auxílio de pesquisadores na análise dos artigos de críticas literárias, assim como repensar as modalidades de recepção destas críticas pelos leitores, especificamente sobre os estudos discursivos. Sendo assim, mobilizamos críticas literárias produzidas por brasileiros que versam sobre um autor mineiro a fim de atribuir mais visibilidade e relevância às pesquisas sobre obras nacionais na universidade sob uma perspectiva discursiva.

Para tanto, pensamos em pesquisar o universo de crítica literária brasileiro específico sobre Guimarães Rosa (G.R. de agora em diante), ao passo que é imprescindível estabelecer um apanhado geral sobre as críticas produzidas da obra de G.R. de modo contextualizado (consideramos a questão cronotópica da produção crítica – tempo e espaço) e focar especificamente nas correntes de crítica que mais se destacaram com estudos e publicações sobre a obra de Guimarães Rosa. Com isso, poderemos pontuar a escolha do *corpus*, mostrando a quais correntes de crítica literária os autores selecionados para compor o recorte do *corpus*, Antonio Candido (1968), em *O sertão e o mundo*, e Walnice Galvão (2006), em *Patamares da fabulação*, movimentam-se e produzem suas críticas.

Contudo, a bibliografia crítica de Guimarães Rosa apresenta um volume grande de material visto que fora divulgada por meio de teses, dissertações, artigos científicos, jornais, suplementos literários, revistas especializadas, entre outros formatos tanto em solo nacional como internacional, o que demonstra uma ascendente popularidade e um grande interesse da academia pelo estudo desse escritor que repercutiu desde a metade do século XX e ainda continua em constante desenvolvimento. Isso significa que para nós se torna inviável reunir e ler todo esse material no tempo desta pesquisa, o que exige que recortemos um determinado suporte de publicação e delimitemos, ainda, um período específico para que possamos apreciar o caráter qualitativo e não quantitativo das análises.

Para tanto, a presente pesquisa se concentra nas críticas produzidas por professores universitários presentes em dois corpos editoriais que representaram e ainda representam uns dos mais importantes órgãos de divulgação cultural do estado de Minas Gerais e do Brasil: a seção jornalística *Suplemento Literário do Minas Gerais*, vinculada ao *Jornal Oficial Minas Gerais* que era cargo de um órgão oficial do Estado de 1966 a 1993 (publicação semanal); e o

*Suplemento Literário de Minas Gerais*⁹, impresso independentemente como uma revista especializada a cargo agora da Secretaria de Estado de Cultura, durante o período de 1994 a 2014¹⁰ (publicação mensal), ambos na cidade de Belo Horizonte. Contudo, ainda assim, notamos que nesses dois veículos durante o intervalo de mais de 48 anos fora publicado mais de 200 textos relacionados com a obra e vida de G.R., isso se consideramos os que abordam o autor de forma explícita, uma vez que diversas produções sobre outros escritores também citam ou referenciam o escritor mineiro.

Com efeito, para este trabalho determinamos duas modalidades de *corpus*¹¹ de análise – selecionados do Acervo Eletrônico do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, um *macro-corpus* e um *micro-corpus*¹². O *macro-corpus* é formado por 20 críticas literárias da obra de G. R., sendo dez textos datados de 1967 a 1968 e outros dez de 2006. Com efeito, elencamos os artigos publicados que se referem à obra de Guimarães Rosa durante ambos os períodos supracitados no quadro ilustrativo que se segue. Organizamos os artigos em ordem cronológica: com indicação do código de identificação do *Acervo Eletrônico* do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, o autor ou organizador, o título do texto e a localização incluindo a paginação e o mês/ano de publicação, respectivamente:

Código	Autor	Título	Localização/ano
Publicações enquanto encarte do <i>Diário Oficial de Minas Gerais</i>			
12813	Rui Mourão	<i>Processo da linguagem, processo do homem</i>	v. 2, n. 53, p. 16- 17, set. 1967

⁹ O corpo Editorial do *Suplemento Literário* dispôs do seguinte texto, com as palavras de Luiz Vilela, para justificar a mudança do nome do jornal: “A mudança de nome do jornal [de *do* para *de*] foi em consequência de sua adoção pela Secretaria de Estado da Cultura no final de 1994, com o objetivo de continuar seu destino, já então histórico, de manter viva parte da tradição literária que os mineiros ostentam desde tempos imemoriais, o que pode ser comprovado nos testemunhos de personalidades de destaque na vida cultural brasileira que mostramos neste número, além de depoimentos do jornalista e escritor Humberto Werneck, que participa desde o início da saga do SLMG, de Ângelo Oswaldo, atual prefeito de Ouro Preto e responsável por uma das fases mais criativas do jornal, e da matéria elaborada pelo contista e romancista Luiz Vilela, que bem ilustra o espírito lúdico que sempre caracterizou nossa redação (*Suplemento de Minas Gerais*, 2011, Edição nº 1.337).

¹⁰ O material de análise pesquisado para esta pesquisa se limita às publicações anteriores ao mês de dezembro do ano de 2014.

¹¹ Ponderamos que abordamos neste trabalho a noção de *corpus* discursivo que, segundo Jean-Jacques Courtine (2009, p. 114), trata-se de um “conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido com referência a um certo estado das condições de produção do discurso”.

¹² O *macro-corpus* se refere às vinte críticas literárias que sustentam, nas análises, a contextualização social, histórica e ideológica das duas críticas selecionadas para compor o *micro-corpus*. Ressaltamos que ambas as subdivisões dos artigos críticos implicam em partir das relações dialógicas de um conjunto de textos (o *macro-corpus*) para a análise aprofundada do *micro-corpus*, uma vez que as análises são de cunho qualitativas e não quantitativas devido à complexidade do material.

12846	Laís Corrêa de Araújo	<i>Tutaméia, só Tutaméia?</i>	v. 2, n. 56, p. 7, set. 1967
12954	Organizado por Affonso Ávila	<i>OPINIÕES sobre a obra de Guimarães Rosa</i>	v. 2, n. 65, p. 2, nov. 1967
12957	Luiz Costa Lima Filho	<i>A (fragmentos) expressão orgânica de um escritor moderno</i>	v. 2, n. 65, p. 6, nov. 1967
12958	Fernando Correia Dias	<i>Geografia do Grande Sertão</i>	v. 2, n. 65, p. 6, nov. 1967
12960	Antonio Candido	<i>O sertão e o mundo</i>	v. 2, n. 65, p. 4, nov. 1967
12961	Organizado por Antonio Candido	<i>A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa</i>	v. 2, n. 65, p. 4, nov. 1967
12963	Benedito Nunes	<i>O amor na obra de Guimarães Rosa</i>	v. 2, n. 65, p. 7, nov. 1967
05640	Braga Montenegro	<i>Novelista Guimarães Rosa</i>	v. 3, n. 97, p. 2-3, jul. 1968
05954	Anderson Oliveira	<i>O modernismo do autor de "Grande Sertão: Veredas"</i>	v. 3, n. 117, p. 4, nov. 1968
Publicações enquanto revista especializada.			
19874	Affonso Ávila	<i>A autenticidade em Guimarães Rosa</i>	p. 6-9, maio 2006
19875	Heloísa Maria Murgel Starling	<i>Travessias sobre história e ficção em João Guimarães Rosa</i>	p. 10-11, maio 2006
19877	Eduardo de Faria Coutinho	<i>Da escolha à dúvida: a obra indagadora de Guimarães Rosa</i>	p. 15-17, maio 2006
19878	João Adolfo Hansen	<i>O sertão de Rosa: uma ficção da linguagem</i>	p. 18-21, maio 2006
19879	Kathrin Holzermayr Rosenfield	<i>O lugar de Grande Sertão: veredas na literatura brasileira</i>	p. 22-23, maio 2006
19881	Márcia Marques de	<i>Traições e " traição ":</i>	p. 26-29, maio

	Morais	<i>reticências no Grande Sertão: Veredas</i>	2006
19882	Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos	<i>Rosa a contrapelo</i>	p. 30-31, maio 2006
19883	Walnice Nogueira Galvão	<i>Os Patamares da fabulação</i>	p. 32-33, maio 2006
19884	Georg Otte	<i>O "Diário de Guerra" de João Guimarães Rosa</i>	p. 34-35, maio 2006
19885	Cleusa Rios Pinheiro Passos	<i>As "Voltas do contar Grande Sertão: Veredas"</i>	p. 36-38, maio 2006

Quadro 1: Fixação dos artigos selecionados para compor o *macro-corpus* de análise em ordem cronológica com indicação do código de identificação do *Acervo Eletrônico*, autor ou organizador, título e localização no suplemento.

Além disso, selecionamos duas críticas, dentre essas apresentadas no *Quadro 1*, para compor o *micro-corpus* de análise, *O Sertão e o Mundo*, de Antonio Candido (1967) e *Os Patamares da Fabulação*, de Walnice Nogueira Galvão (2006), por referirem-se, em comum, à criticidade da linguagem e autoria da obra rosiana *Grande Sertão: Veredas* em dois momentos históricos do suplemento: antes vinculado ao jornal noticiário, no ano de 1967; e, posteriormente, impresso em revista independente, no ano de 2006. Isso nos possibilita visualizar correntes de produção de crítica distintas e, conseqüentemente, permite a compreensão do desenvolvimento do gênero artigo crítico literário por meio das inscrições sociais, históricas e ideológicas. A saber, citamos outros artigos do suplemento para exemplificar ou demonstrar os alcances teóricos e metodológicos da pesquisa.

ii) Rota teórica

O suplemento publicou uma das maiores compilações de críticas literárias do Brasil sobre um mesmo autor que não perdeu forças durante os mais de cinquenta anos de existência desde o início da carreira de escritor de G.R. e que ainda está em constante ampliação. Isso

envolve um tratamento da sua obra sob diferentes modalidades de recepção do público¹³, em uma perspectiva histórica, visto que os críticos se encontram em épocas e lugares teórico-metodológicos por vezes diferentes e até controversos nesse momento maleável da introdução do pós-modernismo na segunda metade do século XX. Sendo assim, consideramos importante pontuar os alcances teóricos e metodológicos da nossa pesquisa para que possamos apresentar um caminho mais coerente de articulação entre o arcabouço epistemológico e o objeto de estudo.

Logo, ao pensarmos o objeto de estudo deste trabalho, não nos referimos somente ao texto nem tão pouco somente ao discurso da crítica literária universitária, mas aos elementos que se subscrevem para que os discursos da crítica literária universitária emergjam no texto e autorizem que determinados sentidos sejam produzidos, o que envolve aspectos translinguísticos, como a história, a sociedade e a própria literatura. Enfim, o nosso objeto de estudo se trata do *corpus* de análise enquanto uma materialidade discursiva que condiciona o funcionamento do gênero artigo crítico.

Nesse sentido, recorreremos ao estudo *O discurso da crítica literária universitária: sobre James Joyce e Ulysses*, de Stafuzza (2014), para pensarmos a noção de “interface” entre áreas do conhecimento distintas. Segundo a autora, somente o empreendimento da linguística, como é comumente associado os estudos com a língua, não dá conta da análise da constituição das propriedades desse objeto de estudo, portanto, necessita-se de “interfaces” com outros campos, como a filosofia, a história, as ciências sociais e a teoria literária, uma vez que esses possuem em comum o interesse do texto literário (STAFUZZA, 2014). Pensar um *corpus* sob uma perspectiva discursiva é compreender como uma materialidade funciona a partir de determinados fundamentos. Assim, decidimos nos concentrar nas relações dialógicas que permitirão evidenciar os elementos que estão além do léxico que possibilitam analisar a eclosão do gênero crítica literária universitária.

Para tanto, propomos discussões teóricas visando fundamentar teoricamente a dissertação. Para pensar em metodologia que contemple a visão dialógica da linguagem, acionamos a compreensão de Marília Amorim (2001) sobre as relações entre o analista e o *outro*. Assim, é por meio da metodologia dialética do Círculo de Bakhtin que operacionalizamos a relação do pesquisador com o *corpus* e do *corpus* com a teoria, sendo

¹³ Não nos referimos às *Teorias da Recepção*, mas ao público que recebe as críticas literárias enquanto sujeitos inscritos sócio, histórico e ideologicamente na instituição e funda o lugar do *outro* no discurso (BAKHTIN, 2006).

que o procedimento metodológico bakhtiniano considera o objeto da pesquisa, aqui, o discurso da crítica literária universitária, não como objeto em si, mas sim como sujeito que transforma o pesquisador por meio da interação na e pela pesquisa, ainda que o pesquisador eleja o *corpus* do trabalho. Sob essa perspectiva, Amorim (2001) observa que o *corpus* é o outro do pesquisador, que com ele se relaciona, portanto, a perspectiva dialógica da linguagem bakhtiniana propõe o procedimento metodológico dialético-dialógico para se pensar a linguagem. Com efeito, é a partir desta concepção dialético-dialógica que propomos refletir sobre a construção de um procedimento metodológico de análise dialógico e interdiscursivo para analisar o *corpus*.

Ainda, o procedimento metodológico bakhtiniano se distancia do tradicional procedimento metodológico positivista, uma vez que a abordagem dialético-dialógica procura relacionar, a partir de uma visão sócio-ideológica, o enunciado com a vida, tendo como base a arquitetônica de um projeto de dizer de sujeitos – e aqui, o *corpus* enquanto sujeito que fala –, ambientados em *cronotopos* específicos, constituído, portanto, por enunciados, sujeitos e sujeitos-enunciados em uma relação dialógica. O material desta pesquisa é o bibliográfico e se divide em dois tipos: i) o material teórico e bibliográfico; ii) o material analítico, que será composto por artigos críticos acadêmicos de professores que pesquisaram G.R. e *Grandes Sertões: Veredas*.

Assim, dividimos este trabalho em três capítulos que dialogam constantemente com o *corpus* de análise e com o objeto de estudo. No primeiro capítulo, levantaremos as condições de possibilidade para uma análise do discurso da crítica literária universitária no que concerne à obra de Guimarães Rosa, especialmente *Grande Sertão: Veredas*. Inicialmente, mobilizamos os dizeres de Dominique Maingueneau (2012) na obra *Discurso Literário* para conduzirmos quais os elementos devem ser apresentados para analisar uma obra literária, percorrendo as principais filiações literárias e as suas ligações com a perspectiva do discurso. Em seguida, tratamos as singularidades do gênero do discurso artigo crítico com as aproximações epistemológicas de Maingueneau (2005; 2012) e Mikhail Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006) para compreender o funcionamento do gênero do discurso e as suas relações com a história da literatura.

Já no segundo capítulo, pesquisamos sobre o universo rosiano para revelar o seu lugar na instituição, considerando, as condições sociais e históricas que permearam as produções do autor, o posicionamento de *Grande Sertão: Veredas* nos estudos literários, assim como a

imagem do autor construída na universidade e a legitimação do autor pela repercussão da sua recepção crítica. Ademais, buscamos sintetizar o histórico do suplemento, assim como, levantamos hipóteses para as relações da crítica literária publicada no jornal e na revista especializada.

No terceiro capítulo, buscamos apresentar uma reflexão das condições de produção enquanto fomento para as relações dialógicas do discurso da crítica literária universitária. Assim, abordamos a teoria do dialogismo pensada pela filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, bem como as aproximações e distanciamentos epistemológicos com a concepção de interdiscurso de Maingueneau (2005; 2012). Com essa abordagem, esperamos poder realizar uma análise efetiva do *corpus* para apresentar fundamentos ao desenvolvimento da crítica literária universitária em uma perspectiva discursiva.

Ainda neste capítulo, concentrar-nos-emos em um primeiro momento em apresentar os critérios para a construção do *corpus* e, em seguida, articular o modo de funcionamento do procedimento metodológico de análise dialógica e interdiscursiva. Ademais, demonstramos as análises de *O sertão e o Mundo*, de Candido (1967), e *Os patamares da Fabulação*, de Galvão (2006) com a finalidade de evidenciar as relações dialógicas pertinentes à constituição do discurso da crítica literária universitária. Além disso, encaminhamos alguns esboços de possibilidades de análises de outros artigos (*macro-corpus*) a fim de convalidar a imensidão de percursos em que o analista pode empreender mediante um mesmo objeto de estudos.

Passemos, portanto, para a redação do primeiro capítulo deste trabalho, com o interesse de reunir uma conjuntura de condições de produção que sustentam a emergência das críticas literárias de Guimarães Rosa. Inicialmente, consideramos importante esclarecer algumas terminologias concernentes ao trabalho que se situam nos campos da *teoria literária*, *literatura*, *história*, e *crítica literária*.

Capítulo I

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA

1.1. Por uma teoria da literatura e da história

Os movimentos intelectuais no Brasil na época de publicação de *Grande Sertão: Veredas*, na metade do século XX e os anos subsequentes, serviram de cenário para a publicação das críticas literárias sobre Guimarães Rosa e sofreram fortes influências das Vanguardas Europeias e dos movimentos artísticos do norte da América, principalmente, por meio de simpósios e publicações de obras com uma variedade de novas teorias sobre a compreensão da linguagem. Além disso, especialmente na França, os estudos literários não conheceram nada semelhante aos consagrados Formalismo Russo, ao Círculo de Praga, ao *New Criticism* anglo-americano, sem falar da estilística de Leo Spitzer nem da topologia de Ernst Robert Curtius, do antipositivismo de Benedetto Croce nem da crítica das variantes de Giafranco Contini, ou ainda da escola de Genebra e da crítica da consciência, ou mesmo do antiteorismo deliberado de F. R. Leavis e de seus discípulos de Cambridge (COMPAGNON, 2010).

Contudo, anteriormente em solo francês a produção teórica se manteve em uma espécie de hibernação com poucas tentativas de sobreposição da retórica clássica. Nesse sentido, pouco antes de seu falecimento, Spitzer atribuiu esse atraso teórico ao dogmatismo e dominação da tradição literária e intelectual francesa e também ao positivismo científico e a pertinência dos procedimentos metodológicos formais predominantes. Isso demonstra a ausência da introdução a uma disciplina de linguística mais precisa e um olhar mais atento para filosofia da linguagem que apresentasse fundamentos pertinentes ao texto literário como ocorria em outros ares europeus.

Não obstante, o panorama se alterou com a fundação de várias teorias nos anos seguintes que categorizou os anos sessenta como os mais promissores da teoria literária, ápice esse que ficou conhecido sob várias nomenclaturas – como *Nova Crítica*, *Poética*, *Estruturalismo*, *Semiologia*, *Narratologia* – o que alavancou a visibilidade dos estudos literários. Com efeito, o ato de utilizar teorias conquistou o espaço da universidade, institucionalizou-se e formalizou procedimentos metodológicos e técnicas de ensino, afetando

a nova crítica e os seus antecedentes, restando-lhes lugar às margens da atmosfera francófona. Sendo assim, pensadores como Michel Foucault, Roland Barthes, Jacques Derrida, Julia Kristeva e os demais do grupo editorial da *Tel Quel*¹⁴ no auge da teoria dos anos sessenta e setenta não tiveram sucessores de mesma escala e desenvoltura, contrariando o que muitos diziam ser a ruptura sólida com as tradições da retórica e da poética.

Mediante este quadro apresentado, parece-nos preciso esclarecer a noção de *teoria* enquanto prática de que iremos nos referir neste trabalho. A *teoria*, neste caso, da história da literatura, apesar de parecer uma disciplina nova, possui suas raízes desde Platão e Aristóteles quando categorizavam as constantes literárias na *República* e na *Poética* (hoje, *Poética* de Aristóteles). Ambos se interessavam em classificar as recorrências dos fenômenos literários a fim de almejar a literatura em uma amplitude universal a partir de obras particulares, como a *Ilíada* e o *Édipo Rei*, por exemplo.

Todavia, não produziam teoria da literatura, uma vez que tentavam formular normas para prescrever a literatura em si mesma, mas não realizavam um estudo ou pesquisa literária fundamentada sobre pressupostos teóricos e metodológicos. Dessa forma, seus objetos não eram a descrição das normas do texto, mas “[...] os discursos sobre a literatura, a crítica e a história literária, que ela questiona, problematiza, e cujas práticas organiza. A teoria da literatura não é a política das letras, mas de certa forma sua epistemologia” (COMPAGNON, 2010, p. 19).

Além disso, a teoria da literatura não se mostra constante e estável, ao passo que, como pondera Compagnon (2010, p. 20), “[...] uma teoria diria a verdade de uma prática, enunciaria suas condições de possibilidade, enquanto a ideologia não faria senão legitimar essa prática com uma mentira, dissimularia suas condições de possibilidade”, isto é, é estabelecida por uma instância ideológica. Nesse sentido, o filósofo Gustave Lanson já dizia que Ernest Renan e Émile Faguet, críticos literários precedentes, não apresentavam uma teoria literária pela carência de rigor, cientificidade e procedimento metodológico. No entanto, as

¹⁴ A revista *Tel Quel* foi publicada pela primeira vez em 1960 e se preocupou em sintetizar as ambições estruturalistas direcionadas ao estudo literário da época na França e não vinculada a algum partido político ou instituição. Assim, tinha como público alvo a vanguarda e pretendia influenciar na criação literária, especialmente em uma nova estilística estruturalista. Nesse sentido, apresentou estudos das vertentes de Lacan, Althusser e Barthes, com a finalidade de ultrapassar os limites e explorar novos campos de investigação na linguística. Nos anos de 1962 a 1967 a revista em foco passou por uma forte influência do estruturalismo formal, uma vez que esse período foi palco para a publicação, em 1966, da renomada obra *Critique et vérité* de Roland Barthes. Contudo, “se as grandes rupturas na história de *Tel Quel* se enxertam em orientações políticas, estas são, no entanto, secundárias para uma revista cuja estratégia e finalidade continuam sendo literárias” (DOSSE, 1993, p. 314), o que implica dizer que apesar de o foco da comissão organizadora de uma revista ser exclusivamente literário, há a influência de questões políticas de forma indireta.

correntes de teorias literárias logo reagiram ao positivismo da história literária de Lanson e à crítica literária de Faguet, pois cabe a esta primeira criticar os pressupostos das duas últimas, com efeito, emergindo uma *crítica da crítica*.

Dessa abordagem, passemos para uma melhor definição dessas três correntes de pensamentos supracitados. A *crítica literária* se refere a um discurso sobre as obras literárias que possui como efeito a descrição, interpretação e avaliação dos sentidos em um jogo de apreciação e julgamento das configurações concernentes à compreensão do leitor, trata do texto. A *história literária*, por sua vez, remete-se a uma disciplina acadêmica que busca evidenciar o discurso sobre os elementos exteriores que influenciam a leitura da obra, trata do contexto. Por último, a *teoria da literatura* exige uma explicação de todas as inquietações e problemáticas sobre a construção dos pressupostos de ambas (COMPAGNON, 2010, p. 21). Contudo, visto que essas explicações podem se desdobrar de acordo com a posição de cada analista, reage-se a não apreender uma teoria geral da literatura, mas *teorias* pertinentes, no plural¹⁵.

Outro aspecto que merece ser refletido é a distinção terminológica de teoria da literatura e teoria literária. Se por um lado a teoria da literatura designa a reflexão sobre as condições da literatura, da crítica literária e da história literária; é a *crítica da crítica*, ou a metacrítica (COMPAGNON, 2010, p. 21); por outro lado, a teoria literária se funda como uma crítica da teoria da literatura, isto é, o seu aspecto ideológico que escapa aos elementos linguísticos e recorre à história ou estética em busca dos modos de produção do sentido ou valor, por exemplo. Em suma, a teoria literária se faz valer enquanto uma prática no momento em que um conjunto de pressupostos e crenças são partilhados por todos pertencentes ao domínio da literatura, nossa próxima reflexão.

Apresentar um conceito seguro de *literatura* para adjetivar uma ou outra instância como “literária” ou dotada de “literariedade” não é uma tarefa fácil, pois a literatura é uma inevitável ressignificação de elementos históricos e sociais a princípio. A própria literatura é Literatura, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura. Seus limites, às vezes se alteram, lentamente, moderadamente, mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência (COMPAGNON, 2010, p. 45). Dessa

¹⁵ Ressaltamos que mobilizamos os conceitos de *crítica literária*, *história literária* e *teoria da literatura* e abordamos nesta seção com o objetivo de fomentar os caminhos percorridos para contextualizar e tornar mais precisa a definição de crítica literária no campo da literatura, história e epistemologia, com efeito didático de utilização das concepções ao logo da pesquisa.

forma, abordamos a concepção de literatura neste trabalho como a aceção de todo o cenário representativo das relações teórico-metodológicas concernentes ao texto (em oposição à enunciação) e suas filiações com a história, a filosofia, a teoria literária e a análise do discurso.

Consideramos importante abordar a concepção de *história* utilizada nos estudos literários que referenciamos neste trabalho. História é pensada aqui como as relações entre si dos textos em uma escala temporal e espacial, não no sentido de progresso ou decadência, mas das alterações das obras em vista seus contextos vigentes. Assim sendo, apontamos alguns esclarecimentos sobre este aspecto, partindo do pressuposto de que a literatura se constrói pela história que a envolve, ou em outras palavras:

O texto literário como documento da história ou a história como contexto que atribui significado ao texto literário são caminhos que podem colidir no congestionamento da mão única por onde enveredam. Neste sentido, reflexo, expressão, testemunho, articulação, influência e termos similares são o léxico que costuma vincular o texto literário ao que há de coletivo e social para aquém e para além de suas páginas. Aliás, a escolha de um ou de outro termo já implica não só menor ou maior grau do entrelaçamento postulado entre literatura e história, como também e sobretudo o modo como se postula tal entrelaçamento (MALLARD, 1995, p. 21).

Assim sendo, a teoria literária reage à história literária por essa última não integrar a literatura nos processos históricos e isso faz com que ambas se situem em lugares diferentes, encontrando-se em um ponto comum: a literatura possui uma dimensão histórica, ou melhor, a literatura “[...] fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 1999, p. 21). Já a crítica histórica, desdobramento do romantismo, defende que o escritor e sua obra são compreendidos em sua situação histórica, aspecto este que mais tarde foi compartilhado pela filologia e pela história literária.

Distinguimos, também, *história da literatura*, francesa, e *história literária* lansoniana para uma melhor utilização dos termos. A primeira trata de um apanhado de produções e manifestações artísticas de um determinado recorte temporal que oferece um panorama cronológico dos principais cernes literários (obras, escritores, ideias), assim, um sentido mais restrito; já a segunda se remete a uma disciplina, preconizada principalmente por Gustave

Lanson, de cunho filológico, aplicado à literatura como instituição a fim de reconstruir uma civilização passada por meio da sua situação histórica, dessa forma, um sentido mais amplo.

Ainda, no final do século XX, a história literária se institucionalizou e tornou-se uma disciplina universitária em oposição à crítica literária a qual foi acusada de ser dogmática e impressionista. Assim, a maior distância entre essas duas correntes em tela está na conjuntura entre o posicionamento frente à literatura, de um lado, sincrônico e universalista em que se exclui a história da obra e a toma na contemporaneidade do receptor atual; e por outro lado, diacrônico e relativista em que a obra está inserida em um processo cronológico da história. Nesse sentido, a história literária se direciona para a objetividade dos fatos, à análise das correlações entre elementos do passado, pois, segundo a tese de Lanson, é mais importante se deparar com a obra em seu tempo de produção do que na atualidade do leitor; ao passo que a crítica literária busca julgamentos de valor e convalidações a partir do lugar social e histórico do analista.

Após esses esclarecimentos terminológicos sobre a atmosfera da teoria literária que servirão de suporte epistemológico para os imbricamentos com os estudos discursivos, seguimos nosso trabalho delineando o itinerário da pesquisa para analisar obras literárias segundo a sugestão de Dominique Maingueneau (2012) em sua obra *Discurso Literário*. Segundo o autor, para se compreender o texto literário sob a perspectiva discursiva é preciso pontuar os contrastes que a Análise do Discurso possui com as outras abordagens precedentes. Com efeito, mostramos a relevância das “interfaces” com a literatura desde os primeiros estudos filológicos até a emergência do discurso nos estudos da linguagem, suficientes para uma análise do discurso da crítica literária universitária.

1.1.1. Da filologia, estilística e marxismo às novas críticas

A filologia já se preocupou, em suas origens, com algumas questões que também já foram pauta da Análise do Discurso que temos hoje, evidentemente, a partir de pressupostos distintos. Desde antes, os gramáticos alexandrinos, por exemplo, já pensavam a exterioridade histórica do texto literário como possibilidade de análise, o que foi refinado com a abordagem filológica, ao passo que buscava restaurar a consciência dos autores por meio do aparato histórico que o envolveu. Nesse sentido, apresentava uma metodologia detalhista de crítica textual relevante para a reconstituição do passado a partir dos vestígios encontrados no

material. Todavia, a carência dessas informações produzia um contexto impreciso e disperso, como os estudos da Bíblia para reparação nos textos de Homero. Mais tarde, algumas tentativas da filologia se estenderam para outros desdobramentos, como a *crítica genética*.

A filologia e a crítica genética partilham alguns pressupostos sobre a compreensão da gênese da escritura, contudo apresentam algumas contradições, visto que enquanto a primeira nasceu no contexto positivista de ordem e estabilidade da primeira metade do século XX, a segunda surgiu nos anos sessenta deste século durante a introdução da efervescência estruturalista e das novas críticas. Isso significa que apesar de a filologia ter servido de inspiração para a crítica genética, houve uma reformulação da problemática e metodologia dialogadas com outros campos além de oferecer como original o estudo dos manuscritos como um dado novo para a análise dos textos publicados. Nota-se que a crítica genética oferece uma problemática específica e com função de natureza de pesquisa distinta da filologia por aquela tomar o manuscrito como um processo de criação do texto. Nesse sentido, Willemart (1999, p. 198) elenca algumas distinções visíveis entre ambas as correntes:

Uma delas, [a filologia], lida com a variante, o texto original, o desvio ou o erro; a outra, [a crítica genética], com lições, textos múltiplos e pluralidade cultural. Uma segue o modelo rígido lachmaniano ou o mais flexível de Bédier no estabelecimento dos textos; a outra, procurando seu modelo, defende os rascunhos, o prototexto, o uso do hipertexto, as sinopses e os textos integrais. Uma comenta as mudanças singulares, as variantes; a outra investiga os processos de criação.

Assim, não se deve tomar essas duas correntes como uma variação da outra, pois se configuraram em contextos e lugares epistemológicos distintos, além de tratarem de objetos diferentes. A realidade estudada, o resgate dos traços históricos do passado, pode ser a mesma, mas a filologia, por um lado, preocupa-se com a restauração das civilizações passadas por meio das análises das inscrições históricas; e a crítica genética, por outro lado, integra a perspectiva estruturalista nos estudos da gênese do manuscrito para detectar vestígios do percurso da elaboração da obra literária ou artística.

Com efeito, essa vertente filológica clássica confluía sob duas nuances metodológicas: por um lado, uma definição *estrita*, de natureza técnica e com pressupostos sólidos e pragmáticos; por outro lado, uma definição *ampla* com marcas etnográficas, em que se voltava para um aspecto abstrato de idealização da possibilidade de, por meio da expressão dos documentos, restituir, aparelhada por uma hermenêutica, o passado em sua totalidade (MAINGUENEAU, 2012, p. 15).

Assim, a filologia se concentrou em analisar materiais produzidos anteriormente à Idade Média na tentativa de recuperar a constituição das civilizações antigas pelo texto literário, situando-se em um lugar ocioso, pois os estudos das antiguidades estavam a cargo de outras disciplinas, como a História, a Etnologia, etc. Com efeito, a Linguística Moderna¹⁶ ganhou espaço sobre essa corrente e, após a Primeira Guerra Mundial, ambas tomaram rumos variados: enquanto a filologia se preocupava com o isolamento da obra antiga e sua inscrição na história; a linguística se voltou para o estudo estético das obras contemporâneas. Nesse sentido, o olhar filológico para a obra literária obteve repercussão nas faculdades de Letras francesas ao realizarem investigações históricas das línguas antigas e medievais, e promoveu-se como parte essencial no ambiente universitário. Em suma, Maingueneau (2012, p. 16-17) esclarece o papel do filólogo nesse período:

Diante de um texto antigo, o essencial do trabalho do pesquisador filólogo consistia, com efeito, em reconduzi-lo à sua identidade primeira, em recuperar a versão mais original possível em seguir suas transformações. Por sua vez, o professor procurava atenuar, até mesmo suprimir, mediante diversos procedimentos, a opacidade multiforme (linguística e histórica) que barrava seu acesso ao leitor moderno. Diante de um texto recente cuja compreensão parecia não ser uma perturbação e cujas circunstâncias de desaparecimento eram facilmente acessíveis, uma filologia desse tipo tendia a permanecer muda.

Por conseguinte, se por um lado os textos antigos não possuíam informações suficientes para se compreender a problemática de autoria, e assim os filólogos possuíam uma tarefa de investigar, por outro lado os textos modernos eram dotados de um autor identificável. Logo, esse analista deveria elencar elementos temporais e específicos sobre a representatividade do escritor, o formato em que expressam seus pensamentos e sentimentos em sua época, sobretudo pelo fato de os filólogos levarem em consideração que a literatura era um reflexo da sociedade.

Diante dessas problemáticas sobre o texto, outra saída foi estabelecer a *hermenêutica* e a *interpretação alegórica*. Essa última consiste em reduzir a intencionalidade do autor ao estilo por meio do “deciframento” das figuras que instauram a intenção oculta da obra. O procedimento metodológico, então, remete-se em separar o texto de seu contexto original o que veta o acesso ao autor e permite qualificar as interpretações como mais ou menos convenientes com a atualidade do analista. Então o processo examina o passado segundo os vestígios do presente, isto é, uma segunda extração dos sentidos que pode ser ou não

¹⁶ Referimos aos pressupostos preconizados por Ferdinand Saussure (2003).

compatível com os almejos do autor no momento da produção. Contudo, isso faz com que a intenção se disperse com a ausência do contexto. Com efeito, a filologia considera esse isolamento como ilegítimo e dá espaço para a interpretação histórica como recurso à razão sobre a autoridade e a essa tradição.

Já a *hermenêutica*, como sumariza Maingueneau (2012), inicialmente era uma disciplina auxiliar da teologia voltada para a interpretação de textos sagrados, mas que com o decorrer do século XX aumentou o seu alcance para as demais modalidades de textos, o que contribuiu para o fundamento da filologia e dos estudos literários. Partindo da mesma problemática da interpretação alegórica, Maingueneau (2012) afirma que Friedrich Schleiermacher preconizou a filologia hermenêutica atribuindo como finalidade a essa corrente o restabelecimento da significação primeira de uma obra, isto é, a significação da obra de arte estaria conservada pela história na sua origem, no seu destino inicial.

Em suma, o pensamento de Schleiermacher, respalda Maingueneau (2012), representa a posição filológica (ou antiteórica) mais sólida, determinando rigorosamente a significação de uma obra pelas condições às quais ela respondeu em sua origem, e sua compreensão pela reconstrução de sua produção original. Segundo esse princípio, a história não somente pode, mas deve reconstituir o contexto original; a reconstrução da intenção do autor é a condição necessária e suficiente para a determinação do sentido na obra (COMPAGNON, 2010, p. 60). Desta maneira, um texto não poderia significar assim como na interpretação alegórica, pois a significação fora construída durante a produção do livro e com uma mesma configuração linguística do autor e sua obra. Com efeito, a linguística histórica ganhou mais espaço na pesquisa filológica.

No entanto, a exclusão de todos os elementos que não fazem parte do contexto original passou a ultrapassar a significação do próprio texto nesta corrente. Disso, Schleiermacher pensou no procedimento metodológico do *círculo hermenêutico* que tinha como finalidade estabelecer coerência entre o todo de um texto e o exame de suas partes (relação entre sujeito e objetos) a partir da hipótese de um sentido inicial dado e em um jogo entre o passado e o presente, procedimento metodológico que perdeu forças pelo fato de que nem todos os textos são coerentes entre si.

Mais tarde, Edmund Husserl afirma, com sua *fenomenologia transcendental*, que o círculo hermenêutico oferece condições de compreensão de um texto por meio de pressupostos projetados pelo leitor para alcançar o sentido. Além disso, Martin Heidegger

(1986)¹⁷ pondera, em sua *fenomenologia hermenêutica*, que a pré-compreensão (hipótese lançada sobre o sentido) não se dissocia da condição histórica do analista o que torna impossível a reconstrução do sentido no passado, sendo essa suscetível ao sentido do presente.

Partindo desse cenário filológico, Hans-Georg Gadamer defende em suas teses, publicadas em *Verdade e Procedimento metodológico*, de 1960, que as significações de um texto se modificam à medida que se alteram o contexto e isso está fora do alcance do autor ou do leitor. Isso significa que toda interpretação deve ser fruto de um constante diálogo entre o passado e o presente em relação com sua própria história. No entanto, a obra apenas foi publicada, parcialmente, na França no ano de 1976, o que prolongou o pensamento de que a significação refletia por si mesma, o que estava aquém da problemática da linguagem. Nota-se que a intencionalidade não dá conta do texto literário em sua produção de sentidos por não consistir de uma interpretação das condições de possibilidade da enunciação e sua inscrição na história e na recepção diacrônicas.

No entanto, essas exclusões das circunstâncias linguísticas externas ao texto interrompem o reconhecimento do lugar e do tempo enquanto condições de produção dos enunciados (MAINGUENEAU, 2012, p. 61). Então, houve o direcionamento da filologia para a literatura e a criação da *história literária* como promissora nas faculdades de Letras em solo francês. Ainda, fruto desses movimentos, a análise textual ficou nas mãos da estilística, um grupo de pensadores que almejam o estudo do estilo.

Se pensarmos na relação entre o texto e a língua, trazemos a noção de *estilística*, que se encontra no contraste entre a língua recorrente no social como um todo e a língua literária no meio-termo da linguística e da crítica, isto é, a cargo da *estilística*. Ademais, o estilo denota concomitantemente a particularidade de uma obra e sua inscrição em um determinado regrado de categorização (classe, escola, gênero, período, etc.) de acordo com a escolha dos procedimentos expressivos em um jogo entre a necessidade de uma variação da linearidade e uma liberdade de composição do itinerário da criação. Contudo, a noção de estilo demonstra uma abertura para uma gama de significações ambíguas, portanto, delinearemos pontualmente questões concernentes aos alcances desse termo em foco sob a perspectiva da literatura.

Apoiamo-nos nas palavras de Compagnon (2010, p. 165-170) para expor as considerações mencionadas acima: primeiramente, o estilo pode possuir *valor normativo*, um

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. Être et temps. Trad. Fr. Parcial. Paris: Gallimard, 1964; nova ed. Completa citada, 1986.

cânone em que serve de modelo para julgamentos de valor de suas produções descendentes; é também um *ornamento*, pois é a variação de um cenário recorrente e reconhecível, em um trabalho com os contrastes e as subversões; além disso, é um desvio ao uso corrente a fim de atingir uma peculiaridade (elegância, estranheza, espanto, etc.). Então, pode-se sustentar oposições quanto ao fundo e a forma, o conteúdo e expressão, matéria e maneira, em suma, dizer a mesma coisa em formatos linguísticos diferentes; é ainda um gênero ou tipo, deve-se produzir em prol da situação e ser adaptado a expressão em vista uma finalidade.

Além disso, é um *sintoma*, subdividindo-se em expressão objetiva e uma singularidade subjetiva que marca o sujeito do discurso. Isso implica em um valor de “mercado” e reputação, pois há na história da arte a necessidade de qualidade de estilo. Toda essa repercussão fez com que o estilo se desenvolvesse, ademais, nos estudos literários nessa vertente sintomática, especialmente com a estilística orgânica de Spitzer que apresentou um estudo da visão de mundo do sujeito como relevo sob a visão coletiva. Em consonância, o estilo enquanto uma visão, postulada por Proust, reitera a crítica da consciência e a crítica temática, uma versão mais consistente da estilística.

Por último, o estilo também é uma cultura, pois reafirma a especificidade própria de uma determinada comunidade e designa, ainda, uma submissão de um valor de domínio que instaura uma unidade com traços comuns de manifestações simbólicas. Isso implica em uma caracterização do coletivo que é reconhecida pelo seu estilo como um cenário global e que pode ser partilhado por todos. Logo, toda essa colocação sobre a concepção supracitada faz com que, separado ou em conjuntura, legitima-se um estilo literário, não se estagnando em relação ao movimento histórico.

O estilo como visão de mundo em resistência as ofensivas da utopia linguística da descrição do texto literário foram mais visivelmente representadas pela estilística de Leo Spitzer. Esta baseava-se no princípio da unidade orgânica do pensamento e da língua, ao mesmo tempo do ponto de vista da coletividade e do ponto de vista do indivíduo (COMPAGNON, 2010, p. 182-183), o que, com efeito, possibilitaria um diálogo entre a linguística e a história literária por meio da análise do desvio estilístico de um escritor.

Esse desvio se caracterizava como a exposição do traço de estilo, ou melhor, um elemento, independentemente de sua profundidade de detalhe, que é capaz de oferecer artifícios para a reconstrução de toda uma visão de mundo. Assim, Spitzer se interessa pelo princípio criador e suas relações com os detalhes periféricos ao refletir sobre a visão de

mundo do coletivo e do individual em uma perspectiva simbólica. Disso, percebe-se uma aproximação com a estilística dos temas de Proust em que acredita na união sistêmica entre linguagem e pensamento.

Nesse sentido, a consequência das lacunas do alcance da filologia fez com que se introvertesse a uma disciplina de análise de textos antigos. Todavia, como sintetiza Maingueneau (2012), na Alemanha a filologia era contornada por aspectos diferentes, de natureza hermenêutica, e teve como maior empreendedor, o já citado, Spitzer ao se opor a história literária e tomar a obra como uma “totalidade orgânica” e vitalícia em relação ao autor, isto é, o autor carrega consigo todo o cenário de sua época e da sua sociedade. Em contrapartida, esse olhar para a *estilística orgânica* resultou para um fechamento sólido na concomitante construção da consciência do autor e do mundo em que viveu enquanto uma unidade “viva”. Essa mesma perspectiva de Spitzer fora tratada na França por, principalmente, Marcel Proust (1994), em seu artigo *A propósito do estilo de Flaubert*¹⁸.

Nesse período, estavam em voga os historiadores que se detinham em situar as obras literárias sempre nos seus determinados lugares e tempos, enquanto que Prost se voltava para os elementos de composição da consciência do escrito, o que desvinculava a inscrição histórica. Assim sendo, sobre as concepções mencionadas de Spitzer e Prost (1994), Maingueneau (2012, p.20) conduz:

Trata-se nos dois casos de mostrar que a obra “exprime” a um só tempo sua época e a personalidade do autor. Mas a história literária pretende chegar a isso sem passar pelo estudo do texto; ela dirige seus esforços para o estudo erudito dos contextos de criação, ao passo que a hermenêutica filológica spitzeriana parte do texto para alcançar a “visão de mundo” do autor, e se possível, ao espírito de sua época de que essa visão participa.

Todas essas discussões acerca da tentativa de prolongamento da filologia por meio da perspectiva da estilística, faz-nos apreender que essas oscilações entre textos antigos e modernos, a convalidação ou exclusão da história e o estudo dos estilos e autores, “[...] é inevitável destacar a ausência de uma teoria do texto” (MAINGUENEAU, 2012, p. 21). Partindo desses pressupostos discutidos sobre a corrente filológica, passemos, então, para a corrente seguinte.

O pensamento Marxista se apropriou de alguns pressupostos filológicos para, em conjuntura com o cunho hegeliano, propor uma abordagem do texto literário, principalmente

18 PROUST, Marcel. A propósito do estilo de Flaubert. In: *Nas trilhas da crítica*. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1994.

na França, a partir dos conceitos de lutas de classe. Lucien Goldmann é o principal representante da abordagem do texto literário e seus reflexos sociais e históricos.

A saber, a teoria marxista não se vetou em partilhar as suas ideias para uma área do conhecimento humano, mas serviu de fio condutor para diferentes outras correntes teóricas. Assim, Lucien Goldmann interpretou a obra de Marx como ressoadas no pensamento trágico de Kant e em contraste à subversão do racionalismo de Pascal na sua releitura às problemáticas de Descartes, no século XVII. Esses vestígios esclarecem as aproximações e distanciamentos que Goldmann manteve com Lukács no que concerne as configurações do sujeito e as relações com o objeto no campo das ciências humanas.

Lucien Goldmann (1970) demonstra, a partir dos anos 30, interesse pelo investimento de Lukács, considerado como o fundador do estruturalismo genético, e utiliza como referência três obras para pensar a literatura sobre o viés da sociologia se pautando em alguns conceitos operatórios, no entanto, mantendo um posicionamento autônomo e selecionando “[...] não o que é o mais importante para o pensamento fenomenológico, mas o que ele podia incorporar à sua própria obra” (GOLDMANN, 1970, p. 229). Em *Alma e as formas* (1971), articula os primeiros passos da estruturação mental operatória; em *A teoria do romance* (1968), baseia-se no tratamento das formas épicas realistas e consciente; e em *História e consciência de classe* (1974), amadurece a sua teoria e introduz uma estrutura dinâmica significativa.

Com todo esse percurso, elabora com mais precisão uma estrutura mais abrangente que atribuiu uma relação homóloga entre a estrutura significativa e o romance. Dessa maneira, “[...] é o recurso ao marxismo que permite resgatar as análises literárias de Lukács em sua fase kantiana ou hegeliana e contextualizá-las através da investigação de sua gênese e de suas relações com a vida social” (FREDERICO, 1995, p. 151). Com efeito, introduz uma reformulação de algumas concepções de *História e consciência de classe*: a *totalidade*, a *identidade sujeito-objeto*, a *consciência empírica/consciência atribuída* e a *reificação*. Assim, fundamenta-se nesse cenário teórico para estudar a vida cultural manifestada na literatura, o que não é foco de Lukács.

Em seu estudo intitulado *Ciências humanas e filosofia*, Goldmann (1970) analisa a sociologia clássica e critica a estagnação dos fatos sociais resultado do positivismo, de Durkheim, a razão aplicada ao real, de Weber e propõe inseparabilidade entre sujeito e objeto em sua conjuntura teórica e prática, o que escapa ao legado marxista. Logo, ao examinar os textos de Marx publicados na *Gazeta Renana*, Goldmann revela um desdobramento duplo de

modos de análise: sociológicas (posicionamentos políticos) e éticos, que é apenas redesenhado com as publicações de *Ideologia alemã* e *Teses sobre Feuerbach*, de Marx.

Sendo assim, Goldmann (1970, p. 143) afirma que Marx ainda se vincula a uma base determinista para justificar as “categorias mentais que estruturam a consciência dos diferentes grupos sociais”. Isso implica, na oposição marcada de Marx ao pensamento dialético de Hengel em *Crítica da filosofia hegeliana do Estado*, em que contraria, como afirma o teórico, “[...] a exigência de um pensamento ao mesmo tempo positivo e radical que veria nos homens reais e nas instituições sociais (família, sociedade civil, Estado) o verdadeiro sujeito da ação histórica” (GOLDMANN, 1970, p. 145) na relação entre sujeito e predicado, por exemplo.

Logo, a falta do pensamento dialético aos marxistas ortodoxos afetou no tratamento do texto que calcado em um jogo entre a revolução filosófica e ideologia da massa, desencadeou a necessidade de um olhar para a gênese dos fatos sociais e tomada da teoria e da prática como uma unidade sobre sujeito e objeto. Isso apenas é percebido por Marx em *Teses sobre Feuerbach* a qual introduz “[...] as relações entre a teoria e a práxis, as constatações e as valorizações, o conhecimento dos fatos humanos e a transformação do mundo” (GOLDMANN, 1970, p. 149).

Então, preconiza-se o enfraquecimento do determinismo e introdução do sujeito coletivo enquanto um gênero humano, isto é, a definição das classes sociais. Assim, o autor em tela se apoia na obra marxista para ponderar sobre o materialismo histórico, permeado por Althusser, com a veemência de elaborar os caminhos futuros do pensamento de Marx. Nesse sentido, restaura a constituição das relações do homem no mundo como o início da estruturação de uma possível totalidade, ainda não social, mas de classes e de visões de mundo. Consequentemente, a obra produzida por Goldmann, após os anos 30, pauta-se na concepção marxista e da unidade social de Lukács, uma vez que a objetivação se detém além do sujeito e afeta, também, os empreendimentos estéticos e literários.

Em sua obra *O Deus oculto*, pondera que o texto literário é escrito a partir da retratação de uma visão do mundo do autor, aspecto puramente filológico. Assim, traz, nessa sua tese, a cientificidade marxista para definir essa visão de mundo enquanto uma consciência coletiva, isto é, para Goldmann (1959), as obras consagradas estabelecem padrões de cada classe social e dá coerência a cada sujeito inserido em uma coletividade no corpo social. No entanto, mais tarde ao publicar *Sociologia do romance*, repensa sua concepção e apresenta uma perspectiva mais flexível ao atribuir o coletivo a um mundo imaginário que permite a

singularidade do sujeito criador. Interessa-se, ainda nessa obra, em buscar pontos de encontro entre estruturas textuais diferentes em ordens de realidades diferentes, todavia, afastando-se da inscrição histórica nesse jogo entre a forma e o conteúdo.

Consequentemente, o marxismo se desvencilhou para outras direções: inicialmente recorreu à Psicanálise, marcado pela publicação de *Para uma teoria da produção literária*, de Pierre Macherey, em 1966, para refletir sobre as contradições ideológicas em uma obra não consistente; e em seguida para a dimensão institucional, preconizado por Renée Balibar em *Os franceses fictícios*, em 1970, ao pensar que a literatura está interligada diretamente a uma instituição (aparelho ideológico de estado). Ambas perspectivas serviram de cenário para o que seria considerado uma ruptura com a filologia tradicional, a sociologia do campo literário de Bourdieu (MAINGUENEAU, 2012, p. 24).

Partindo dessas considerações, percebemos que a busca por uma teoria mais precisa do texto sempre sofreu influências e o objeto de estudo não se manteve o mesmo no decorrer da história. Isso deu margem ao que seria uma das mais radicais rupturas nos estudos da linguagem: a era das estruturas, o despertar das novas críticas e o nascimento da perspectiva discursiva, nossos próximos tópicos de discussão.

1.1.2. A efervescência intelectual: o estruturalismo e as novas críticas

Ao falarmos de “nova crítica” nos referimos à conjuntura de abordagens das ciências humanas, em sua maioria distintas entre si, que possuíam em comum o impasse epistemológico com a história literária. A Sociologia de G. Lanson foi uma das tentativas não muito bem-sucedidas de aproximação da história literária com as ciências humanas por não as compreender em sua magnitude, por exemplo. Dentre os mais notáveis nomes dessa nova corrente se destacam: a dialética da consciência de Serge Doubrovski, os estudos fenomenológicos de Georges Poulet, as análises temáticas de Jean-Pierre Richard ou de Jean Starobinski, a busca das formas de Jean Rousset aliadas da psicocrítica de Charles Mauron, do “estruturalismo genético” marxista de Lucien Goldmann, da análise estrutural da narrativa ou das elaborações filosóficas da “escritura”, que se desenvolviam em torno da revista *Tel Quel* (MAINGUENEAU, 2012). Neste contexto, o estruturalismo possuía como particularidade a análise da imanência da língua, um relevo às outras abordagens vigentes.

A concepção de estruturalismo era relacionada, inicialmente, à ideia de arquitetura o que foi repensado e expandido por volta dos séculos XVII e XVIII, como afirma Dosse (1993, 15), “[...] o termo assumiu então o sentido da descrição da maneira como as partes integrantes de um ser concreto organizam-se numa totalidade. Pode abranger múltiplas aplicações (estruturas anatômicas, psicológicas, geológicas, matemáticas...)”. É preciso de um cuidado para classificar um pensamento como puramente estruturalista, pois segundo Dosse (1993), não é considerado uma escola, tão pouco uma disciplina, pois seus alcances e limites se transformaram ao longo do tempo atingindo o seu apogeu por volta do ano 1966 e o início de seu declínio no ano seguinte.

Todavia, a vigência do pensamento estruturalista se alastrou nas pesquisas universitárias, pois desencadeou um relevo pedagógico ao se permitir dialogar com outras disciplinas e funcionar como um contraste de relações entre as pesquisas anteriores e atuais. Assim, de acordo com Barthes (2007), desdobra-se nas principais vertentes: *científica*, preconizada por Claude Lévi-Strauss, Algirdas-Julien Greimas ou Jacques Lacan; *semiológica*, datado por Roland Barthes, Gérard Genette, Tzvetan Todorov; e *historicizada* ou *epistêmica*, introduzido por Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-Pierre Vernant.

O estruturalismo se contrapunha ao olhar para a consciência do criador, o que escapava aos vestígios existencialistas e psicanalíticos. Apesar de o marxismo também se encontrar nessa esteira de pensamento, mostrava-se ambíguo, de um lado o estudo sociocrítico de Goldmann e do outro o empreendimento de Althusser. Nesse sentido, a obra *Contra Sainte-Beuve*, de Proust, demarcou severas críticas ao alcance da história literária e fundou, com efeito, a crítica temática, que entrou em ascensão em meados dos anos sessenta.

Esse mesmo pensamento apareceu em *Estudos de estilo*, de Leo Spitzer, que apesar de ter se desenvolvido na década de vinte apenas ganhou visibilidade na França em 1970. Além disso, a nova crítica permitiu que os ideais dos estetas e criadores se aproximassem das pesquisas filológicas nas universidades, como, por exemplo, os trabalhos de Barthes.

Uma das mais fortes influências das novas abordagens críticas¹⁹, foi a *crítica temática*, em relevo, a publicação de *Por que a nova crítica?*, de Serge Doubrovski, em 1966,

¹⁹ O colóquio de Cerisy, realizado de 2 a 12 de setembro de 1966, marca o mais importante evento de divulgação e discussão das expectativas da nova crítica. Os vinte e oito trabalhos, produto das comunicações, dirigido por Georges Poulet, discutiu vários ângulos da situação literária com a finalidade de identificar estabilidades. No entanto, dois desses trabalhos se voltaram para uma crítica ligada ao formalismo russo: a de Gerard Genette, o

a qual apresentou a noção de tema como a relação singular entre homem e mundo no que concerne à sua visão de mundo. Isto demonstrou uma tenuidade com o estilo em sua concepção romântica, ao passo que a busca da subjetividade pela “visão do mundo da consciência criadora” revela, por exemplo, uma exclusão da instituição literária e do enfoque na enunciação, conseqüentemente, limitando o alcance da análise temática para um grupo de escritores que produzem sob os mesmos pressupostos que os analistas em uma condição temporal.

Partindo desse cenário, as investidas contra a história literária protagonizavam os movimentos intelectuais enquanto o estruturalismo gradativamente tomava espaço com seu pensamento sobre a imanência da língua. No entanto, a dificuldade em romper com a estética romântica influenciou na formação de seus pressupostos, como a desvinculação com os processos enunciativos e as práticas discursivas, revelando uma inspiração ao formalismo russo. Assim sendo, o mais notável introdutor do formalismo russo em solo francês, T. Todorov, acreditava ter rompido com os alicerces formais de sua época, mas apenas apresentou uma apreensão mais sólida da estética europeia, o que justifica a fácil articulação entre essa corrente e as abordagens temáticas nos anos sessenta²⁰ e setenta.

Contudo, essa vertente apenas iniciou sua instauração nas ciências humanas a partir do século XX, com os trabalhos de Spencer, Morgan e Marx. Mais tarde, Ferdinand Saussure (2003) se referiu ao termo em seu *Curso de Linguística Geral*, mas a palavra “estrutura” é de fato efetivada nos trabalhos da *Escola de Praga*. E é calcado nas contribuições desse mestre genebrino que pontuaremos o nosso ponto de partida para tratar do desenvolvimento estruturalista nos anos cinquenta, pois é considerado um dos maiores precursores da Linguística Moderna.

No decorrer dos anos 60, todos esses fôlegos que emergiam silenciosamente fizeram com que esses novos interesses traçassem em outros caminhos, no entanto, “[...] mesmo no apogeu do paradigma estruturalista, o ruído orquestrado pelas estruturas editoriais, as revistas

qual escapa ao estilo, mas lança uma crítica sobre a forma e o tema; e Jean Ricardou, o qual propôs uma reflexão acerca da exterioridade do texto literário (MAINGUENEAU, 2012).

²⁰ O movimento estudantil e operário de maio de 1968 desencadeou uma transformação na consciência da nova crítica das instituições universitárias as quais mobilizaram professores, estudantes e pesquisadores a elevar o que antes era marginal para o cerne intelectual. Dosse (1992, p. 141-142) aborda o “Pensamento 68” como a contestação universitária da *Faculdade de Nanterre*, liderada por dois nomes que demonstraram grande hostilidade a corrente estruturalista: o professor de sociologia Alain Touraine que almejava ação e mudança, especialmente do papel dos movimentos estudantis dos anos 60 e operários do século 19, contrário ao que defende Bourdieu; e o filósofo Henri Lefebvre, negador da história e aspirante a tecnocrático, desenvolveu uma crítica da sociedade e outras questões sociais. Ambos representaram um posicionamento marxista e excepcional frente a ascendência do ano estrutural.

e a imprensa em geral não deve fazer esquecer que a instituição tradicional continua ocupando a posição central da legitimidade” (DOSSE, 1993, 227). Nesse sentido, iniciou-se assim um processo de orientação gradativa da gênese para a *estruturalidade* do texto, colocando em evidência a imanência da perspectiva formalista russa e a separação da subjetividade e autoria.

Esse novo modelo de linguística estrutural ganhou forças ao ser equiparada aos procedimentos metodológicos de análise laboratoriais das ciências humanas, colocando em foco o funcionamento da configuração da língua e não a autenticidade e estética que marcou o início de um corte epistemológico característico da década, “[...] o fato de estudar uma obra isolada considerada como um organismo completo, apreendido em sua coerência interna, autossuficiente” (DOSSE, 1993, p.231-232). Frente a todas essas problemáticas, percebemos que não havia naquele momento histórico um interesse ou viabilidade pela formulação de uma teoria que dê conta do estudo do texto²¹ a partir de suas condições enunciativas e pragmáticas de produção e sua discursividade (MAINGUENEAU, 2012).

A linguística, nesse período, situava-se em um período de definição de suas fronteiras. Enquanto a filologia se voltava para a gramática histórica para tratar o seu *corpus*, os estudiosos do estilo recorriam às gramáticas descritivas elementares. Já a estilística (orgânica), de Spitzer, apoiava-se na metalinguagem da gramática para descrever os fenômenos das relações entre unidades do texto (palavras, frases) e organizar em categorias, excluindo todo o acesso à sua exterioridade.

Não obstante, um marco da inscrição estruturalista em solo francês, de acordo com Dosse (1993, p. 240), foi marcado pela publicação do número 4 da revista *Communications*, ainda em 1964, que permitiu a T. Todorov divulgar o artigo *La description de la signification en littérature*. Nesse trabalho, defendeu a abordagem formalista de que o nível do conteúdo se difere do nível gramatical sendo que esse último se encarrega do papel decisivo da significação calcado na semântica. Já Claude Brémont em *La Morphologie des contes*

²¹ Na Universidade de Nanterre, a difícil criação de um departamento de linguística introduziu perspectivas de modernização, uma vez que apesar de ser composto por alguns membros do PCF, se mostrou aberto a outras vertentes da linguística. Dentre os norteadores do departamento de Linguística de Nanterre, participaram Jean Dubois, Jean-Baptiste Marcellesi, Denise Maldidier e François Gadet que instauraram uma orientação lexicológica calcada na ideologia do discurso histórico e político. Então surgiram estudos relacionados às configurações do discurso, como as distinções entre enunciado e enunciação definidos por Dubois e Uriel Weinreich; os estudos sobre o discurso didático por Lucile Courdesse; as variações sociais da língua, por Gadet. Todas essas intervenções de análise do discurso buscavam reconhecer aspectos de variação lexical, como estudo do discurso político por Maldidier ou a análise das declarações de candidatura às eleições por Antoine Prost.

populares, apoia-se em Vladimir Propp para caracterizar a semiologia como independente da análise de conteúdo da narrativa.

Nessa mesma edição, Roland Barthes em *Les éléments de sémiologie* apresenta uma nova perspectiva sobre seus trabalhos anteriores (em busca da inauguração de uma ciência do homem), a semiologia enquanto uma nova ciência. Trata nesse trabalho um olhar científico para as teorias saussurianas e hjelmslevianas e apresenta um refinamento da semiologia como um desdobramento da linguística geral, com base na distinção entre esquema, norma e uso da língua. Justapõe em um mesmo nível de inseparabilidade o significante e o significado e conduz os limites da semiologia com o rompimento da história em uma perspectiva não-diacrónica e conotativa.

Em seguida Barthes publica, ainda em 1964, a coletânea *Essais critiques* em que define o estruturalismo “[...] não como uma simples reprodução do mundo tal como ele é, mas como gerador de uma nova categoria que não se reduz nem ao real nem ao racional” (DOSSE, 1993, p. 238), sendo assim, a compreensão das condições de produção do sentido se torna o cerne da semiologia vista como uma maneira moderna de se pensar a literatura²².

Ademais, não somente nas universidades, mas também nas mídias, a repercussão do estruturalismo ganhou um caráter institucional a ponto de, segundo Alain Touraine, distanciar a universidade do mundo social, e fechar-se em um contexto isolado e assumindo um papel não-funcional, ou em outras palavras, “[...] esse esvaziamento da vivência correspondem, aliás, aos princípios estruturalistas, os quais convidam a um corte epistemológico, teórico e científico com o objeto de estudo, e permitem assim a teorização do que está em processo de desenvolvimento” (DOSSE, 1992, p. 181). Isso implicou no pensamento crítico sobre as fissuras da corrente que se amenizaram, como ocorreu com a Vincennes²³.

²² Enquanto isso, a inserção da linguística estrutural na universidade nova, como a Paris-VII (Jussieu), fora reconhecida como ponto de encontro de diferentes disciplinas, como o próprio nome do departamento, *História, Geografia, Ciência da Sociedade*, denuncia um esmaecimento das fronteiras entre as ciências. A institucionalização do estruturalismo, segundo Dosse (1992), também se manifestou na Collège de France, liderado pelo projeto de Michel Foucault, no ano de 1970, em trazer para a universidade o pensamento crítico da história dos sistemas de pensamento devido o reconhecimento do sucesso de *As palavras e as coisas*. Além disso, o apogeu estruturalista também alcançou ares no continente americano, especialmente os trabalhos de Foucault na Califórnia e Derrida, por meio do simpósio realizado na Universidade Johns Hopkins em Baltimore.

²³ Essa fora uma universidade experimental, entre 1968 e 1969, a Paris-VIII, e foi considerada uma anti-Sarbonne, uma vez que defendia a busca por pesquisas ainda não realizadas, pela fuga do tradicional e principalmente pela pluridisciplinaridade. Ocorria, assim, uma tentativa de renovação por meio da modernização. No entanto, a procura de estudantes e professores fora alta a ponto de as verbas e recursos materiais não serem suficientes, e a divergência de pensamentos e ideias converteu a Vincennes em um terreno baldio, o fim de uma grande expectativa francesa.

Sendo assim, as correntes que ocuparam maior espaço nesse espaço intelectual foram: a *narratologia*, que somente emprestou alguns termos à linguística, mas não inovou de forma significativa; a *poética* jakobsoniana que ascendeu os princípios do formalismo russo e, portanto, apresentou um enunciado poético convergente com a epistemologia estruturalista; e o estudo com o *vocabulário*, pautado em uma abordagem lexicológica, a qual resgata algumas implicações da filologia para sugerir meios de interpretação dos fenômenos extralinguísticos.

Além dessas correntes, outras antes mesmo do ápice estruturalista do ano de 1966, permearam por uma linguística estrutural; o gerativismo de Noam Chomsky, em sua obra *Estruturas sintáticas*, de 1957; as tentativas de subjetivação da obra de Benveniste no ano de 1958; e as pesquisas sobre os dêiticos de Jakobson, em 1957. Durante a década de 50 e 60 o estruturalismo se mostrou como um conjunto de várias visões diferentes de sujeitos sobre realidades construídas, por isso não deve ser tomado como uma corrente constituída por elementos homogêneos.

Ainda, o momento estruturalista esteve em ascensão até o ano de 1966 o qual atingiu o seu cerne e revelou nomes consagrados como Louis Althusser e Michel Foucault que se propunham a trazer a perspectiva estruturalista para o estudo das ciências sociais. No entanto, a partir do ano de 1967, apesar de ter sido nesse ano o reconhecimento efetivo da mídia, os primeiros problemas epistemológicos surgiram e os ditos “estruturalistas” começaram a desconstruir e a repensar as fissuras dentro da instituição universitária, marcada pelo movimento de maio de 1968 na França.

Os princípios chomskyanos se manifestaram como os primeiros passos de uma radical ruptura com o estruturalismo. Ruwet publica no ano de 1967 sua tese de doutoramento intitulada *Introduction à la grammaire générative*, obra que deu visibilidade para Chomsky na França ao passo que era pouco conhecido. Traz, desta forma, os princípios da gramática gerativista com os trabalhos dirigidos para a sintaxe, recusada por Saussure e Jakobson até então, justificando a abertura para a ciência ser tomada como falsificável. Ademais, “o gerativismo estabelece a exigência de uma teoria explícita, precisa, que funcione à maneira de um algoritmo cujas operações podem aplicar-se mecanicamente” (DOSSE, 1992, p. 19).

No entanto, Chomsky não era direcionado para criticar o estruturalismo europeu, mas sim o do legado de Leonard Bloomfield e sua perspectiva distributivista pregada nos Estados Unidos, caracterizada pela descrição das regularidades encontradas nas decomposições dos enunciados e classificação das ordens de distribuição. Assim sendo, o gerativismo se tornou o

segundo alento do itinerário da linguística em solo francês, ao passo que fora visto como uma gramática revolucionária, entretanto, apesar de o sucesso ter sido temporário, marcou uma ruptura na configuração do campo semiológico.

No ano de 1967, Jacques Derrida publica *De la grammatologie* e *L'Écriture et la différence* que marcaram um abalo no pensamento estruturalista. Na introdução de *A origem da geometria*, de Husserl, Derrida se apoia em uma perspectiva fenomenológica para apresentar uma crítica ao historicismo e ao objetivismo, no qual pontua uma reflexão sobre o signo a partir de investigações lógicas. Nesse sentido, abandona a fenomenologia e se filia à esteira de Heidegger para iniciar um processo de desconstrução das principais obras estruturalistas em busca das falhas, dos “desfuncionamentos”, da pertinência dos limites ao conduzir o seu pensamento não para as preocupações epistemológicas, mas para o campo literário, especialmente pelas discontinuidades da escritura.

Assim sendo, a estratégia de Derrida possui como fundamento um jogo entre construção e desconstrução, entre aproximações e distanciamentos, ao passo que se insere no contexto de queda da dominação tradicional da Velha Sorbonne durante os anos 1967 e 1968. Nesse sentido, Dosse (1992, p. 39) afirma que:

O aspecto subversivo dessa estratégia permite, portanto, minar as bases da instituição vigente e radicalizar o combate conduzido pela corrente estruturalista, ampliar-lhe a base mediante a sutura de toda a reflexão crítica, seja ela lacaniana, foucaultiana, chomskyana ou althusseriana, e recuperá-la assim no campo da filosofia.

Derrida empreende, assim, segundo Dosse (1992), a desconstruir o empenho de Michel Foucault, ao afirmar que esse aborda o sujeito em sua superfície, por ser pertinente à história e encontrar-se fora da razão. Além disso, desconstrói Saussure ao retirar o foco do signo para a escritura; critica o empirismo da antropologia de Lévi-Strauss; e repensa a história da metafísica de Freud, ao passo que aponta a problemática de se interpretar certos elementos deslocados da trama textual, do “extratexto” a fim de montar um sistema hierárquico.

Em decorrência dessas desconstruções, Derrida aborda uma escritura distante do sujeito da produção dos sentidos tomado enquanto um referencial externo, a saber, percebido que insere a temporalidade nas estruturas. Durante a crise estruturalista após o ano de 1966, Émile Benveniste trouxe mais um alento para a linguística: a questão de se olhar para o

sujeito. Assim, distinguiu o sujeito do enunciado do sujeito da enunciação, acreditando haver dois planos da estrutura.

Por outro lado, se o estruturalismo se inspirou no formalismo das ciências exatas para compor o seu quadro epistemológico, o mesmo não aconteceu com sua manifestação na literatura que iniciou um processo de aproximação com a teoria literária, fenômeno este que teve como fruto a noção de *nouveau roman* que conduziu uma nova forma de relação entre a atividade crítica e criativa em solo francês durante os anos sessenta. O *nouveau roman* se apoiou nos modelos estruturalistas, ao recusar o sujeito e a história, e teve como uma das principais representantes, Nathalie Sarraute que ao publicar sua obra *L'Ère du soupçon*, em 1956, expôs o resultado da crise do romance ao sustentar uma ruptura entre o romance clássico e a incursão de um novo espírito crítico literário. Em suma, lê-se em Dosse (1992, p. 252), Sarraute:

Descola simplesmente a sua atenção, desconstruindo os arquétipos dos caracteres e personagens para melhor lhes captar a agitação íntima, a efervescência subjacente, especialmente através da subconversa dos tropismos concebidos como movimentos indefiníveis por trás do aparente fio condutor anedótico, reduzido ao estatuto de pretexto para se obter acesso, graças a uma relação de imediatismo psicológico, à infinita fragilidade do ego. Abertura para o *nouveau roman*, *L'ère du soupçon* ainda se inscreve na linhagem da renovação da escrita romanesca de Dostoiévski, Proust e Joyce.

Assim sendo, verifica-se que o *nouveau roman* se instaura na esteira do panorama atual das ciências sociais as quais se inspira “na sua descentração do sujeito, na sua contestação do eurocentrismo, numa configuração na qual a figura do *Outro* substitui a busca pelo *Mesmo*” (DOSSE, 1992, p. 252). Isso converge o estruturalismo em uma nova estética literária, ao passo que os teóricos se inserem em um domínio do prazer de escrever, na busca por uma moderna liberdade de criação. Todas essas transformações ganham impulso a partir do momento em que o *nouveau roman* recebeu visibilidade da mídia e pensadores como Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*, de 1955, e Alain Robbe-Grillet, com *Le voyeur*, no mesmo ano, recebem prêmios literários. Nesse sentido, referencia-se Dosse (1992, p. 253), esses escritores:

[...] traduzem o desejo de uma nova escrita romanesca, a rejeição das formas tradicionais do romance e o desafio que representa para os escritores o fato de se verem na obrigação de ir além de Proust, Joyce ou Kafka, que se apresentam como outros tantos monumentos insuperáveis. É preciso, portanto, encontrar um outro caminho para a nova geração, ancorado na modernidade.

Isso decorre porque o *nouveau roman* simboliza a deterioração da criação literária, isto é, o personagem clássico deixa de ser foco na narrativa romanesca e dá lugar ao aspecto discursivo da linguagem em sua totalidade enquanto uma imanência da língua fechada em um jogo de dissolução da realidade e da tentativa de representação. Ainda, Robbe-Grillet é considerado como a segunda representação dessa noção, ao passo que em 1953 reúne seus artigos escritos desde 1955 e os publica em uma coletânea intitulada *Pour un nouveau roman* a qual elenca alguns princípios críticos de suas próprias obras: *Gommes*, de 1953, e *Le Voyeur*, de 1955. Com efeito, tenta abordar o romance como objetivo e revela um gênero novo, fruto de uma paixão de escrever.

Assim sendo, Barthes se encontra na direção dessa perspectiva modernista da nova crítica e publica, também em 1955, um ensaio analítico com considerações positivas sobre a obra *Le voyeur*, do escritor supracitado, alegando que o texto demarca o imbricamento entre a criação literária e a reflexão crítica calcado em um formalismo radical. Isso permite a Barthes distinguir *escritor* (o mundo reflete na escrita) e *escrevente* (a escrita é o reflexo do mundo). Em suma, Dosse (1992, p.256) esclarece esse incurso:

Barthes desloca assim as fronteiras tradicionais e situa o *nouveau roman* e a *nouvelle critique* do mesmo lado, o do escritor, portanto, do lado da criação. Essa nova divisão permite conceituar a nova aliança em curso: a do crítico e do escritor, ambos reunidos numa problematização do fenômeno da escrita e dos diversos dispositivos da linguagem. Assiste-se assim a uma interação constante entre a teoria literária estrutural e a prática do *nouveau roman*, as quais se alimentam mutuamente de um afastamento similar do referente e das diversas figuras do humanismo clássico. O *nouveau roman* abandona a plausibilidade sociológica da narrativa para se dedicar a delimitar as variações das narrativas possíveis.

Isso implica em um estreitamento direto entre o *nouveau roman* e a nova crítica literária, permitindo uma ponte entre a literatura e o estruturalismo. No entanto, mais tarde, a relação entre Barthes e Robbe-Grillet se reconstrói, pois, esse relata que Barthes fizera uma má interpretação de sua obra em busca de um grau zero da escritura, ao passo que não havia pretensão de uma escritura objetiva, mas carregada de subjetividade. Contudo, esses acontecimentos permitiram que as ciências sociais e a literatura se apoiassem em um denominador comum: um olhar para as configurações da escrita percebida na intertextualidade.

Assim sendo, “no plano literário, esses autores mostraram o caminho a percorrer para deslocar as linhas fronteiriças do pensamento, transpor os limites e desestabilizar as crenças comuns, ao procurar os pontos de ruptura” (DOSSE, 1992, p. 259), sobretudo, em escapar a historicidade e se ater ao nível da atualidade. Isso se refere ao nascimento de uma nova estética, que coloca a atividade crítica e a criação literária em um mesmo plano, dando margem para a liberdade da criação literária. Sobre essas possíveis fissuras do estruturalismo, Maingueneau (2012, p. 34) pondera:

As ciências da linguagem seguiam assim uma orientação que as afastava das bases da abordagem estruturalista do texto literário. De um lado, ao voltar a ter por centro fenômenos propriamente gramaticais e, de outro, ao questionar uma interpretação redutora da oposição entre “linguístico” e “extralinguístico”. Esse duplo movimento tornou aos poucos impossível a busca de “homologias” entre sociedades e textos literários.

O movimento estruturalista fez com que surgissem problemáticas sobre a concepção de literatura que até então se encontrava periférica aos estudos literários. No entanto, com as novas abordagens, como os novos procedimentos metodológicos de Bakhtin, esmaeceram questões sobre as relações entre o *dizer* e o *dito*, o aspecto interno e externo do texto ou a estilística que se tornou uma particularidade da história literária.

Com efeito, aparenta uma necessidade de se observar a literatura de um posicionamento distinto, pois um objeto é construído a partir dos instrumentos instaurados pelo lugar que o sujeito o apreende. Isso significa que a obra deve ser analisada de acordo com a sua atualidade histórica e social, por meio dos procedimentos metodológicos direcionados ao seu itinerário de criação, a sua discursividade. Nesse sentido, Maingueneau (2012, p. 8) atribui o alcance da análise do discurso:

Conhece-se em particular tudo o que é feito em torno das práticas de leitura e dos quadros sociais e históricos de recepção, das condições materiais de inscrição e de circulação dos enunciados, de discursos produzidos pelas diversas instituições que contribuem para avaliar e dotar de sentido a produção e o consumo de obras literárias.

Isso induz-nos a pensar discursos de natureza literária. Todavia, isso demonstra instabilidade, uma vez que não há uma concepção categórica bem definida de discurso literário, pois ao mesmo tempo em que soa pragmático, varia temporal e socialmente. Assim sendo, resta consolidar uma discursividade literária, que apenas é possível com um estabelecimento de um recorte histórico, social e cultural que se inscrevem na obra literária

(MAINGUENEAU, 2012, p. 9). Sendo assim, passemos a seguir a discutir com maior detalhamento esse momento de transição de perspectivas.

1.1.3. Em ruptura com as imanências: o discurso e suas instituições

Após um período de reviravoltas no desenvolvimento estruturalista e as novas críticas, algumas fissuras começaram a aparecer com a instauração de problemáticas sobre as condições da comunicação literária e as inscrições sociais e históricas. Dentre essas fissuras, encontram-se as contribuições do Círculo de Bakhtin, que em uma tentativa de remodelar a atmosfera conflitante entre o formalismo russo e o sociologismo do marxismo enquanto inquietos com a história literária, repensa o incurso ideológico das teorias literárias tradicionais.

Em meados dos anos 60, segundo Dosse (1992), Julia Kristeva traduziu a obra de um dos participantes do Círculo, Mikhail Bakhtin, e expôs suas teorias na França expressando o seu desejo em desestabilizar a abordagem estruturalista, com a predileção de defender aquilo que está além do fechamento do texto, aproveitando as fissuras abertas pelo desconstrutivismo de Derrida, o gerativismo de Chomsky e as teorias da enunciação de Benveniste. Bakhtin (1981) no primeiro capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski* propõe uma discussão acerca do fenômeno da *polifonia* presente na obra de Fiódor Dostoiévski, o que foi ignorado pela crítica literária do século XX por utilização de procedimentos metodológicos de análise inadequados para a compreensão do conceito de polifonia. Em suma, esse conceito se trata de uma categoria filosófica voltada para a “[...] multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes” (BAKHTIN, 1981, p.4), isto é, “plenas de valor, que mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo²⁴” (Nota do tradutor, 2010, p.4).

Bakhtin desenvolve subsequentemente, assim, a ideia da existência de relações dialógicas nos textos a partir do estudo das obras de Rabelais, *Cultura popular na Idade*

²⁴ A *polifonia* é, além do mais, as vozes de diferentes escalas da realidade social emergidas como consciências independentes em um mesmo espaço discursivo, isto é, “a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimentos, mantendo a sua imiscibilidade” (BAKHTIN, 1981, p.5). Ademais, refere-se o termo equipolentes como as “consciências e vozes que participam do diálogo com outras vozes em pé de absoluta igualdade; não se objetificam, isto é, não perdem o seu ser como vozes e consciências autônomas” (N. Do T., 1981: p.5, grifo do autor).

*Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*²⁵, de [1965], que é percebida no translinguístico. Dessa forma, Kristeva vê no estudioso russo um caminho para dinamizar o estruturalismo vigente, baseando-se também na brecha aberta por Benveniste do estudo da subjetividade, e propondo a noção de intertextualidade ao distinguir narrativa monológica e narrativa dialógica. Essa perspectiva teórica influenciou em uma reorientação das pesquisas de Roland Barthes que prolongou a noção de intertextualidade para desconstruir a noção do signo, de cunho saussuriano, no campo literário já que Derrida se situa no campo filosófico.

Logo, em *S/Z*, Barthes (1999) reformula a relação escritura/leitura, e anuncia a problemática da morte do autor. Além disso, em 1970 demonstrou o seu fascínio pelo Japão na tese *L'Empire des signes* ao postular a intencionalidade entre significante e significado em um jogo de esvaziamento do referente, da perda do sentido. Não obstante, para pensar a noção de intertextualidade, Kristeva buscou também em Lacan a perspectiva do sujeito e do desejo para introduzir uma estrutura não explícita, mas inconsciente ao deslocar o seu olhar para o sujeito constituído pelas suas trajetórias históricas e pessoais. Nesse sentido, situou-se na linguística e buscou no quadro conceitual da psicanálise os processos de subjetividade.

Outras abordagens se mostraram relevantes para se pensar em uma introdução do discurso: a *teoria da recepção*, que pautada na relação entre autor e receptor que instauram em um processo dinâmico e inconstante o sentido que por sua vez não se encontra mais fechado em si mesmo (JAUSS, 1978). A exemplo, o historiador Roger Chartier recorreu à utilização de dispositivos de comunicação organizados para, a partir de uma posição do leitor, instaurar o sentido da obra. Nesse sentido, recusou ao isolamento da consciência criadora da obra ao acrescentar a cooperação do receptor (CHARTIER, 1992).

Outra corrente se remeteu a relação entre textos, a intertextualidade, que ganhou forças na década de sessenta com o aumento da visibilidade da teoria *dialógica* bakhtiniana. Nesse sentido, instaurou-se mais tarde os primeiros passos do que viria a ser a concepção de *interdiscurso*, noção referente aos pontos de cruzamento entre discursos de diferentes escalas (obras, gêneros), pontos estes que podem ser evidenciados no intertexto. Não obstante, na década de setenta, na França, a busca pela fuga da imanência do texto se manifestou, inicialmente, pela *sociocrítica*, preconizada por Claude Ducher em *Sociocritique*, de 1979, na qual o analista se debruçaria em recuperar a sociabilidade do texto literário através de todos os

²⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

elementos formais que o constituem – suas modalidades de organização, suas redes metafóricas, seu sistema de personagens etc. (AMOSSY, 2004, p. 63).

Nesse sentido, essa investida da *sociocrítica* apenas poderia se convergir com a análise do discurso que “[...] apreende os enunciados por meio da atividade social que os sustenta, remetendo palavras a lugares, distribuindo o discurso numa multiplicidade de gêneros cujas condições de possibilidade, rituais e efeitos têm de ser analisados” (MAINGUENEAU, 2012, p. 37). Se por um lado a *sociocrítica* (enquanto projeção do modelo da *psicocrítica*) é fruto de um prolongamento do pensamento estruturalista e ela oferece “leituras” possíveis dos textos literários; por outro lado a análise do discurso faz parte das ciências da linguagem e propõe montar um cenário de possibilidades de leituras autorizadas a partir de uma obra literária.

Logo, dessa convergência supracitada, a *sociocrítica* se encontra em um processo necessário de reformulação de sua arquitetura para tratar do discurso literário. Esse que se ocupa na confluência de dois pressupostos pouco explorados aos especialistas em literatura até então. O primeiro se refere ao fato de que a literatura possui uma gama de textos pertencentes ao território literário e que é considerada “comum” ao campo. Já a análise do discurso vai além da restrição desse território e direciona-se para as dimensões da discursividade, isto é, as manifestações do discurso independente da natureza dos textos (literários, não-literários).

O segundo pressuposto se remete à especialização dos estudos discursivos que faz repensar os papéis das ciências da linguagem e da estilística. Assim sendo, enquanto o estilista clássico se apoia não heurísticamente na linguística a fim de evidenciar suas intuições de leitor, a análise do discurso, situada nas ciências da linguagem, “ressignifica” a linguística e direciona os seus interesses para a busca de explicações das possibilidades de interpretação de materialidades. Com efeito, Maingueneau (2012, p. 39) conduz uma reflexão acerca dessas inovações:

Os avanços alcançados em matéria de gêneros do discurso, de polifonia enunciativa, de marcadores de interação oral, de processos argumentativos, de leis do discurso, de relações anafóricas e assim por diante, levam a postular em termos bem distintos as relações entre pesquisas sobre a língua e pesquisas sobre a literatura. Passa doravante a haver uma “ordem do discurso” específica, uma passagem obrigatória para toda compreensão do fato literário.

Essa “ordem do discurso” que Maingueneau (2012) se refere passa a fazer parte de uma visão inédita sobre o funcionamento da língua, agora não pensada em sua imanência, mas em sua discursividade, isto é, nas condições de enunciação, na pragmática e nas suas inscrições sócio-históricas, uma vez que o sentido não está mais fechado em si mesmo e dependente de uma única consciência criadora com uma “visão de mundo”, mas em tudo aquilo que pertence ao universo do discurso.

O discurso pode ser pensado em dois vieses, ou pelos valores clássicos da linguística, ou pela concepção que transcende a concepção de língua tradicional. É dessa última que nos debruçaremos a refletir a seguir. Dessa forma, para apreender o *discurso* dito como “literário” é necessário que descrevamos algumas “ideias-forças” que se encontram nos limites do discurso e da pragmática em relação à língua.

Para tanto, mobilizamos a reflexão de Maingueneau (2012, p. 39-40) para elencar pontualmente algumas dessas proposições do discurso: *i)* pode designar uma unidade linguística constituída por um conjunto de frases, concepção deixada pelo distribucionismo de Harris e sua “gramática do discurso”; *ii)* em oposição à “língua” considera valores virtuais, como uma orientação sociológica ou psicológica; *iii)* pode aproximar-se de enunciação, como dita Émile Benveniste, como produto da subjetividade do homem que fala; *iv)* em um nível superior, pode ser um uso restrito de um sistema partilhado pelos membros de uma comunidade linguística, assim como o próprio conjunto de textos produzidos por esse mesmo sistema.

Além disso, em um sentido mais amplo, especificamente no nível da linguagem e da semântica, o discurso possui algumas propriedades que cabem trazer aqui para se compreender sobre o estudo da obra literária. Mais uma vez acionamos Maingueneau (2012, p. 40-43) em seus dizeres em *Discurso literário* para elegermos didaticamente as categorias para a análise do discurso literário:

- i)* O discurso supõe uma organização transfrástica, isto é, significa além da frase, submete-se a regras de organização no nível da frase para atender a determinadas comunidades, os gêneros do discurso;
- ii)* O discurso é uma forma de ação, toda enunciação constitui um ato *ilocutório*, independentemente de ser verbal ou não verbal desde que participe do mundo que se considera que “reflita”;

- iii) *O discurso é interativo*, apesar de a conversação ser o modo de interatividade predominante, não é o único;
- iv) *O discurso é orientado*, pois é concebido em função de uma meta do locutor, em um tempo e um espaço, em foco uma destinação que não necessariamente possui uma linearidade estável de atividade responsiva, podendo, por vezes, participar de um jogo de antecipações ou de retornos por parte do locutor;
- v) *O discurso é contextualizado*, e o contexto é envolvido por uma discursivização da enunciação;
- vi) *O discurso é assumido por um sujeito*, suposto por um “centro dêitico”, fonte de pontos de referência de pessoa, tempo e espaço, além de uma atribuição da responsabilidade dos enunciados. Expectativa essa essencial para análise dos textos “dialógicos”;
- vii) *O discurso é regido por normas*²⁶, tanto gerais quanto específicas a partir de sua inscrição em gêneros do discurso para legitimação do dizer;
- viii) *O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso*, isto é, no ponto de atravessamento de discursos que permite que um enunciado seja remetido a outros enunciados.

Essas colocações esclarecem que ao tomarmos o texto literário como um discurso e não simplesmente como um texto imanente, faz-nos questionar sobre a instância da consciência criadora da obra, ou em outras palavras: “fazê-lo é renunciar ao fantasma da obra em si, em sua dupla acepção de obra autárquica e de obra fundamental da consciência criadora; é restituir as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas” (MAINGUENEAU, 2012, p. 43). Sendo assim, o que envolve o dizer está estritamente ligado ao dito no intertexto, isto é, a enunciação não se desprende da instituição literária a que pertence, ao passo que esse dizer funciona como um vetor que legitima uma posição sob determinadas condições de produção da enunciação.

Isso implica em um afastamento dos dogmas da estética romântica do jogo discursivo, pois não há mais fronteiras nítidas entre texto e contexto, e o conteúdo não é mais a expressão totalizada, mas o fruto de certas condições de enunciação no imediatismo do (com)texto. Então, para que a legitimação da obra ocorra, é preciso que ela organize o conjunto do processo de constituição de obras em função de uma antecipação de seu modo de

²⁶ Esta definição é uma das teorizações de Maingueneau (2012). Citamos a título de coerência de sua reflexão, mas ao contrapor-mos à teoria do Círculo de Bakhtin, redefiniremos este aspecto.

difusão. Mesmo em seus mais solitários trabalhos, o escritor deve, sem cessar, localizar-se naturalmente diante das normas da instituição literária.

Consideramos relevante, respaldados em Maingueneau (2012), situar as contribuições da *sociologia literária* de Bourdieu e da *Arqueologia* de Foucault no campo da análise do discurso literário para pensarmos a noção de *instituição discursiva*, no caso desta pesquisa, predominantemente a universidade. Decidimos inicialmente esclarecer alguns pontos de encontro e de convergência entre a sociologia do campo literário bourdieiriano e a análise do discurso literário. Se a sociologia da literatura articulava toda a movimentação social e institucional que envolvia a obra literária, Bourdieu coloca em evidência as estratégias que convalidam uma dada posição dos agentes no *campo literário* dominado por regras próprias. Esse campo literário possui certa autonomia frente ao espaço social, mas estabelece relações intrínsecas com a sua exterioridade de forma indireta.

Além disso, esse teórico avança o alcance da sociologia clássica permeada pela história literária (consciência singular criadora da obra) e pelo marxismo (obra enquanto um reflexo simbólico da sociedade) e trata a atividade estética em sua relação do espaço das obras e o espaço das escolas e dos autores inseridos e manejados neste campo literário. Assim, caracteriza o *habitus* como uma conjuntura de regras, por vezes implícitas, que regem os posicionamentos possíveis aos agentes (ou pacientes) que estão em uma luta constante de renovação das estratégias a fim de fomentar autoridade no campo determinado.

Em comum a análise do discurso, esta área em tela de domínio da Sociologia propõe um inventário de ordem institucional, ao passo que trata o escritor a partir de sua posição do ator no campo literário e de suas ações em prol de modificar esse campo na medida em que se inscreve em dadas relações com a história, a sociedade e a cultura. Contudo, a análise do discurso demonstra uma amplitude maior ao tomar a compreensão da atividade discursiva e não se restringir a oposição entre estrutura e conteúdo ou a obra como reflexo social precedente, por exemplo.

Assim, a análise do discurso busca entender a atividade criadora na articulação das estruturas que manejam os conteúdos e se manifestam na enunciação, isto é, “a verdade já está presente, oferecida no contexto, ou seja, uma posição no campo, e a atividade criadora apenas a manifesta e conforta” (MAINGUENEAU, 2012, p. 48). Com isso, a sociologia demonstra uma relativa dificuldade em introduzir-se nos investimentos tradicionais das faculdades de Letras, especialmente por duas razões.

Se por um lado, conflita com as humanidades tradicionais ao aplicar a inscrição social na produção literária de maneira “reducionista” e “sociologista” ao sacralizar as condições de criação como a causa da obra e seus sentidos, por outro lado, os praticantes da sociologia esmaecem a teoria de Bourdieu acusando-o de apresentar apenas mais uma leitura entre outras. No entanto, a saber, os princípios básicos dessa disciplina medeiam uma crítica para as representações dominantes da literatura e desenvolve uma teoria geral da produção simbólica.

Em resposta a isso, Bourdieu percebe que essas atitudes dogmáticas são sustentadas por aqueles que defendem uma não desmistificação das “belas letras”. No entanto, nota-se que, nesse momento, torna-se mais cômodo aos literatos puros se inscreverem no legado da imagem que Proust traz de Sainte-Beuve da oposição entre interior e exterior da obra (MAINGUENEAU, 2012).

Atenuou-se as fronteiras entre a análise do discurso e a sociologia quando Alain Viala (1985) postulou aproximações dessa última com a poética. Sua conjunção em *sociopoética* não se dedica a fazer mais uma montagem na série “psicocrítica”, “sociocrítica” etc., mas antes em definir um quadro e um protocolo no âmbito dos quais o estudioso da poética pode se dedicar à interrogação sociológica e o sociólogo à da poética, não nos termos de suas fantasias, mas de acordo com as exigências lógicas de suas investigações (VIALA, 1985).

No entanto, se teoricamente ambas as áreas citadas anteriormente se mostram indissociáveis, na prática a análise do discurso literário se introduz no campo das ciências da linguagem ao se compor como uma especialização direcionada da análise do discurso para a literatura; já a sociopoética vê-se em um enfrentamento com a sociologia, e, dessa forma, não possui instrumentos delineados. Assim, a análise do discurso demonstra ter um alcance maior no que condiz à apreensão da literatura enquanto um eixo atravessado por outras gamas do conhecimento (MAINGUENEAU, 2012).

Ainda, apesar de Michel Foucault (2012) nunca ter dito explicitamente que pretendia fundar uma disciplina, apresentou uma rede conceitual que abriu caminho para problemáticas, como a desestabilização das fronteiras entre os campos do saber, que contribuíram, mais tarde, para a composição do quadro epistemológico da análise do discurso. Nesse sentido, articula em sua “arqueologia” um conjunto de inquietações sobre noção de discurso para refletir sobre as unidades, as continuidades, os fatos e os eventos discursivos. Dentre as ideias

desenvolvidas, uma notável contribuição é a exploração, já comentada, de uma “ordem do discurso” que está além da língua e dos aspectos sociais ou psicológicos.

Assim, ele tenta mostrar que ao analisar os próprios discursos, vemos problematizar o vínculo das palavras e das coisas, e manifestar-se de regras próprias à prática discursiva, e essa tarefa consiste em tratar os discursos como práticas que constituem sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2012, p. 65). Contudo, essa ordem não se restringe às concepções de subjetividade tradicionais imanentes à língua, uma vez que o processo de subjetivação pode se constituir disperso em um jogo de localizações instaurado em uma instância de nível exterior.

Então, Foucault pretende repensar os pilares hermenêuticos e filológicos no que condiz da abordagem do texto. Substitui a preocupação com as consciências criadoras pela análise da enunciação e suas implicações com o estabelecimento das instituições discursivas, os domínios associados, o sujeito e o poder na produção do dizer (FOUCAULT, 2012). Assim, não se pode ignorar que a contribuição da arqueologia foucaultiana alavancou uma série de problematizações sobre a linguagem que impulsionou o avanço e nascimento da análise do discurso na França pelas suas reflexões bem fundamentadas e pertinentes às pesquisas com o discurso.

Dessa forma, consolidamos que os discursos apenas existem quando se relacionam com outros discursos, e essas conjunturas formadas são desenhadas por determinadas instituições discursivas. Com efeito, essas conjunturas precisam ser ordenadas e organizadas de acordo com a recorrência das aproximações discursivas. Assim, consideramos oportuno acionar a noção de gênero discursivo com a intenção de construir um alicerce teórico e metodológico para se trabalhar com o discurso da crítica literária universitária que emerge no artigo crítico produzido por professores, nosso próximo item de reflexão.

1.2. Por um gênero do discurso relativamente estável: o artigo crítico

Para pensarmos as modalidades específicas do artigo crítico literário não somente no que condiz aos temas ou mentalidades, trazemos, como mencionado, a noção de *gênero do discurso*, categoria presente em um dos mais buscados interesses da Análise do Discurso francesa, no Brasil, do século XXI para um trabalho com obras literárias. Isso resulta da premissa de que uma obra, de qualquer natureza, enquadra-se em um conjunto de fatores para

alcançar o seu êxito na interação, o que afeta tanto os sujeitos atuantes quanto o conhecimento que se tem sobre o universo de sentido que envolve a atividade comunicativa.

Contudo, para refletir sobre a obra literária, precisamos pontuar que acionamos a noção de gênero literário não para oferecer condições suficientes para suportar conteúdos estáveis e fechados, uma vez que está inscrito em uma conjuntura social e histórica o que pressupõe instabilidade. Nesse sentido, a literatura se apoiou nos gêneros textuais por muito tempo para normatizar o ato da criação, mas demonstrou um curto alcance para descrever as recorrências dos atos de utilização de um gênero discursivo frente a diversidade de manifestações dos dispositivos de comunicação.

Assim, o gênero é definido a partir das manifestações das práticas sociais nas quais os participantes devem ser capazes de reconhecer as circunstâncias da situação e do lugar em que ocupa para constituir a sua produção de acordo com as condições apropriadas para uma determinada finalidade, visto que é associado a específicos modos de vida que são partilhados entre os sujeitos de uma comunidade. Já nos estudos literários, essa concepção foi abordada de diferentes formas.

No entanto, categorizar os textos como estanques e dotados de regras fixas não possibilita compreender a noção de gênero em sua plenitude, uma vez que as inscrições históricas e culturais permeiam as unidades e faz com que em uma mesma obra diferentes regras sejam estabelecidas. Com efeito, selecionamos para este trabalho a noção de *gênero discursivo*, pensada pela Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin, situada²⁷ no campo da Análise do Discurso de linha francesa para pensar o posicionamento do gênero artigo crítico sobre os demais gêneros do discurso literário.

Os analistas do discurso, de forma geral, encontram nos estudos sobre os gêneros um suporte para compor o seu quadro teórico, pois empreendem as condições de produção de um certo gênero a partir de seu posicionamento no universo discursivo. No entanto, a concepção de gênero ao longo da história foi abordada, como mencionado, por intelectuais que se apoiaram nas classificações por tipologia, conseqüentemente, fez-se necessário distinguir o gênero sob, por um lado, a perspectiva do regime da literatura e, por outro lado, o gênero

²⁷ A saber, acionamos a noção de *gênero discursivo* desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin para pensar em uma interface com o escopo da Análise do Discurso francesa, portanto, ponderamos que a noção será abordada a partir de seu lugar epistemológico no campo da Filosofia da Linguagem à medida que se tornar necessária a mobilização do tema.

concebido para o discurso literário que interferem na criação, leitura e arquivamento da obra literária.

Para tanto, mobilizamos Maingueneau (2012, p. 229-246) com as suas contribuições sobre o gênero do discurso no capítulo *O quadro genético*, parte de sua obra *O discurso literário* com o objetivo de propor uma reflexão sobre as dimensões desse elemento sob um olhar discursivo e, subsequente, filosófico, segundo o Círculo. Sendo assim, elencamos quatro classificações do gênero segundo o seu aspecto científico: i) por *critérios linguísticos*, toda a articulação no nível de composição da enunciação; ii) por *critérios funcionais*, de acordo com a função social ou institucional; iii) por *critérios situacionais*, todo o aparato interno e externo da atividade enunciativa; iv) e por *critérios discursivos*, a conjuntura dos três primeiros critérios enquanto um fenômeno inscrito sócio-historicamente.

A categoria do gênero do discurso, que nos interessa para este trabalho, envolve a natureza própria de dispositivos de comunicação, ao passo que “[...] uma modificação significativa de seu modo de existência material basta para transformá-los profundamente” (MAINGUENEAU, 2012, p. 234). Ainda, por muitos anos, diversas tentativas de abordagem da noção de gênero do discurso ganharam visibilidade e até o tempo desta pesquisa se delinearam como um conjunto de enunciados produzidos sob utilizações recorrentes de um mesmo grupo social. Escolhemos trazer neste momento a contribuição da filosofia da linguagem, enquanto uma abordagem paralela ao de Maingueneau (2012), para envolver essa noção de gênero do discurso inserido no estudo literário dialogado.

Ao pensarmos o artigo da crítica literária enquanto um gênero de discurso, acionamos os postulados do Círculo de Bakhtin, especificamente, Mikhail Bakhtin com o texto *Os gêneros do Discurso* e Pavel N. Medvedev com seu trabalho *The formal Method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Há de particularidade nas reflexões de ambos os autores, um interesse pelo entendimento dos sentidos produzidos na relação entre as palavras e o mundo, ao passo que, “[n]esse domínio de reflexão, buscam-se a compreensão da organização textual e o entendimento do ser e do fazer do homem no mundo, cuja diversidade os textos materializam” (MARCHEZAN, 2010, p.266).

Nesse sentido, a língua, enquanto materialidade, é tomada como atos de linguagem caros ao ser humano para atribuir sentido a realidade no mundo e assim interagir tanto com ela quanto com outros sujeitos. Isso implica dizer que o homem reconhece e consegue

descrever o seu lugar no mundo a partir do momento em que usa da palavra para se comunicar com o outro (e com tudo que permite a interação) por meio do caráter dialógico da linguagem.

Dessa forma, concede-se que a língua é um reflexo da atividade social, pois se compõe de enunciados fomentados por traços históricos e sociais que Bakhtin (1992) os compartimentam a partir da heterogeneidade em sua materialidade individual, seja oral ou escrita, de natureza científica ou literária. Pondera que “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1992, p. 279, itálicos do autor). Esses gêneros descrevem uma camada mais espessa da língua, não se limitando aos olhares dos gêneros literários e gêneros retóricos. Enquanto estes lançam uma varredura, a princípio, às especificidades linguísticas, aqueles às formas estruturais.

É importante ressaltar que o enunciado não é a única forma de interação, mas tudo o que produz sentidos é pauta de interpretação de e por sujeitos. Com efeito, a recorrência mais ou menos estável de enunciados que revela uma certa regularidade no processo de produção do dizer em um determinado campo específico. Assim, estas noções não são suficientes para classificar as diversas naturezas da superfície da língua, o que norteou Bakhtin a subdividi-la em *gênero do discurso secundário* (complexos, evoluídos e mais estáveis) e *gêneros do discurso primário* (simples, espontâneos e subordinados aos secundários) (BAKHTIN, 1992, p. 280). A saber, a crítica literária universitária se encaixa na categoria de gênero secundário uma vez que é composta por critérios pré-estabelecidos pela instituição e pela constituição do sujeito.

Logo, essa nova estratificação possibilitou uma articulação maior às ramificações sociais e históricas localizadas na interação verbal, já que, a não submissão “[...] leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida” (BAKHTIN, 1992, p.282). Nesse sentido, enlaces como o estilo ou a gramática investem em tentativas de padronização dos grupos de enunciados, mas que não conseguem explicar as menores mudanças ocorridas na evolução temporal e pragmática da língua, o que se torna oportuno mobilizar a noção de Bakhtin ao buscar uma atualização dos pormenores relevos linguísticos.

Partindo dessa reflexão sobre a contribuição do Círculo de Bakhtin para compreender a concepção de gênero do discurso aplicado aos estudos literários, direcionaremos o nosso

foco para a especificação mais precisa do posicionamento do gênero artigo crítico produzido por professores universitários, retomando-nos ao quadro conceitual que Maingueneau (2012, p. 235-237) apresenta sobre a leitura²⁸ da obra dos russos em tela e elenca para propor fronteiras entre esse gênero em questão e os demais gêneros literários.

Assim, o gênero do discurso artigo crítico possui como característica própria a finalidade de apresentar uma análise de uma obra ou de um autor segundo determinados critérios de avaliação, julgamento e convalidação da validade ou não dos sentidos do texto. Nesse caso, o escritor, o professor universitário, produz o seu dizer na medida em que se inscreve na instituição universidade, ao passo que esta condiz de estabelecer determinadas regras que fundam certas práticas discursivas, neste caso, de conceder no discurso uma resolução crítica e válida sobre a composição coerente às relações sociais, históricas e culturais da obra literária.

Dessa forma, são estabelecidos estatutos (*status*) para os parceiros que devem ser reconhecidos entre escritor e leitor para autorizar os enunciados como pertencentes ou não àquele gênero, com efeito, tornando-se necessário um conhecimento comum e partilhado dos direitos e deveres entre ambos os envolvidos. Isso sugere, por exemplo, que um professor universitário que publica uma crítica literária em um suplemento vinculado à um jornal não utilizará dos mesmos procedimentos para escrever uma mesma crítica para uma revista especializada, visto que as relações entre crítico e leitor adotarão configurações diferentes.

Para que essa assimilação ocorra, portanto, é preciso que haja circunstâncias adequadas, isto é, um lugar e um momento válido para que a finalidade seja relativamente atingida e o gênero alcance o êxito funcional. Em outras palavras, a crítica literária produzida por um professor universitário baseado na esteira das tradições de uma instituição possui inflexões diferentes de uma crítica produzida por um escritor que não esteja no ambiente universitário e conseqüentemente não envolvido por uma inscrição institucional.

Além disso, o gênero artigo crítico também está apoiado em um modo de inscrição na temporalidade, de um lado a periodicidade que faz com que a publicação semanal de um suplemento literário inserido em um jornal estabeleça regularidades de atividades

²⁸ Maingueneau (2012, p. 235) relata abertamente que dialoga com a obra do Círculo de Bakhtin no que condiz aos alcances teóricos e metodológicos de gênero do discurso. Por esta razão, consideramos importante evidenciar o posicionamento dos russos.

comunicativas assim como uma revista literária especializada publicada mensalmente; e de outro lado a duração, que condiz nas diversas possibilidades de leitura de um mesmo gênero, como a exclusão dos destaques tipográficos, dos resumos, dos títulos etc.

Além disso, a continuidade é relevante, pois há dispositivos comunicativos como a piada que obtém êxito cômico somente na primeira leitura e se opõe ao texto científico que possui validade com repetidas leituras, por exemplo. No caso do artigo literário, percebemos que o crítico oferece uma possibilidade de leitura de uma obra segundo critérios pré-estabelecidos, sejam eles institucionais ou não, o que torna esse gênero válido para aquele público, os leitores de tal gênero, que deseja reconhecer o posicionamento teórico-metodológico desse crítico. Esse fator remete a validade cronotópica do gênero, pois há gêneros como a notícia diária que apenas alcança o seu efeito de novidade no dia da publicação, ao passo que outros gêneros como os livros sagrados que possuem validade de ensinamento a qualquer tempo.

Também precisa de um suporte²⁹, que pode ser sonoro, escrito, imagético etc. Neste caso, o artigo crítico possui como característica textos e imagens impressas e publicadas periodicamente. É importante ressaltar que ao se alterar o suporte de um gênero literário, altera-se também os seus efeitos, uma vez que o *status* de um jornal, por exemplo, é distinto do *status* de uma revista mediante o reconhecimento social e cultural.

No entanto, não somente o suporte, mas também o plano textual e a organização lexical afetam todos os fundamentos do gênero, por mais que tenham a mesma função social. Os textos de um suplemento literário jornalístico, neste caso, possuem uma organização textual direcionada para um público de leitores mais amplo e heterogêneo do que uma revista literária especializada que conduz as produções para destinatários mais restritos ao estudo literário. Ademais, é preciso um certo uso pragmático da língua no entremeio das variedades linguísticas, sejam geográficas, sociais, profissionais, dentre outras.

Ponderamos que essas determinações não são pensadas como definitivas ou constates, pois em um mesmo gênero discursivo diferentes parâmetros podem ser observados de acordo com o posicionamento do analista sobre o cenário sócio-histórico da obra, principalmente nas

²⁹ A saber, não trataremos aqui no espaço dessa pesquisa problematizações sobre a noção de suporte, uma vez que demandaria um tempo maior para a realização deste investimento. No entanto, abordamos as condições sociais, históricas e ideológicas do *Suplemento Literário de Minas Gerais* com a finalidade de compreender as condições de produção do *corpus* em questão.

obras literárias pós-modernistas. Sendo assim, o artigo crítico literário possui elementos singulares em sua constituição, tanto interna como externa, como apontado acima, e isso nos permite pensar sobre o lugar do *Suplemento Literário de Minas Gerais* e do *Suplemento* como um *corpus* de referência para uma análise do discurso. Sendo assim, conformamos ser intrínseco pontuar os limites entre os fundamentos da notícia e a vinculação do texto em tela neste suporte midiático, nosso próximo tópico a dissertar.

1.3. Fundamentos da notícia e da crítica literária universitária

Tratamos nesta seção de alguns elementos imprescindíveis para se pensar o funcionamento da crítica literária universitária publicada no suplemento literário, o que exige que expliquemos como é constituída a estrutura de uma notícia e sob quais parâmetros uma crítica literária pode ser chamada de universitária. Para tanto, propomos de forma pertinente uma leitura dissertativa das contribuições de Roland Barthes (2007), principalmente na obra *Crítica e verdade*, para fundamentarmos as nossas proposições sobre o discurso da crítica literária universitária.

Primeiramente, é preciso diferenciar *informação* e *notícia* no nível da literatura para pensarmos o seu engajamento discursivo. A primeira não implica somente os acontecimentos políticos, e a segunda não se refere exclusivamente a tudo que escapa a esses ocorridos. Nesse sentido, pode-se entender que a fronteira não tem a ver com classificação ou hierarquia, mas de uma diferença essencialmente estrutural. Referenciando o francês, “[...] a informação não pode aqui ser entendida imediatamente, ela só pode ser definida em proporção de um conhecimento exterior ao acontecimento, que é o conhecimento político, por mais confuso que ele seja” (BARTHES, 2007, p.58). Em outras palavras, os acontecimentos políticos, assim como todo acontecimento demarcado, são remetidos a situações no exterior, isto é, os conhecimentos que constroem os sentidos são extraídos de outros tempos e espaços distintos, e esse aspecto é o que distancia à notícia comum.

Então, compreende-se que a estrutura do arsenal político é fechada – não contínua isoladamente - e necessita de outros elementos para que seja de fato efetivada, ao passo de que a notícia não, pois “[...] não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers* [notícia, em português]; ele não remete formalmente a nada além dele próprio;

evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo” (BARTHES, 2007, p. 57-58). Com efeito, a notícia se sustenta, também, com os construtos ideológicos e psicanalíticos voláteis do legado social, sobretudo na relação imprescindível com outras proposições resgatadas da memória.

Nesse sentido, especialmente na notícia, desdobra-se um duplo eixo de composição: a relação de *casualidade*, que remete à predisposição de estereótipos frequentes e à apelação para o emocional, isto é, para a causa de uma sensação natural, como, por exemplo, os prodígios e os crimes. Esses últimos se tratam dos desvios ao casual, ao inesperado, a quebra de uma estrutura pré-estabelecida. Isso produz efeitos com alcances maiores, pois propõe uma reconfiguração das relações sociais em um formato aleatório, já que a casualidade “[...] fica de certo modo suspensa entre o racional e o desconhecido” (BARTHES, 2007, p.63) e não nos fatos apresentados propriamente ditos.

Já o segundo tipo de relação, a *coincidência* é a reconfiguração desses estereótipos enquanto base antecedente. Isso significa que a casualidade é retomada, mas parcialmente, para que se mantenha uma ideia de predestinação para que os homens consigam refazer o caminho e se deparar com o signo, ao passo que está inscrito em uma determinada ordem, visto que “[...] imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdadeiro que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo: o acaso deve variar os acontecimentos” (BARTHES, 2007, p. 64). Em suma, essas duas características trazem à notícia o aspecto do incerto, no contraste entre o previsível e não-previsível. Essas características nos conduzem a refletir sobre a notícia enquanto um suporte que serve de subsídio para a introdução de diferentes gêneros discursivos com permeações ideológicas institucionais, como a crítica literária universitária.

Barthes (2007, p. 65) distingue duas correntes de críticas literárias vigentes na França para fundamentar sua reflexão, a *universitária* e a *ideológica*. A primeira crítica, chamada de universitária, é praticada por professores e é pautada nos preceitos positivistas e procedimentos metodológicos objetivos relativamente fixos e regenerativos, sendo assim, um conjunto de elementos que sustentam um programa ao qual precisa ser seguido, princípios esses preconizados ainda pelo legado de Lanson e sua história literária. Já a crítica ideológica se instaura a partir de recorrências localizadas em determinados espaços e tempos delimitados por uma ideologia que permite a movimentação do aspecto crítico nas fronteiras entre esses campos, como por exemplo, uma visão marxista sobre uma visão psicanalítica. Então não há

um posicionamento fixo e estanque ao passo que a construção do olhar analítico se ancora no posicionamento do crítico frente a uma rede de possibilidades.

Em contrapartida, os limites entre essas duas modalidades de críticas não se mostram completamente nítidos, pois, por mais que se tente a não assumir um papel ideológico, compreende-se que a crítica universitária é de cunho ideológico. Para esclarecer, em suma, referencia-se: “[...] a crítica positivista estabelecerá e descobrirá os “fatos” (já que tal é sua exigência) e deixaria a outra crítica livre para interpretá-los, ou mais exatamente “fazê-los significar” por referência a um sistema ideológico declarado” (BARTHES, 2007, p. 150). Com efeito, a crítica positivista não pode se enganar em pensar que consegue propor uma visão total da literatura como se essa fosse eterna, óbvia e incontestável, sendo assim, o positivismo se sustenta em uma particularidade e em um posicionamento o que é, conseqüentemente, também uma outra ideologia. Nesse sentido, compreende-se que a literatura enquanto um objeto é então o ponto de consonância entre as críticas que as convalidam como pertencentes a um determinado engendramento.

Ainda, a crítica universitária possui outros fatores que revelam seu engajamento ideológico: as analogias. Esse procedimento metodológico consiste em sempre relacionar a materialidade literária a um outro elemento externo, a outras fontes, sejam elas tomadas enquanto modelos os quais podem ser delineadas ou deformadas. Contudo, dentre essas duas atividades não há uma que se sobreponha a outra, sobretudo no que se trata da interpretação do real, uma vez que o ato de inverter, distorcer, ou imitar ocorrem com a finalidade de se alcançar um sentido funcional para tratar a verdade a partir de um viés, ou em outras palavras, “[...] em suma, é a obra que é seu próprio modelo; sua verdade não deve ser procurada em profundidade, mas em extensão” (BARTHES, 2007, p. 153). Isso implica nas relações entre instâncias, seja entre autor e obra como um todo ou em um jogo ideológico.

Assim, é arriscado distinguir crítica ideológica de crítica universitária, pois essa última “[...] está disposta a admitir (pouco a pouco e depois de sucessivas resistências) é paradoxalmente o princípio mesmo de uma crítica de interpretação, ou se prefere (embora a palavra cause ainda medo), de uma crítica ideológica” (BARTHES, 2007, p. 154). Em suma, a crítica universitária precisa de um mote ideológico para se constituir dentro da atmosfera da universidade, pois é um campo que exige determinados instrumentos de seleção próprios e confidentes como qualquer outro campo, seja marxista, existencialista, etc.

Dentre as diversas possibilidades de atualidades ideológicas, fruto da recorrência histórica de determinadas escalas sociais, Barthes (2007) aponta quatro correntes filosóficas para se pensar o conceito de crítica: o *existencialismo*, o *marxismo*, a *psicanálise* e o *estruturalismo*. Esses modelos propunham uma verticalização de análise sobre a literatura, pois ainda não refletia sobre as interfaces possíveis entre esses campos para confluir as ideologias. Nesse sentido, percebe-se que a crítica francesa possui um quadro particular que caracteriza um aspecto nacional, em um conjunto ideológico que se constrói a partir de uma atualidade e uma fidelidade.

No entanto, direcionando para a formação do estruturalismo, nota-se que a influência de Saussure sobre a obra de Jakobson se tornou imprescindível no reconhecimento fragmentado do texto, como por exemplo, os conceitos de metáfora e metonímia e isso, com efeito, revela alguns problemas ao se pensar no tratamento objetivo dos fatos. Isso afeta, mais uma vez, na relação de distinção entre a crítica universitária e a ideológica, visto que “[...] toda crítica deve incluir em seu discurso (mesmo que fosse do modo mais indireto e pudico) um discurso implícito sobre ela mesma; toda crítica é crítica da obra e crítica de si mesma” (BARTHES, 2007, p. 160). Assim sendo, é notável que nas críticas, independente da corrente, carrega em si aspectos de subjetividade provindas das inscrições na história, e isso faz com que surja uma distinção entre o papel do escritor-literário e do crítico-literário.

Enquanto a literatura é o produto da relação entre o homem e o mundo, “[...] a crítica é discurso sobre um discurso; é uma linguagem *segunda* ou *metalinguagem* (como diriam os lógicos), que se exerce sobre uma linguagem primeira (ou *linguagem-objeto*)” (BARTHES, 2007, p. 160, itálicos do autor). Com efeito, é preciso colocar em pauta a questão da relação entre a linguagem adotada pelo autor ao produzir sua obra e a linguagem adotada pelo crítico ao produzir sua crítica. Logo, a consequência do jogo de relações entre ambas é o que define o conceito de crítica que adotamos aqui neste trabalho.

A crítica implica as correlações consonantes e conflituosas entre ambas as linguagens supracitadas e entre os discursos, ou ainda, é o jogo confluyente entre as aproximações e os distanciamentos no que é dito e o que se diz sobre o dito, ao passo que, em suma, se contraia que a crítica “[...] é apenas uma metalinguagem, isto quer dizer que sua tarefa não é absolutamente descobrir “verdades”, mas somente validades. Em si, uma linguagem não é verdadeira ou falsa, ela é válida ou não: válida” (BARTHES, 2007, p. 161). Logo, a crítica se

caracteriza em construir um caminho lógico possível proposto pela leitura que o autor fez do mundo e atribuir a validade da coerência que leva a uma verdade.

Nesse sentido, passaremos a partir de agora para o levantamento de alguns itens concernentes aos elementos que validam essa coerência das críticas selecionadas para o recorte do *corpus* para esse texto dissertativo.

Capítulo II

PROLEGÔMENOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA DISCURSIVIDADE ROSEANA

2.1. O lugar de Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas* na Instituição

Nas próximas seções, debruçar-nos-emos em pesquisar os aspectos sociais, políticos, históricos e culturais que envolvem o *corpus* de análise, não com o interesse em desvendar os conteúdos alocados, mas de reconstruir os sistemas de constituição da crítica literária universitária, ou em outras palavras, propor uma análise do funcionamento discursivo do *corpus* a partir da condição de produção do autor, da obra e da recepção crítica para montar os processos que validam as verdades analíticas constituídas pelo analista a partir de determinados pressupostos. Para tanto, consideramos importante evidenciar o lugar que Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* e alguns elementos da fortuna crítica desse mineiro ocupam na instituição Universidade com o intuito de pensar esse engajamento discursivo no artigo crítico.

2.1.1. Pelas condições do dizer em Guimarães Rosa

Consideramos ser importante expor, mesmo que brevemente, o contexto social, histórico e político que serviu de condições de produção para o itinerário da vida e obra de Guimarães Rosa que se refere à publicação de *Grande Sertão: Veredas*, pois podemos compreender quais as condições o escritor em tela se submeteu no seu trajeto profissional referente à sua obra, especialmente em sua relação com a universidade, o processo de produção do seu dizer e sua estreita aproximação com o sertão nos seus mais de trinta anos de carreira. Para tanto, apoiamo-nos nos estudos realizados por Alfredo Bosi (1994) em *História concisa da literatura brasileira* para pensar a biografia; e Willi Bolle (2004), em *Grandesertão.br*, com a sua contribuição sobre as ligações entre a obra rosiana e a história do Brasil, além de outros trabalhos complementares.

Natural de Cordisburgo, pequena cidade no interior de Minas Gerais, João Guimarães Rosa nasceu no dia vinte e sete de junho de 1908, mudou-se para Belo Horizonte em 1918 e

ficou conhecido não somente pelo seu empreendimento como escritor, mas também atuou como vendedor em comércio, em pequenas funções jurídicas, como caçador amador e um bom contador informal de histórias para familiares e amigos. Desde muito cedo já se interessou pela beleza das palavras, aprendeu outras línguas por conta própria e sempre buscou conhecer sobre a formação das palavras estrangeiras, pois acreditava que contribuiria para compreender a sua língua materna, a língua Portuguesa. Em entrevista no Rio de Janeiro no dia 19 de outubro de 1966 feita por sua prima Lenice Guimarães de Paula Pitanguy³⁰ afirmou:

Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; (...). Eu acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais aprofundada do idioma nacional. Principalmente, porém, estudo-as por divertimento, gosto e distração.

Ademais, aos dezesseis anos de idade ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais no ano de 1925, no entanto, em 1929 revelou a sua aproximação com as letras ao redigir seus primeiros contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke*, *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné*, para publicar na revista *O Cruzeiro* no mesmo ano, o que obteve considerável repercussão pela sua singularidade. No ano seguinte se formou, trabalhou por cerca de dois anos em Itaúna (MG) e depois exerceu a profissão de médico na cidade de Itaguara. Neste lugar ficou bastante conhecido por se empenhar na ajuda dos mais necessitados e tornou-se amigo de muitas pessoas, como, por exemplo, seu amigo Manoel Rodrigues de Carvalho, o qual pode ter servido de inspiração para o personagem Compadre meu Quelemém em *Grande Sertão: Veredas*.

No entanto, G.R. demonstrava ser uma pessoa muito sensível e por se deparar com muito sofrimento das pessoas na profissão de médico, decidiu deixar a profissão. Sua pretensão era apoiar causas sociais e que privilegiassem os que tinham menos oportunidades. Dessa forma, voluntariou-se na Revolução Constitucionalista de 1932 e no ano seguinte mudou-se para Barbacena para ser Oficial Médico. Uma vez que tinha mais tempo livre de seu trabalho, estudou várias outras línguas e pesquisou, no quartel em que residia, sobre o jaguncismo barranqueiro das margens do Rio São Francisco. Todo esse interesse pela cultura

30 Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1966. Em entrevista concedida à sua prima Lenice Guimarães de Paula Pitanguy.

e pela linguagem direcionou o seu interesse para uma empreitada diplomática (BOSI, 1994, p. 428).

Nessa mudança de foco, participou de concursos de literatura expondo as suas obras que rapidamente faziam sucesso entre o público. Recebeu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras pela coletânea *Magma*, de 1936, e vários outros prêmios pela sua obra mais consagrada na época, *Sagarana*, de 1946, a qual foi publicada anteriormente sob o pseudônimo de “Viator”. Nesta obra, uma coletânea de contos, o escritor conseguiu representar por meio de uma linguagem rica e pitoresca o ambiente mineiro, desde os encantos da natureza e da vida no campo até um relato de sua infância e juventude na sua cidade natal com um caráter regionalista o que demonstrou um trabalho único para a literatura contemporânea.

No ano de 1938 foi para a Europa, já com 26 anos, como agente diplomático, momento este que desencadeou suas crenças nas forças positivas e negativas do mundo fora do Brasil, nas emoções, nos sentimentos que o cercava. Dessa forma, arriscou-se para proteger e ajudar os perseguidos pelo Nazismo, atos que foram tão bem reconhecidos que um bosque que fica no caminho para Jerusalém recebeu o seu nome e o de sua esposa, Dona Aracy (dona “Ara”), em 1985. Além disso, foi Secretário da Embaixada até o ano de 1944 em Bogotá, na Colômbia, experiência esta que sofreu influência na escrita do conto *Páramo*, uma inflexão autobiográfica. Nesse conto citado, Rosa relata um protagonista que se sente no leito de morte devido a tristeza, a solidão, o frio, a saudade de sua cidade de nascença, além de uma dificuldade de resistir a rarefação do ar (BOSI, 1994, p. 429).

Em 1952, segundo Bosi (1994, p. 428), retornou ao Brasil e em seguida fez uma viagem para o Mato Grosso a título de conhecimento pessoal, e teve como produto uma reportagem poética intitulada *Com o vaqueiro Mariano*. G.R. passou uma temporada no sertão mato-grossense, temporada esta que despertou um grande desejo em se reencontrar com o mundo dos vaqueiros mineiros que fazia parte de sua infância por meio dos “causos” de boiadeiros e jagunços, além de um olhar mais minucioso para toda a flora e a fauna, sobre o comportamento do homem rústico e principalmente da forma como utilizavam as palavras. A saber, o seu pai, Florduardo, serviu de inspiração para as pesquisas com a linguagem, já que era um bom contador de histórias e tinha bastante conhecimento das tradições da comunidade rural do norte de Minas Gerais.

Isso despertou uma constante vontade de conhecer sobre o sertão e suas diversas formas de manifestação, direcionando para os mitos como reflexo das determinações sociais. Essa jornada resultou nas novelas do *Corpo de Baile* que prolongou o sucesso da investida que G.R. iniciou em *Sagarana* ao retratar a ficção do regionalismo brasileiro sob dimensões universalistas, atingindo o seu ápice da criação em *Grande Sertão: Veredas* – de 1956 – a qual foi o seu terceiro romance que conseguiu retratar com um alto grau de fidelidade as suas experiências no sertão mineiro.

Ainda, este livro foi escrito durante um período em que a mentalidade política dos brasileiros se constituía por uma esperança de um país que teria futuro e que a felicidade seria alcançada devido aos avanços econômicos durante a era Vargas que precediam as promessas dos rumores do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, com a transferência da capital do Estado para Brasília. Disso, nota-se que G.R. trás para a sua obra essas preocupações políticas, em um estreitamento da história e as percepções de seus personagens no sertão.

Guimarães Rosa designa como o “sistema jagunço” em *Grande Sertão: Veredas* como sendo um regime que foi prolongado seus resquícios após a era da colonização brasileira, ao preservar os poderes localizados, os latifúndios e oligarquias rurais, fruto da autonomia do poder do Estado que resulta na ausência de justiça e ações de próprio punho. Esse sistema pode ser percebido pelas palavras do personagem Riobaldo na obra em questão:

Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (ROSA, 2001, p. 89)

Dessa forma, o livro se compõe com uma série de referências aos acontecimentos históricos, políticos e sociais que envolvem a atmosfera nacional entre os anos de 1880 e 1930, e não somente relata os acontecimentos, mas também propõe projeções para o que poderia acontecer nos anos seguintes, referindo-se a transformações nos mecanismos políticos e culturais tanto nas cidades quanto na própria retratação do sertão, ou melhor dizendo, “[...] o romance de Guimarães Rosa é o mais detalhado estudo de um dos problemas cruciais do Brasil: a falta de entendimento entre a classe dominante e as classes populares, o que constitui um sério obstáculo para verdadeira emancipação do país” (BOLLE, 2004, p. 9). Isso implica em uma visão renovadora do autor para os problemas sociais.

Algumas dessas tendências que podem ser percebidas em sua obra remetem ao crescimento dos meios de produção de cunho capitalista, a ampliação do mercado interno, o desenvolvimento industrial sobre a agricultura que acelera a migração das famílias do campo para as cidades que repercutem na expansão das metrópoles. Todo esse avanço para a modernidade que ocorria no Brasil afetou não somente os espaços urbanos, mas também os rurais, como afirma o próprio personagem Riobaldo: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando o menos se espera” (ROSA, 2001, p. 219).

Além disso, nota-se a tendência de uma visão regional e universal nesta grande obra, pois ao mesmo tempo em que o enredo ocorre em consonância com o sertão mineiro e mato-grossense em que serviu de laboratório ao autor, consegue se aplicar ao restante do país, o que quebra as fronteiras tradicionais da literatura, como afirma Candido (2002, p. 190) ao se referir a obra: “[...] não segue modelos, não tem precedentes; nem mesmo, talvez, nos livros anteriores do autor, que, embora de qualidade, não apresentam a sua característica fundamental: transcendência do regional (cuja riqueza peculiar se mantém todavia intacta) [...]”. Nesse sentido, ainda acrescenta que o livro é “[...] desses raros momentos em que a nossa realidade particular brasileira se transforma em substância universal” (CANDIDO, 2002, p. 192). Compreende-se que *Grande Sertão: Veredas* é produzida a partir de uma representação do imaginário social e histórico, uma vez que reúne elementos do cotidiano recorrente e laboratorial.

Guimarães Rosa ressignifica da atmosfera brasileira os formatos das relações sociais para pensar a sua obra e coincide a ficção e a realidade em um jogo de estilos sofisticados que confluem a fala culta e a voz popular com maestria, isto é, uma ponte de ligação entre o sertão e o espaço urbano brasileiros, como é explanado pelo estudo de Bolle (2004, p. 9):

[Guimarães Rosa] organiza a sua narração em forma de redes temáticas. Um *network*, no qual o sertão é o mapa alegórico do Brasil; o sistema jagunço, a instituição entre lei e crime; o pacto com o Diabo, a alegoria de um falso pacto social; a figura de Diadorim, o desafio para desvendar o dissimulado e o desconhecido; e a fala do povo, o próprio labirinto da língua.... Essa rede ficcional serve de médium para observar e investigar a rede dos discursos sobre o país.

Conseqüentemente, esta obra permitiu que G.R. ganhasse grande visibilidade entre os escritores da literatura moderna, pois propunha um trabalho singular que o autorizou a fazer parte dos três maiores nomes da terceira geração modernista, juntamente com Clarice

Lispector e João Cabral de Melo Neto. Além disso, *Grande Sertão: Veredas* foi eleito pelo *Círculo do Livro da Noruega* (1985)³¹ como um dos livros mais importantes de todos os tempos.

No início do ano de 1962, tornou-se chefe do *Serviço de Demarcação de Fronteiras* onde fez trabalhos com empenho, como exemplo, o caso do Pico da Neblina em 1965 ou o caso das Sete Quedas em 1966 (BOSI, 1994, p. 430). Não publicou outras obras até este ano supracitado, no entanto, a larga fortuna crítica em revistas, jornais e na universidade continuaram a ampliar-se devido à complexidade do material produzido e as incontáveis possibilidades de se analisar uma obra rosiana com tantos caminhos de leituras que o próprio autor assumia e que o texto possibilitava.

No entanto, após o ano de 1958, a saúde de G.R. se agravou por causa dos problemas de obesidade, hipertensão arterial, sedentarismo físico além do tabagismo. Todas essas dificuldades incentivaram o autor a buscar livros associados à seita *Ciência Cristã* que pregava o predomínio do espírito sobre a matéria e as relações com a morte. Quatro anos depois é publicado uma coletânea de vinte e um contos intitulada *Primeiras Estórias* que reuniu o resultado de diversas pesquisas sobre as características próprias do escritor.

No ano seguinte, no mês de maio, Rosa foi eleito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, já em sua segunda participação na eleição, que venceu por unanimidade e teve sua posse marcada para o dia 16 de novembro de 1967 sendo, todavia, adiada quatro vezes por sentir medo e angústia do momento, afirmação do próprio autor. No final deste mesmo ano, faleceu em seu apartamento dias antes da efetivação da sua indicação para receber o prêmio *Nobel de Literatura* iniciada pelas suas editoras tradicionais de publicação de obras em solos alemão, francês e italiano (BOSI, 1994, p. 430).

Assim, Guimarães Rosa foi uma personalidade com muitas faces, foi um médico aclamado, dedicou-se a diplomacia, confiou em suas crenças e conseguiu representar toda a sua trajetória profissional em suas obras dando para a terceira geração modernista um aspecto original e extraordinário que enriqueceu a divulgação da cultura do sertão mineiro para o Brasil e para o mundo com os seus jogos com as palavras, seu cuidado com o sentido das palavras e os seus neologismos característicos. Sendo assim, trataremos a seguir do contexto que fomenta as condições de produção da publicação de *Grande Sertão: Veredas* e

³¹ LIV, Ullmann. *Círculo do Livro da Noruega*. Trad. COUTINHO, Sonia. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

condicionou um espaço tão significativo para o seu trabalho de maior sucesso dentre tantos outros concorrentes mineiros que estavam em ascensão.

2.1.2. *Grande Sertão: Veredas* e o seu posicionamento na literatura

Como explanado, João Guimarães Rosa iniciou os seus trabalhos como escritor depois de ser camponês, médico, diplomata e amante das línguas estrangeiras e de principalmente sua língua materna. Toda a sua paixão pelas letras e talento para organizá-las e criar novas palavras com tamanha fluência da cultura mineira resultou em textos magníficos, enigmáticos e únicos que o colocou em lugar de destaque na literatura brasileira.

Sendo assim, pensamos ser importante abordar nesta seção quais foram as implicações sociais e históricas no momento de sua gênese e quais são as relações dessas com as características mais relevantes de *Grande Sertão: Veredas*, primeiramente conduzindo o contexto da criação e em seguida descrevendo elementos que situam a obra no universo das críticas literárias do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Para tanto, apoiamo-nos nos trabalhos de alguns teóricos para pontuar algumas condições de produção da obra, e elencar as características do seu empreendimento mais promissor.

G. R. retornou ao Brasil no ano de 1945 após uma longa jornada como diplomata na Europa e em seguida realizou duas viagens pelo sertão nacional, primeiro para o interior de Minas Gerais para registrar as memórias que fizeram parte da sua infância, e depois em 1952, faz parte de um grupo de boiadeiros que adentram o sertão mineiro para conduzir um rebanho a outra cidade. Durante essas duas aventuras, dedicou o seu tempo em observar tudo à sua volta, não somente os detalhes das paisagens, mas também o comportamento das pessoas em diversas situações diárias. Toda essa experiência laboratorial resultou em seguida no início da redação de *Grande Sertão: Veredas*, que fora uma obra especialmente criada para sua segunda esposa Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, chamada por ele de dona “Ara”, que o acompanhou durante toda a produção.

Além disso, a obra em tela foi produzida para fazer parte de uma das novelas do livro *Corpo de Baile*, no entanto, devido ao seu grande sucesso, ganhou autonomia e consagrou-se como um dos mais importantes trabalhos deste escritor. Assim, foi escrita e publicada no ano de 1956 na cidade de Belo Horizonte, em uma época em que a literatura brasileira estava passando por transformações substanciais e rápidas por causa das quebras de paradigmas do

movimento modernista que foi considerado o período em que se permitiria que as intensidades ocultadas ou distorcidas pudessem ser descobertas, e reorganizadas as categorias e relações de pensamentos (CONNOR, 1992, p. 12).

Para contextualizar, o movimento cultural chamado de Modernismo marcou o cenário artístico e a sociedade durante a primeira metade do século XX, especialmente na literatura. Essa corrente ganhou força devido às influências das tendências culturais vigentes nas vanguardas europeias, como as novidades do Cubismo ou do Futurismo que rompiam com as atividades clássicas e gradativamente emergia uma nova forma de pensar. Com efeito, no ano de 1922, na cidade de São Paulo, ocorreu a Semana da Arte Moderna, que foi considerado como o início das perspectivas modernistas em solo brasileiro.

Contudo, em consequência da complexidade e falta de precisão da evolução histórica deste movimento, Connor (1992, p. 24) dividiu esse período em três fases: a primeira fase, ou *Fase Heróica* (1922-1930), com investidas mais sólidas de renovação estética com bastante ligação com os ideais das vanguardas europeias; a segunda fase, ou *Fase de Consolidação* (1930-1945), que retratou o amadurecimento da corrente, um olhar mais atencioso para os elementos nacionais e o predomínio nas prosas de ficção; e a terceira fase, ou *Pós-Modernista* (1945-1960), com a eclosão da prosa urbana, intimista e regionalista em um jogo de constante renovação dos usos da linguagem. E foi envolvido pelo contexto dessa última fase que G.R. deu origem ao aclamado *Grande Sertão: Veredas*.

Durante o pós-modernismo, o Brasil se encontrava no fim da Era Vargas, na efervescência do Populismo e, posteriormente, a sua rejeição, a censura e a tensão da Ditadura Militar e a assimilação da Guerra Fria europeia. Tudo isso impulsionou para que os escritores tivessem que produzir suas obras em um ambiente ambíguo, de um lado uma sede de renovação e ousadia pelas novas críticas; e de outro lado um cuidado para não se dizer sobre qualquer coisa em qualquer lugar devido a opressão física e ideológica, o que direcionou, conseqüentemente, a ampliação desses desejos para as instituições de ensino como alternativa de alavancar as pesquisas com mais formalidade.

Dessa forma, a literatura e a crítica literária ganharam espaço na academia na mesma proporção que o pós-modernismo delineava suas formas, pois desde a década de trinta, o ensino e a literatura passaram por um processo de profissionalização ao se institucionalizarem em uma variedade de campos da literatura e, portanto, envolverem-se em um contexto mais

político e envolvido com os acontecimentos sociais e históricos (COMPAGNON, 2010, p. 89).

Esse aspecto afetou também a ascensão da crítica literária profissional do século XX por oferecer maneiras ideais de ler o texto além do seu sentido explícito. Todavia, o pós-modernismo se caracterizou por repensar a entidade fechada e bem rígida da produção de críticas literárias para se preocupar com a materialidade da linguagem e suas manifestações sociais, históricas, culturais e ideológica, ao passo que essa definição pós-modernista ressoa ainda nos princípios dos formalistas russos, pois esses buscavam compreender como o estilo era empregado nas obras de artes, isto é, “[...] a literariedade, declaravam eles, estava na intensa capacidade da obra literária de servir de mediadora às qualidades da sua forma e de atrair a atenção sobre esta” (COMPAGNON, 2010, p. 90). Logo, a escrita moderna não percebia a literatura como um reflexo do real, mas uma reconfiguração do mundo, assim como eram partilhados entre os teóricos literários dos grupos da revista *Tel Quel*, já descrita anteriormente, nos anos 60 e 70 na França.

Dessa forma, a definição de modernismo literário pode ser pensada como a compreensão de um mundo construído por uma consciência individual e criadora de artifícios de traduzir as intensidades da vida de cunho subjetivo. No entanto, junto a essa subjetividade individual ocorria uma preocupação com a impessoalidade e com o anonimato do autor que compunha uma autocompletude da obra literária em um jogo entre o objetivo e o subjetivo que permitia a criação de regras próprias e desligadas da coletividade o que dava ao escritor uma certa liberdade de escritura (COMPAGNON, 2010, p. 91).

Partindo dessa contextualização, inicialmente, nota-se que G.R. ao longo de sua atividade de criação do livro sobre o *sertão*, sempre articulou os acontecimentos de sua vida pessoal e os seus trabalhos, demonstrando os seus sentimentos, os seus desejos, e as suas aspirações pelo sertão e a cultura mineira. Dessa forma, apesar do grande leque de possibilidades de leituras, interpretações, críticas e análises, o livro demonstra uma complexidade que gera inesgotáveis caminhos de estudos.

Grande Sertão: Veredas é uma obra que desde a sua publicação em 1956 provoca uma variedade de discursos sobre multifacetadas correntes críticas que são forjadas pela tensão política e cultural ocorrida durante a década de sessenta nos chamados “anos de chumbo” no Brasil, momento este que prolongou para os anos seguintes marcas da mentalidade nacional. Scarpelli (2006, p. 3) comenta sobre os acontecimentos desses anos:

Década de promessas de felicidade, de bossa nova, de cinema novo, de consolidação das grandes utopias de JK, traçadas pela leveza de Niemayer e pela consistência fluida de Lúcio Costa; modalizada pelos tons de Vinícius, Tom, Caetano, Gil, Chico Buarque; pelas provocações fílmicas de Glauber que empunha uma câmera na mão e tantas ideias na cabeça, subitamente cortadas pela cruel ditadura que abriu suas negras asas sobre nós.

Nesse sentido, nota-se que o livro de Rosa não foi uma produção isolada de sua historicidade, mas alicerçou-se como uma ultrapassagem das bases da ficção tradicional de cunho formalista e da crítica escolástica, assim como acontecia com a poesia nos primeiros passos do pós-modernismo, voltando-se para a valorização da literatura nacional em oposição a dependência aos escritores estrangeiros. Assim, insurgiu caminhos novos ao não tratar do lado social dos personagens, mas dos seus comportamentos em relação com o mundo. Dessa forma, a história do Brasil se fundiu como o objeto âncora dos acontecimentos na obra rosiana.

Nesse sentido, tentou trazer para seus trabalhos um alto grau de fidelidade com a realidade na linguagem que resgatou de sua memória do seu contato com o sertão e casou com elementos ficcionais, trazendo para falar do jaguncismo fatos da política de latifundiários dos momentos ociosos do governo mineiro durante a década de trinta, por exemplo, “[...] se conhecesse os hábitos e crenças dos sertanejos, ninguém taxaria de inverossímil a moça Diadorim, disfarçada toda uma vida em homem” (STARLING, 2006, p. 4). Logo, o caráter científico na fórmula de descrição física do sertão, na preservação dos traços da oralidade e fuga da norma culta da língua, no texto, permite que os limites entre a ficção e a história se atenuem e que a relação entre o presente e o passado possibilitem a recriação de experiências reais, ou como afirma o próprio Rosa “[...] o olhar da literatura deforma o mundo histórico e empírico com o claro objetivo de desvendar esse mundo, de perder o mundo para recuperá-lo com mais nitidez” (STARLING, 2006, p. 11).

Logo, a existência de *Grande Sertão: Veredas* é um ponto de encontro entre as experiências da vida do autor e dos limites de representação do romance de ficção, ou como pondera na visão crítica de Starling (2006, p. 13) em seu estudo sobre o texto: “[...] é imperfeito na medida em que tenta representar uma realidade em que a perfeição é apenas uma ilusão de ótica, é apenas o fruto precário de um determinismo oco, de uma decisão, de um corte lógico e, ao mesmo tempo, ideológico”. Isso implica na tentativa de Guimarães Rosa em sua obra desenvolver uma revolução da linguagem ao romper com os formatos

tradicionais e as coerências de ideias, e dar lugar ao singular, ao novo arranjo das normas da língua para causar um certo estranhamento no leitor.

Mediante esses apontamentos, consideramos oportuno relatar brevemente os principais acontecimentos do enredo do livro rosiano, evidenciando os trechos mais estreitos com o extralinguístico para dar coerência ao objetivo e o mecanismo teórico-metodológico deste trabalho. Para tanto, mobilizaremos o relato de João Adolfo Hansen (2006).

O romance gira em torno do comportamento do sertanejo Riobaldo já velho, com pouca escolaridade e vivendo em uma fazenda com sua esposa Otacília. Acredita em Deus e tem estreita amizade com Quelemém, seu conselheiro espiritual. Durante toda a trajetória do texto, o personagem em tela dialoga de forma desordenada, pois em alguns momentos não há a representação direta das réplicas - com um outro, em um jogo entre a imaginação e a realidade, o qual o chama de “Doutor”, interlocutor esse dotado de maior conhecimento sobre o “extra-sertão” e que lhe faz perguntas sobre sua vida na tentativa de resgatar a memórias do protagonista. Até a metade da obra, os relatos dos acontecimentos são dissociados de uma linearidade de ocorrências, por vezes com lacunas, esquecimentos ou retomadas e correções do passado.

O enredo se desenrola nos entremeios de disputas de poder entre coronéis latifundiários de terras próximas ao rio São Francisco, no estado de Minas Gerais. Riobaldo relata um suposto pacto com o diabo no passado para alcançar a imagem que o jagunço Reinaldo-Diadorim reproduzia dele. Isso resultou em sua reestruturação como pessoa, no plano do imaginário, para se tornar um sujeito de sucesso e invencível a ponto de concorrer com Hermógenes, o pai desse amigo que também fizera o mesmo pacto. No entanto, apesar de a sua aproximação com o diabo ter suprido os seus desejos, não foi capaz de administrar as suas novas vantagens e prejudicou a sua relação com o seu amor. Assim, passa a conviver com este sentimento de culpa e arrependimento oscilando sobre a crença da real existência do diabo e os elementos que comprovam a veracidade do pacto (HANSEN, 2006, p. 8).

Já a metade final do livro, Riobaldo se encarrega de recontar para o interlocutor as suas experiências, desta vez, com maior lucidez e compreensão da sequência dos fatos de forma coerente ao estabelecer diferentes níveis entre as histórias narradas das lutas dos jagunços, o seu sentimento por Diadorim e, em específico, a explanação do pacto com o diabo. Dessa forma, acentua as contribuições teológicas de seu amigo Quelemém que o ensinou a perceber os vestígios da existência de um deus (HANSEN, 2006, p. 9).

Em suma, *Grande Sertão: Veredas* foi escrito durante um período em que o Brasil inicia um processo de solidificação da cultura nacional, com abertura de espaço no cenário artístico mundial. Assim, a obra rosiana introduz de forma única as suas narrativas compostas por oralidade real e ficcional que constroem representações de imaginários tradicionais, e ao mesmo tempo com o traço poético de Rosa, em algumas regiões pouco exploradas no país, como o sertão mineiro, em oposição aos investimentos da literatura internacional e nas preocupações com os fenômenos urbanos e políticos. Nesse sentido, toda a relevância deste livro se dá pelo lugar singular que ocupa na literatura e na universidade, pois propõe uma reflexão sobre as instâncias do comportamento localizado frente ao imaginário generalizado, ou em outras palavras:

A obra de Rosa é inédita na arte de conciliar o sabor específico das regiões e dos pensamentos particulares com os temas universais da literatura mundial, aliando o elemento popular e oral com as mais sofisticadas técnicas narrativas da modernidade, além de criar um amálgama entre gêneros tão heterogêneos quanto a lírica e o ensaísmo (ROSENFELD, 2006, p. 23).

Assim, torna-se uma tendência a criação de personagens insubstituíveis que se constituem a partir de temas consagrados pela tradição clássica. Com efeito, mediante tudo que foi exposto nesta seção, notamos que não foi somente *Grande Sertão: Veredas* que se consagrou como uma obra prima, mas G.R. também ocupou o seu lugar no campo literário e, principalmente, na universidade. Sendo assim, a seguir, convergiremos o nosso foco para as imagens que se formam desse autor e sua obra no discurso da crítica literária universitária.

2.1.3. Imagens de Guimarães Rosa no discurso da crítica literária universitária

Ao refletirmos sobre a construção da imagem de Guimarães Rosa (G.R., de agora em diante) e sua obra a partir da sua recepção crítica na universidade, consideramos oportuno nos aproximarmos da problemática do *ethos* situada no campo da análise do discurso com a finalidade de mostrarmos como o escritor mineiro é representado no *corpus*. Para tanto, utilizaremos o procedimento metodológico de investigação de imagens no discurso em tela pensado por Stafuzza (2014), apresentado em sua tese de doutoramento *O discurso da crítica literária universitária: sobre James Joyce e Ulysses*, que apreende três etapas de análise discursiva da constituição do *ethos*: i) primeiro, elenca-se as possibilidades de imagens

primárias³² do escritor e sua obra na relação entre enunciadores e destinatários; ii) em seguida, evidencia-se as categorias de imagens geradas por essas relações materializadas no *corpus*; iii) por último, legitima-se as imagens no discurso por meio do recorte e interpretação dos sentidos nos atos de enunciação de cada texto. Antes de aplicarmos o procedimento metodológico, mobilizamos as pesquisas de Ruth Amossy (2005), em *Imagens de si no discurso*³³, Dominique Maingueneau (2005), em *Gêneses dos Discursos*³⁴ e Dominique Garand (2007), em *La fonction de l'ethos dans la formation du Discours conflictuel*³⁵, em vista, determinarmos os alcances epistemológicos da noção, inscrita na análise do discurso.

A projeção de uma imagem de si no discurso não exige uma verbalização do locutor de suas características explicitamente, uma vez que “seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação da sua pessoa” (AMOSSY, 2005, p. 9) de maneira institucionalizada³⁶ ou não. A antiga *Retórica* de Aristóteles utilizava o termo *ethos* ao se referir a garantia de sucesso em uma atividade de persuasão durante a interação. No entanto, segundo se lê em Amossy (2005, p. 10-11), Émile Benveniste afirma que a substância da imagem está correlacionada com o processo de inscrição do enunciador no discurso, pois a subjetividade é o resultado da atividade verbal, mútua e dependente entre locutores, ressalva refinada mais tarde por Michel Pêcheux ao postular que uma imagem articula a constituição de si e do outro e vice-versa³⁷. Sendo assim, mais tarde, Ervin Goffman³⁸ (1984) pondera sobre as influências as quais os participantes da interação sofrem ao se encontrarem inseridos em um espaço regulamentado por aspectos externos, como a história, a cultura, a política ao escaparem a ideia de intencionalidade. Todavia, esses olhares parecem suspensos na pragmática semântica de Oswald Ducrot, pois insere a noção na instância discursiva dos participantes, e faz com que a imanência do locutor seja questionada.

Dentre essas reflexões, notamos que o conceito em questão obteve fronteiras mais nítidas com os estudos de Dominique Maingueneau (2005) em *Gêneses do discurso* ao propor

³² Consideramos primárias neste momento devido à heterogeneidade de imagens presentes no *corpus* de análise.

³³ AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso – A construção do ‘ethos’*. São Paulo: Contexto, 2005.

³⁴ MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

³⁵ GARAND, Dominique. La fonction de l'ethos dans la formation du discours conflictuel. In: *Invectives et violences verbales dans le discours littéraire*. (Org. Marie-Hélène Larochelle). Laval: Presses de l'Université Laval, 2007, p. 3-19.

³⁶ Referimo-nos à “instituição discursiva” (MAINGUENEAU, 2005, p. 46).

³⁷ Ruth Amossy (2005, p. 11) cita o modelo de interpretação da construção da imagem pelo método interativo de Michel Pêcheux: “[...] o emissor A faz uma imagem de si mesmo e de seu interlocutor B; reciprocamente, o receptor B faz uma imagem do emissor A e de si mesmo”.

³⁸ GOFFMAN, Erving. La mise en scène de la vie quotidienne. In: *La présentation de soi*. Paris: Minuit, 1984.

uma *semântica global* enquanto modelo dinâmico de manifestação do discurso, durante a interação, que situa enunciador e enunciação em suas dimensões próprias, isto é, “o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber” (AMOSSY, 2005, p. 16). Não obstante, o francês em tela em *L'Analyse du Discours*³⁹ (1991), *O contexto da obra literária*⁴⁰ (1995) e *Análise de textos de comunicação*⁴¹ (2001) repensa essa noção clássica, como componente de uma *cena da enunciação*, em que o locutor pode voluntariamente ou não selecionar a sua *cenografia* ao enunciar – não aprofundaremos estes conceitos devido as fronteiras teóricas pensadas para a pesquisa. Consequentemente, Amossy (2005, p. 16-17) reitera os limites da noção ao fazer referência a Maingueneau:

A maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a depreende-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. [...] Ao mesmo tempo, o *Ethos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação da fala (AMOSSY, 2005, p. 16-17).

Logo, ao analisarmos as dimensões discursivas dos artigos teremos acesso a esse “estatuto do locutor” o qual emerge na enunciação, como aponta Garand (2007, p. 12) ao pensar o conceito de um *anti-ethos* no discurso:

[...] o *anti-ethos* é uma figura desenvolvida por aquele que fala; por conseguinte, é uma função do discurso avançado. Quando o alvo recebe seu turno, os valores podem cair. No entanto, o indivíduo impugnado deve lidar com o que foi dito para si mesma; sua fala é parcialmente guiada pela existência de simulacros construído em torno de sua pessoa, o que ele deve procurar identificar, aos olhos de seu interlocutor, sem dúvida, mas acima de tudo a Terceira.

Nesse sentido, a concepção em foco, abordada por Maingueneau (2005) e por Garand (2007), distancia-se dos interesses das teorias da argumentação, pois além de refletir sobre a enunciação em oposição à perspectiva empírica, associa traços do corpo ao discurso em um jogo de determinações sociais e culturais, estereótipos, pois afetam a estabilidade do enunciador, isto é, “[...] um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de

³⁹ MAINGUENEAU, Dominique. *L'Analyse du discours*. Paris: Hachette, 1991.

⁴⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Le Contexte de l'oeuvre littéraire. Énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1995.

⁴¹ MAINGUENEAU, Dominique. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 2001.

enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado” (MAINGUENEAU, 2005, p. 75). Assim, ao tratarmos do discurso literário, neste caso sobre a crítica literária universitária, devemos delinear as circunstâncias discursivas articuladas aos participantes do processo enunciativo e não se deixar vetar o *simulacro*⁴² de traços que posicionam os sujeitos na interação.

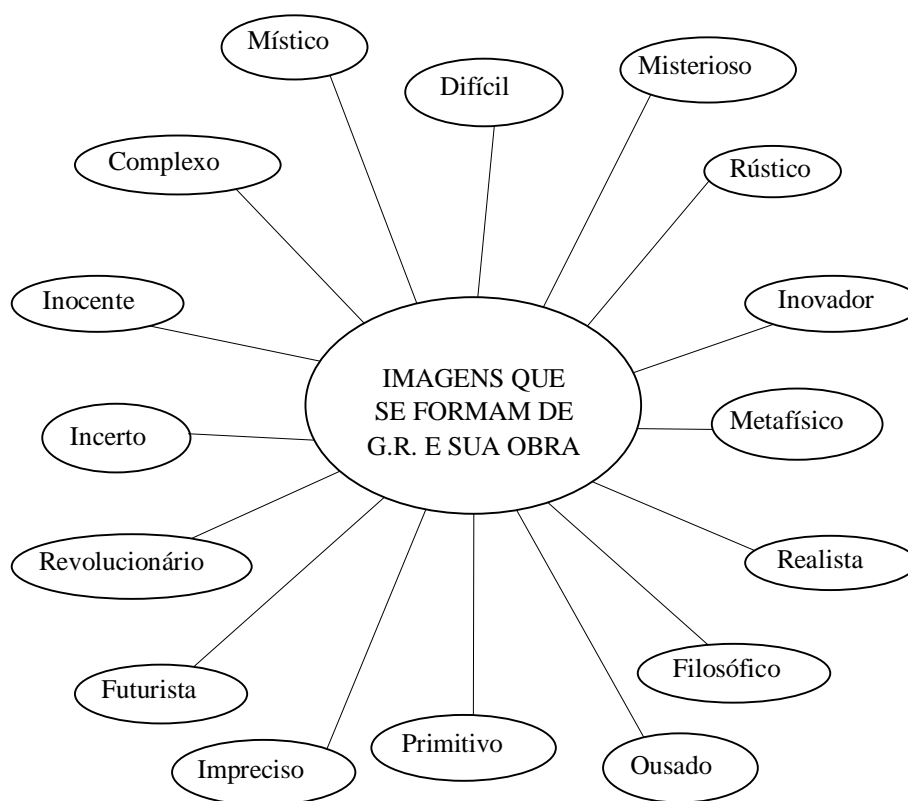
Além disso, ao retomarmos a crítica literária perpassamos também pela sua inscrição na universidade. Logo, o *ethos* possui um empreendimento não somente discursivo, mas também institucional, já que o sujeito falante ao se reportar a um locutor no discurso, ocupa uma posição de um orador mediado por certos elementos os quais legitimam o seu dizer. Ademais, mesmo antes da troca verbal, uma pré-percepção desse enunciador é instaurada, o *ethos* pré-discursivo que se define como “um número de qualidades atribuídas a ela, mesmo antes de o orador toma a palavra: seu nome, sua idade, sexo, nacionalidade ás, ás profissão, pertença a uma organização deste tipo (GARAND, 2007). Acrescente a isso a sua reputação derivada de ações ou de intervenções passadas. A partir da recorrência dessa pré-disposição, percebe-se que o “*status* de que goza o orador e sua imagem pública delimitam sua autoridade no momento em que ele toma a palavra” (AMOSSY, 2005, p. 138), isso justifica a inquietação dos críticos ao citarem G.R. por tantos anos de forma canônica como o renovador do regionalismo. Ademais, “o proferimento do discurso ou a colocação de um texto em circulação conferem certa realidade à distribuição dos papéis e às imagens do orador que eles autorizam” (AMOSSY, 2005, p. 138). Logo, o crítico ao se engajar com o *status* de professor universitário se legitima como um locutor assegurado de um saber institucionalizado e isso lhe concerne autoridade ao se posicionar enquanto um escritor referente no espaço literário.

Partindo dessas colocações teórico-metodológicas que balizam o desenvolvimento dessa perspectiva retórica aplicada ao cerne do discurso, analisamos o *corpus* como escopo e validação das colocações. Em um primeiro momento, ao pensarmos em algumas orientações de representação do *status* sobre G.R. e sua obra delimitamos um caminho possível que adotamos neste estudo, conforme ressoamos em Stafuzza (2014), uma imagem constituída pela academia baseada nos artigos críticos universitários que servem de crivo entre os pesquisadores, uma *concepção acadêmica*.

Partindo dessa concepção supracitada, compreendemos a validação, subjetividade e interpretação das obras literárias pelos críticos literários, relacionada a um autor e sua

⁴² O *ethos*, aqui, não é pensado como uma descrição de características empíricas dos locutores no processo enunciativo, mas como a discursividade que permite a constituição de imagens inferentes nos discursos.

recepção na academia sob as consonâncias de ângulos analíticos que instauram uma identidade híbrida no discurso da crítica, uma vez que “[...] o *ethos* cobre todas as características relevantes na construção, não apenas uma representação da personagem, mas também uma identidade, além daquele individual para registrada dentro de unidades maiores” (GARAND, 2007, p. 13, tradução nossa). Selecionamos assim algumas compilações críticas de G.R., especificamente duas publicações do suplemento as quais se propuseram a reunir alguns recortes de ensaios de diversos artistas da literatura de períodos diferentes sobre o mineiro em questão, *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*⁴³ e *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*⁴⁴, para demonstrarmos, primeiramente, por meio de quadro ilustrativo, a diversidade de imagens formadas em ambos os textos:



Quadro 2: Representação das imagens possíveis de Guimarães Rosa e sua obra em consonância com as compilações críticas do *macro-corpus*.

⁴³ Suplemento Literário. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1967. Suplemento, v. 2, n. 65, p. 4.

⁴⁴ Suplemento Literário. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1967. Suplemento, v. 2, n. 65, p. 2.

Como apresentado, as características revelam posicionamentos que se aproximam, como “inovador” e “revolucionário”, no entanto, também algumas divergências como “primitivo” e “futurista”. Logo, propomos a hipótese de que essas contradições são efeitos da mudança de consciência crítica desde o início das publicações rosianas no início da segunda metade do século XX e o desenvolvimento teórico e metodológico subsequente das correntes literárias, a saber a especialização da crítica na universidade, que autorizaram os professores a atribuir, como demonstrado no *Quadro 2*, a ideia de “inocente” em algum momento e “ousado” em outro, resultando em uma imagem híbrida e dinâmica.

Nesse sentido, focamos no estudo da relação entre *professores autores* e a *academia* introduzido nos atos enunciativos, ao passo que ao evidenciar esses fragmentos que legitimam as percepções nos permitirá formular análises mais consistentes e, assim, formar com mais estabilidade o *ethos*⁴⁵ de G.R. e sua obra na universidade enquanto uma instituição, uma vez que “[...] ao acompanhar um discurso publicado, o nome do autor se associa a uma série de qualidades específicas que nos permitem colocar o indivíduo [sujeito] no campo social, enquanto conferir autoridade. Estas atribuições não são inocentes” (GARAND, 2007, p. 14). Com efeito, após o exame da compilação de críticas, construímos por consonância de atribuições das características dos críticos, quatro imagens possíveis mais complexas e precisas⁴⁶: i) Guimarães Rosa possui técnicas de escritas inéditas; ii) Guimarães Rosa é diferente dos escritores de sua época; iii) Guimarães Rosa é original e por isso precisa ser estudado; e iv) Guimarães Rosa propõe invenções e intervenções na linguagem *culta*⁴⁷. Dessa maneira, passemos à execução do procedimento metodológico mencionado.

Presente na primeira imagem, “Guimarães Rosa possui técnicas de escritas inéditas”, os professores autores apontam que Rosa rompe com a escrita clássica da narrativa ficcional brasileira ao propor um novo aparato estético nunca experimentado pelos literários da época, como a musicalidade do falar jagunço, novos rearranjos na estrutura convencionais da linguagem nomeada como “culta” e jogos semânticos afetados pelo momento da criação literária comum, o que possibilitou a inserção do aspecto poético na prosa por meio da desestabilização dos modelos de formulação da prosa modernista. Os fragmentos seguintes, recortados dos artigos supracitados, dizem respeito a estas questões:

45 Imagens que os críticos constroem.

46 As imagens no discurso construídas sobre Guimarães Rosa e sua obra a partir das críticas literárias do *macro-corpus* revelam os pontos de consonância e divergência nos aspectos analíticos de cada crítico, o que torna possível contrastar distintas concepções críticas e assim fundar identidades a partir de elementos subjetivos.

47 Em oposição à linguagem coloquial.

- “De outra parte, é fundamental empreender que Guimarães Rosa reabilita o romance brasileiro no seu aspecto estético. Os exemplos que apresentamos da linguística estrutural e verbal de *Grande Sertão: Veredas*, bem demonstram que estamos em presença de um prosador que é, acima de tudo, um inventor” (CAMPOS, 1967, p. 4)⁴⁸.
- “Sua audácia é mais audaz, pois não se escora no caráter informe dos estados anteriores à formulação; realizar-se ao criar um poderoso jorro verbal, em cujo curso sintaxe a palavra adquire qualidade poética” (SCHWARZ, 1967, p. 4)⁴⁹.
- “Firmou-se Guimarães Rosa na sua prosa que é uma renovação semântica. Porque na contribuição do escritor não entra somente a pesquisa da palavra, na sua significação local. Há o que poderíamos chamar de alma da palavra na narrativa de Rosa. A fala do personagem se confunde com a ficção, num derrame lírico que é a sua humanidade” (RÊGO, 1967, p. 2)⁵⁰.

Com efeito, notamos que uma imagem de um sujeito-autor e uma obra “únicos”, “inéditos”, “audaciosos” e “transformadores” emergem nos enunciados dos críticos o que faz com que discursos históricos, tais como o encontro das críticas literárias passadas e vigentes, atravessem os dizeres e consagre as obras do autor mineiro como passíveis de uma quebra de linearidade teórica na literatura. Por um lado, os críticos atrelam a escrita ao autor, tornando-os interligados e obviamente justificáveis, o que remete a um *Ethos* de marca profunda às regularidades das publicações literárias da década de sessenta.

Na imagem seguinte, “Guimarães Rosa é diferente dos escritores de sua época”, os críticos universitários atribuem ao responsável por *Grande Sertão: Veredas* um alcance de visão do cenário literário nacional mais amplo e não estrito como apenas “mais um” escritor regionalista, internaliza em seus textos a universalidade que se confunde com o simples descrever de acontecimentos e lugares e problematiza a questão existencial do ser humano, perpassando por instâncias filosóficas ao justificarem as ações e atitudes de seus personagens, habilidade esta que não se reduz a uma simples reprodução de técnicas literárias tradicionais, mas de uma movimentação de todo um conhecimento laboratorial sobre o sertão adquirido com propriedade além de uma dedicação e naturalidade no ato da formulação, comparado à

⁴⁸ CAMPOS, Augusto de. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 4.

⁴⁹ SCHWARZ, Roberto. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 4.

⁵⁰ RÊGO, José Lins do. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

um “artesão” o qual “manuseia as palavras” e dessa forma obter os sentidos esperados. Recorremos aos subseqüentes enunciados para sustentar essas ponderações:

- “E esse súbito alargamento de visão, essa inesperada grandeza residem, para mim, antes de tudo, na dimensão universal que Guimarães Rosa acrescentou ao seu regionalismo, ao lado de um sentido especulativo de existência que não conhecíamos em outros escritores brasileiros deste século” (LOUZADA, 1967, p. 2)⁵¹.
- “O autor jovem que quiser imitar Guimarães Rosa, a menos de correr o risco de reproduzir lhe apenas uma faceta, terá de varar os quadrantes do saber, circunavegar muito. Os mares que Guimarães Rosa percorreu são oceânicos, ricos de ilhas, povoadas de lendas, cortados de augúrios” (AMADO, 1967, p. 2)⁵².
- “Guimarães Rosa redige os seus recontos como o químico executa reações, o anatomista dissecar o órgão e o fisiologista expõe o mecanismo de circulação. Existe entre ele e os nossos escritores diferença fundamental sob o ponto de vista do artesanato literário. Enquanto os outros escrevem para narrar alguma coisa como pretexto exclusivo para aplicar a sua técnica de manuseio linguístico” (CANABRAVA, 1967, p. 2)⁵³.

Logo, percebemos nos dizeres anteriores que Rosa e sua obra são reconhecidos por serem “universais”, “existencialistas”, “sábios” e “precisos com as palavras”. Não obstante, essas qualidades retomam características sócio-históricas do lugar ocupado por Guimarães Rosa na repercussão dos autores de seu tempo construindo, assim, um *Ethos* particular com capacidade de persuasão maior aos leitores se comparados aos que seguiam as “normas” ditadas pela era Modernista. Isso implica em condicionar a característica de “estranhos” aos textos do autor em questão, pois não se nivelam de forma regular ao que fora produzido no mesmo espaço-tempo.

No que concerne à imagem “Guimarães Rosa é original e por isso precisa ser estudado”, os professores autores associam a originalidade de Rosa ao seu lugar social e histórico enquanto autor, já que tenta transmitir com maestria, como obra de arte, a expressão do sertão mineiro presente em suas memórias e experiências pessoais e profissionais ao

⁵¹ LOUZADA, Wilson. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

⁵² AMADO, Gilberto. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

⁵³ CANABRAVA, Euryaldo. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

indicar a imersão de um modelo de percepção escrita ainda não explorado pelos jovens das letras sacralizados pelas correntes da literatura internacional. A saber, Rosa é marcado como o símbolo da renovação da ficção nacional ao inserir tendências poéticas e filosóficas na narrativa. Essas observações podem ser percebidas nos seguintes recortes:

- “A originalidade de Guimarães Rosa no movimento em questão está em que ele é apenas um escritor, no mais profundo sentido da palavra, o poeta (criador) e o estrela (artista), cuja expressão idiomática brota, como toda a sua força, do seu inconsciente idiomático, porque resulta do ambiente idiomático e social que trouxe, com seus próprios personagens, para o ambiente literário sem fórmulas preconcebidas, que dizer, traduzindo seus temas com a mestiçagem cristalizada e brasileira de sua linguagem transmitida com sua linguagem adquirida” (CORDEIRO, 1967, p. 2)⁵⁴.

- “Assegurou ele à ficção de cunho regional uma nova dimensão, graças à sua acuidade psicológica e sua compreensão dos valores folclóricos. E junta-se a isso tudo a coloração poética que torna a sua expressão de uma viva originalidade” (CAVALCANTI, 1967, p. 2)⁵⁵.

- “Guimarães Rosa deu-nos uma inesquecível invenção literária da condição humana. [...] É, também, pelo dom da literatura autêntica, um cidadão do mundo – e o é não por seu pitoresco de primitivo, mas por sua grave e densa humanidade” (PIMENTEL, 1967, p. 2)⁵⁶.

Desta forma, os críticos literários caracterizam Rosa e sua obra como “originais”, “estrelas”, “humanistas” e “autênticos” de uma maneira a posicionar os seus talentos como além dos limites das abordagens atuais, como se o material produzido ultrapassasse os instrumentos de compreensão do texto literário o que, conseqüentemente, exigiria uma continuidade do desenvolvimento de pesquisas relacionadas. Logo, as condições para construção do *Ethos* aqui, pensando em Rosa e sua obra como “tendência”, podem ser baseadas no pressuposto de que “o que é novo é carente de investigação” o que faz referência a um dos princípios da era Modernista de ruptura com os padrões metodológicos.

⁵⁴ CORDEIRO, Cruz. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

⁵⁵ CAVALCANTI, Valdemar. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

⁵⁶ PIMENTEL, Osmar. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

Já na última imagem, “Guimarães Rosa propõe uma renovação na linguagem literária”, os produtores dos artigos sustentam a essência do autor como o “criador” de uma nova maneira de utilização da linguagem inferente às características particulares de um falar, o do sertão, em um sistema universal, a literatura modernista, prolongado por muito tempo pela vanguarda europeia, sendo sacralizado como aquele que deu visibilidade aos “primitivos” e “inocentes” traços mineiros. Elencamos os seguintes trechos referentes a essa investigação:

- “O sr. João Guimarães Rosa toma a *mimesis* brasileira de Euclides da Cunha e, através da reelaboração dos falares brasileiros chega à criação de um idioma que, apesar de privado, não perde seus atributos coletivos” (OLIVEIRA, 1967, p. 4)⁵⁷.
- “A nova língua de Guimarães Rosa ‘nos conta’ história de vaidade universal, com elementos do maior primitivismo e inocência” (ALVARENGA, 1967, p. 2)⁵⁸.
- “Cito Guimarães Rosa, a meu ver um dos maiores narradores de hoje. Está na boa estrada da renovação de linguagem, que palmilho com muita atenção” (UNGARETTI, 1967, p. 2)⁵⁹.

Por conseguinte, analisamos os enunciados para perceber que os críticos classificam Guimarães Rosa e sua obra como “idiomáticas”, “primitivas”, “inocentes” e “relevantes”. Nesse sentido, constitui-se o *Ethos* como um conjunto de traços contraditórios ao que é considerado como “língua padrão”, uma vez que os neologismos deveriam ser considerados como “não-cultos”, mas se enquadram em uma categoria artística e simultaneamente “universal”.

Assim, o *ethos* de G.R. e sua obra é fundado pelas imagens que se formam de si no discurso da crítica literária universitária e dispõe uma *pré-imagem* de sua constituição identitária de autor, pois a partir dessa perspectiva é possível evidenciar “[...] um número de qualidades atribuídas a ela [identidade], mesmo antes de o orador toma a palavra: seu nome, sua idade, sexo, nacionalidade, profissão, pertença a uma organização deste tipo” (GARAND, 2007, p. 13). Vinculado a isso, a sua reputação derivada de ações ou de intervenções passadas. Essas são demarcadas nos rastros e nas marcas deixadas no campo lexical dos atos

⁵⁷ OLIVEIRA, de Franklin. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 4.

⁵⁸ ALVARENGA, Otávio Melo. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

⁵⁹ UNGARETTI, Giuseppe. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.

enunciativos ao embarcar o leitor a reconhecer uma espécie de tom característico em dois aspectos: o *caráter* “renovador”, “ousado”, “complexo”, “futurista” etc., que trata dos vestígios que denotam características psicológicas; e a *corporalidade* dos discursos que emergem ao nos concentrarmos nos elementos relacionados ao receptor a perceber um certo movimento do enunciador na dimensão discursiva sócio-histórica. Importante ressaltar que o conceito de *ethos* discutido aqui, não se refere a um controle consciente dessa imagem por parte do locutor, mas de um posicionamento do sujeito no discurso.

Assim, percebe-se nas sequências discursivas mobilizadas para análise que Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas* se constituem, por um lado, em um autor que possui rastros de características canônicas que evidenciam expectativas aos críticos e, por outro lado, uma obra literária que se apropria dessa sacralização histórica para recorrer a valorização de um lugar “privilegiado” na literatura brasileira. Esse *ethos*, ainda, possui uma série de vertentes de análises que articulam o próprio posicionamento dos críticos na história, pois são bastante divergentes as imagens que emergem no *corpus* mobilizado. Para tanto, faz-se necessário abordar com mais precisão como esse processo de canonização de Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas* instaura suas propriedades a partir da recepção crítica no contexto acadêmico.

2.1.4. A recepção crítica de Guimarães Rosa e sua obra

O *Suplemento Literário do/de Minas Gerais* se mantém em circulação durante quase cinquenta anos e por ter grande visibilidade não somente no estado mineiro, mas em todo o país, tornou-se um dos mais importantes suportes de divulgação de obras literárias, escritores, pintores, arquitetos e da cultura nacional como um todo. A primeira edição foi publicada no ano de 1966, período, como abordado anteriormente nas seções teóricas, em que a efervescência estruturalista e das novas críticas na Europa e no norte da América refletiam suas ambições em solo brasileiro em diversas formas de arte, o que não poderia ser diferente com a literatura. Ademais, com o passar dos anos o formato em que este suplemento tratou e ainda trata Guimarães Rosa e sua obra se apresentou diferentes, como visto na seção anterior, o que demonstra uma transformação em todo este material.

Contudo, essas modificações ao longo do tempo e do espaço também afetaram outros meios de divulgação de todo o cenário crítico, tornando o nome “Guimarães Rosa” como uma referência a diversas investidas inéditas na ficção brasileira de sua época. Isso significa que a legitimação de seu nome ocorreu de acordo com uma série de outras produções e reproduções de críticas literárias sobre os seus trabalhos. Para tanto, objetivamos nesta seção propor um levantamento das principais formas de projeção de Guimarães Rosa no contexto acadêmico e no contexto exterior à academia, especialmente relacionado ao suplemento literário, para evidenciar esta legitimação com mais precisão. Para tanto, inicialmente trataremos de sua recepção no suplemento, e em seguida, dos diversos outros suportes que compuseram algumas correntes de críticas literárias.

Em pouco tempo, após a publicação de alguns dos seus mais importantes trabalhos, *Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa se tornou rapidamente em um dos escritores mais populares e valorizados de Minas Gerais por causa de sua escrita única e original ao representar o regionalismo mineiro com maestria, talvez pelo tom característico do interior regrado por uma acessibilidade e compreensão universal. E a recepção crítica de sua obra no suplemento não poderia negar que esse escritor foi considerado como o mais procurado e com o maior número de trabalhos relacionados a toda sua trajetória pessoal e profissional, superando outros ápices da literatura como o já aclamado Machado de Assis, no entanto, em um contexto de muita tensão.

A saber, o Brasil se encontrava envolvido por um período sócio-político ao mesmo tempo delicado e ameaçador por causa da Ditadura Militar que viria a dominar os próximos vinte anos e de certa forma isso impedia que as produções intelectuais na música, poesia, jornais, revistas ou qualquer outro instrumento de caráter público dessem passos mais ousados. Frente a isso, o jornal tinha como principal interesse introduzir o estilo e os traços mineiros nas publicações, no entanto, dando abertura para várias manifestações culturais de escritores em todo o país. Assim, esse trabalho revelou grandes nomes da crítica literária que se consagraram posteriormente, como Antonio Candido, Haroldo de Campos, Rui Mourão, Walnice Galvão, entre outros nomes que foram reconhecidos pelas suas contribuições literárias.

O rápido sucesso desse jornal se deu devido à sua natureza interdisciplinar que não restringia a produção apenas para escritores especializados na literatura, mas possibilitava que intelectuais de diferentes áreas, como cineastas, artistas plásticos e professores universitários

de todos os campos pudessem contribuir com suas expectativas, tanto para divulgação de seus trabalhos como para a apreciação de produções alheias. Com efeito, os autores jovens e cheios de inquietações provindas do cerne do pensamento estruturalista podiam expressar suas ideias e fazer crítica sob critérios que escapavam ao tradicionalismo.

Isso implicou em uma reestruturação da literatura modernista que afetou além das fronteiras, em todo o território nacional, ao preconizar importantes ícones que hoje se faz necessário conhecer como Dúlio Gomes, Ivan Ângelo, Luiz Viela, Murilo Rubião, Luiz Gonzaga Vieira ou, além disso, críticas sobre os trabalhos dos já consagrados Carlos Drummond, Luiz Gonzaga, Alphonsus de Guimarães, Afonso Arinos, entre outros. Então esse suporte funcionava como uma mistura de divulgação de novos artistas e da perpetuação dos autores antigos o que garantiu a sua continuidade por tantos anos seguintes.

Assim, enquanto jornal, considerando as contribuições para a literatura brasileira, o suplemento demonstrou ser um reflexo da movimentação social, política e cultural dos anos sessenta e setenta, por um lado, a tensão dos regimentos editoriais de uma ditadura da censura da produção artística e, por outro lado, a vontade de romper com o clássico e repensar o modernismo em reflexo ao que já acontecia no exterior. Esse contraste entre censura e ousadia condicionou um ambiente propício para polêmicas e João Guimarães Rosa com suas obras é um representante efetivo disso.

É importante ressaltar que essa originalidade e autenticidade, casadas com as condições de produção discutidas anteriormente, impulsionou o interesse de um conjunto de autores que se acanharam em estudar sobre a obra de Guimarães Rosa sob diferentes ângulos de visão teórico-metodológica. Segundo Bolle (2004) ao citar Paulo de Oliveira (1999, p. 108-109), já ultrapassa o número de 1.300 trabalhos somente sobre *Grande Sertão: Veredas* publicados em solo nacional. Panorama este que Willi Bolle (2004, p. 10) se responsabilizou em organizar por correntes literárias de forma sintetizada, mas pertinente a este estudo, como citada a seguir pelas palavras do autor⁶⁰:

1. Os estudos linguísticos e estilísticos, como os de Mary L. Daniel (1968) e Teresinha Souto Ward (1984), que junto com as compilações lexicais de Nei Leandro de Castro (1970) e Nilce Sant'Anna Martins (2001), proporcionam subsídios básicos para a compreensão do texto difícil; 2. As análises de estrutura, composição e gênero, como as de Roberto Schwarz (1965a; 1965b), Eduardo F. Coutinho (1980; 1983; 1991; 1993), Benedito Nunes (1985), Rosemary Arrojo (1985) e Davi Arrigucci Jr. (1994), que tecem relações intertextuais e situam a obra

⁶⁰ As obras referentes aos autores citados estão dispostas nas referências.

de Rosa no universo geral da literatura; 3. A crítica genética, com contribuições de Maria Célia Leonel (1985; 1990), Lenira Covizzi e Maria Neuma Cavalcante (1990), Walnice Galvão (1990), Edna Maria dos Santos Nascimento (1990), Elizabeth Hazin (1991; 2000), Cecília de Lara (1993; 1995; 1998) e Ana Luiza Martins Costa (1997; 1998; 2002), dedicadas a esclarecer o processo de elaboração da obra a partir dos materiais reunidos pelo escritor; [...] 4. As interpretações esotéricas, mitológicas e metafísicas representadas por estudiosos como Consuelo Albergaria (1977), Francis Utéza (1994), Kathrin H. Rosenfield (1993) e Heloísa Vilhena de Araújo (1996) -, que constituíram até recentemente a tendência predominante na recepção; 5. As interpretações sociológicas, históricas e políticas. Inaugurada por Walnice Galvão (1972), com um estudo exemplar que permaneceu durante muito tempo bastante isolado, essa linha hermenêutica suscitou um novo interesse a partir da década de 1990, como mostram os trabalhos de Heloisa Starling (1999) e do autor deste ensaio.

Contudo, muito além do interesse pela literariedade de Rosa por meio de suas publicações, a crítica também repercutiu na universidade por meio de grandes projetos. Por exemplo, em agosto do ano de 1998 a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), na cidade de Belo Horizonte, colocou em prática um empreendimento colaborativo que se destinou a disponibilizar um espaço de estudo e discussão mais dinamizado, específico do legado rosiano a partir do *Memorial Guimarães Rosa*.

Essa empreitada foi possível devido a existência do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (CESPUC) e do Programa de Pós-graduação em Letras na universidade. Assim, buscaram realizar uma semana dedicada à socialização dos empreendimentos de pesquisadores que buscavam por um trabalho mais detalhado desse escritor que sempre despertou inquietação em seus mais de 50 anos de fortuna crítica.

No entanto, a demanda de interessados pelo autor mineiro e sua obra surpreendeu as expectativas e o resultado foi a criação de um evento de alcance internacional, com o apoio das agências de fomento CNPq, CAPES, FAPEMIG que, ao ser realizado, obteve sucesso imediato. Conseqüentemente, ocorreram três edições do *Seminário Internacional de Guimarães Rosa*: o primeiro aconteceu em 1998 e reuniu 600 participantes, 260 trabalhos frutos de pesquisas; o segundo no ano de 2001, contou com a presença de 700 integrantes, quase 400 obras; e o terceiro em 2004, com o aumento para 1000 interessados e mais de 440 comunicações. Todo esse sucesso pode ser notado devido à presença de pesquisadores estrangeiros de até 14 países, 18 estados brasileiros e mais de 140 universidades.

Além disso, os eventos foram organizados em modalidades diversas de divulgação para possibilitar uma melhor apreciação dos trabalhos. Dentre essas, simpósios, conferências, espaços abertos de discussão, socializações das pesquisas e minicursos, além de palestras de

escritores de grande renome na crítica rosiana, como o tradutor dos textos para o alemão no primeiro seminário (DUARTE, 2006). O último evento gerou o desenvolvimento de algumas conferências, nove minicursos e vinte e cinco simpósios organizados por temas que permitiram debates mais sólidos e específicos com maiores proveitos dos participantes.

Ademais, em todas as edições muitos participantes prepararam recriações de algumas obras rosianas em formatos artísticos distintos, como paródias ou composições musicais, a exibição de dezessete filmes, trabalhos de artes plásticas, histórias contadas, e peças teatrais sempre invocando algum texto do escritor mineiro, como *Sarapalha*, *Corpo fechado*, *Esses Lopes*, *A benfazeja*, *As margens da alegria*, *Menina de lá*, *Sorôco, sua mãe, sua filha*, *Mutema*, *Encontros de Riobaldo e Diadorim*, *Diadorim: no sirgo fio dessas recordações*, *O amor no Grande sertão*. Todas essas apresentações puderam ser contempladas em um único espaço, convalidado, mais uma vez, a ampliação das problemáticas e percepções do autor escopo do evento.

Ainda, a partir de cada seminário, os organizadores selecionaram alguns dos trabalhos mais notáveis e que receberam premiações para compor publicações em dois suportes: a revista *Scripta*, ligada ao CESPUC, com artigos e monografias, nas edições 3, 10 e 17; e três volumes de compilações das mais de 850 comunicações realizadas nos seminários que formou os *Veredas de Rosa*⁶¹. Esse constituiu o autor Guimarães Rosa como uma raiz com diversas ramificações de abordagens críticas, demonstrando que sua obra ainda não se esgotou em mais de meia década de trabalhos. Sempre haverá caminhos para percorrer quando se falar no nome desse mestre das letras, o que pode ser notado na quantidade de outros eventos desenvolvidos.

Além deste grande projeto, uma infinidade de outras publicações e eventos ocorreram e ainda ocorrem no Brasil e no mundo, a título de ilustração elencamos algumas modalidades: dissertações, como *Estórias que contam a História: Sertão e formação nacional em Guimarães Rosa e no pensamento social brasileiro*⁶², de Everton Demétrio (2012), *A estética*

⁶¹ Apresentam-se nesses volumes estudos de questões literárias e/ou estéticas, filosóficas, ideológicas, míticas, psicanalíticas, retóricas, sociológicas, políticas, geográficas e/ou históricas (às vezes ligadas à construção de Brasília); semióticas, linguísticas, semânticas, sintáticas, estilísticas; da oralidade, da análise do discurso, da tradução, da construção poética, da intertextualidade; de produção textual e de leitura, de edição, de teoria da narrativa; relativas ao Turismo, à gastronomia, à Medicina, ou à recepção, à criação, à recriação, à correspondência e à memorialística, na perspectiva dos estudos culturais ou comparatistas – com os mais diferentes autores (DUARTE, 2006).

⁶² DEMÉTRIO, Everton. *Estórias que contam a História: Sertão e formação nacional em Guimarães Rosa e no pensamento social brasileiro*. (Dissertação Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Brasil, 2012.

concreta de Guimarães Rosa⁶³, de Maria Faria (1988) e *A sagrada “escritura” de João Guimarães Rosa*⁶⁴, de Hygia Ferreira (1983); teses de doutorado, como *Palavras de Rosa: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa*⁶⁵, de Verônica Cúrcio (2013), *Entre arte e interpretação: Figurações do Brasil na literatura de João Guimarães Rosa*⁶⁶, de Bruno Fagundes (2010), *João Guimarães Rosa: as sete sereias do longe*⁶⁷, de Hygia Ferreira (1991); artigos, como *Da lenda à história: contos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector*⁶⁸, de Maria Leonel e Yoshie Nakagawa (2003); capítulos de livros, como *A construção do fantástico em contos de Guimarães Rosa*⁶⁹, de Sant’Ana Spera e Sílvio Stessuk (2007); livros completos, como *Guimarães Rosa e A Palavra Poética*⁷⁰, de Eduardo Coutinho (1996); e outros ensaios acadêmicos e jornalísticos, como *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*, de Lenira Covizzi (1978) ou *Entrevista ao jornal O Globo. Israel homenageia hoje com nome de bosque casal Guimarães Rosa*⁷¹, de Aracy Carvalho (1985).

Ainda, produções frutos de eventos como *I Seminário Rosiano*⁷², pela Universidade federal do Pará em 2008; *VII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - Grande Sertão: Veredas e Corpo de baile: 50 anos*⁷³, na Universidade Estadual de São Paulo em 2006 e *Seminário Guimarães Rosa – 50º Grande Sertão:*

⁶³ FARIA, Maria Lúcia Guimarães de. *A estética concreta de Guimarães Rosa*. Brasília, (Dissertação Mestrado). Brasília: UnB, 1988.

⁶⁴ FERREIRA, Hygia Therezinha Calmon. *A sagrada “escritura” de João Guimarães Rosa*. (Dissertação Mestrado em Letras – Literatura Brasileira). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 1983.

⁶⁵ CÚRCIO, Verônica Ribas. *Palavras de Rosa: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa*. (Tese Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, 2013.

⁶⁶ FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *Entre arte e interpretação: figurações do Brasil na literatura de João Guimarães Rosa*. (Tese Doutorado História). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2010.

⁶⁷ FERREIRA, Hygia Therezinha Calmon. *João Guimarães Rosa: as sete sereias do longe*. (Tese Doutorado em Letras – Literatura Brasileira). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 1991.

⁶⁸ LEONEL, Maria Célia de Moraes; NAKAGAWA, Sônia Yoshie. Da lenda à história: contos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. In: *III Seminário de Pesquisa - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - FCL-UNESP*, 2003, Araraquara. Caderno de Artigos. Araraquara: FCL UNESP, 2003. p. 47-53.

⁶⁹ SPERA, Jeane Mari Sant’Ana; STESSUK, S. J.. A construção do fantástico em contos de Guimarães Rosa. In: STESSUK, Sílvio. (Org.). *Da Língua de Camões*. Capítulos de Literatura Brasileira e Linguística. São Paulo: Portal Literário Editora, 2007, v., p. 9-32.

⁷⁰ COUTINHO, Eduardo de Faria. *Guimarães Rosa e A Palavra Poética*. Range-Rede, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 7-17, 1996.

⁷¹ CARVALHO, Aracy Moebius de. *Entrevista ao jornal O Globo*. Israel homenageia hoje com nome de bosque casal Guimarães Rosa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1985.

⁷² HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira (Org.). *I Seminário Rosiano*. 1. ed. Belém: EDUFPA, 2008. v. 1. 135 p.

⁷³ LEONEL, Maria Célia de Moraes; FARIA, Elisabete Brockelmann de. Dimensões míticas no discurso poético rosiano. In: *Anais do VII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – ‘Grande Sertão: Veredas’ e ‘Corpo de baile’: 50 anos*. Araraquara-SP: FCL/UNESP, 2006. p. 242-247.

*Veredas*⁷⁴, na Universidade Federal de Minas Gerais em 2006; trabalhos estes que contribuíram para a legitimação o nome Guimarães Rosa como um consagrado escritor.

Após a exposição categórica de um pouco do alcance da recepção crítica de Guimarães Rosa e da ascendente ampliação da sua fortuna crítica, pensamos ser importante mudarmos o nosso foco para um item propício e que se faz necessário a partir de agora para pesquisa: as considerações sócio-políticas e culturais que instauram as condições de produção do suporte⁷⁵ midiático que se refere a construção do *corpus* de análise, o suplemento literário.

2.2. Apontamentos sobre o *Suplemento Literário de/do Minas Gerais*

O Suplemento Literário *de* Minas Gerais (SLMG, de agora em diante), foi e ainda é um dos maiores suportes de divulgação da cultura brasileira nos últimos mais de 49 anos de circulação, e todo esse sucesso é atribuído à sua característica eclética que vai muito além da literatura como também no cinema, nas artes plásticas, no teatro e na música. Nesse sentido, objetivamos nesta seção, não apresentar uma descrição cronológica de quase meio século de publicações, mas pontuar alguns elementos importantes sobre o contexto social, político e histórico que envolve, especialmente, a forma de abordagem das críticas literárias produzidas por professores universitários em algumas fases que consideramos mais relevantes para os objetivos da pesquisa e capazes de evidenciar as transformações dessa plataforma midiática.

Para tanto, apoiar-nos-emos nos trabalhos de Haydée Coelho (2006), Jaime Gouvêa (1985), Humberto Werneck (1992) e alguns dos números do próprio suplemento (1966; 1967) para montar essa relação histórica e social pautada em imbricamentos temporais e espaciais. Dessa forma, poderemos tomar esses aspectos como condições de produção do discurso da crítica literária universitária em um panorama mais preciso.

O SLMG, segundo Werneck (1992, p. 4), demonstrou resistência no tempo durante as suas mais de mil publicações em toda a sua trajetória, o que era incomum para as revistas da época uma vez que os recursos proviam de órgãos públicos estatais com distintos engendramentos ideológicos, mas sempre tentando se sobressair com a sua autonomia e

⁷⁴ OTTE, Georg. O diário de guerra de João Guimarães Rosa. In: FERREIRA, Camila Diniz (Coord.). *Seminário Guimarães Rosa – 50º ‘Grande Sertão: Veredas’*. Anais 2006. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2006.

⁷⁵ Suporte aqui é pensado enquanto materialidade discursiva.

autenticidade. O suplemento nasceu em meados dos anos sessenta, durante o início de um período tenso para o Brasil. Após o golpe de 1964, iniciou-se uma reestruturação política que precederia a Ditadura Militar a partir de 1968, mais conhecido como os duros “anos de chumbo” que perpetuou um alto grau de controle de conteúdo dos suportes midiáticos e apenas passou a conquistar mais liberdade após a preconização da redemocratização no fim dos anos setenta.

Além disso, por mais que o suplemento tenha enfrentado vários problemas de gestão, crises orçamentárias e a censura do legado da ditadura, ainda assim contribuiu para tornar público os trabalhos dos novos talentos de algumas das áreas do universo artístico e abrir espaços para discussões sobre os nomes que já se consagraram no passado. Sendo assim, decidimos pontuar dois momentos importantes que envolvem o contexto subjacente aos dois períodos que selecionamos e que foram publicadas as críticas literárias recortadas para a composição do *corpus*: os anos de 1968 e 2006. A saber, consideramos estes dois lugares sócio-históricos como distintos e que possibilitam perceber o desenvolvimento desse material em uma perspectiva discursiva.

O SLMG teve como seu primeiro idealizador e editor Murilo Rubião que pretendia com o seu projeto alcançar aquelas cidades mineiras em que apresentavam carência de publicações de jornais e revistas e teve como reação um alcance a mais de 853 cidades por meio de sua vinculação ao *Diário Oficial Minas Gerais*. Como consequência, mesmo que visto como um suplemento, o jornal foi selecionado para fazer parte da coleção *Revistas de invenções*, trabalho feito por Sergio Cohn (2011), que reuniu cem das mais representativas revistas brasileiras sobre a cultura modernista para montar um cenário histórico. Nesse trabalho, Cohn (2011, p. 118) aborda um pouco sobre a gênese desse jornal:

Talvez o mais longo suplemento literário brasileiro, o SLMG foi criado em setembro de 1966, tendo como primeiro editor o maravilhoso Murilo Rubião, e permanece distribuindo cultura. Rubião o coordenou, com generosidade e discipulagem, até 1969, e depois foi a vez de Wander Piroli tomar conta de suas páginas, até 1975. Embora esse seja considerado o seu período áureo, certamente o Suplemento Literário de Minas Gerais continuou sendo um dos mais influentes periódicos de cultura do país décadas adentro. Por suas páginas passaram praticamente todos os grandes nomes de nossa literatura, de Clarice Lispector a Dalton Trevisan, de Lygia Fagundes Telles a Osman Lins. E formou leitores de todo o Brasil.

Assim, um texto de Jaime Prado Gouvêa (1985) publicado no suplemento relata que nos anos sessenta mais de duzentas localidades de Minas Gerais se encontravam com difícil

acesso as publicações do restante do país com exceção do órgão oficial *Minas Gerais* que, por ser obrigatório, levava questões sobre legislação e movimentos administrativas.

Dessa forma, o governador vigente do estado mineiro Israel Pinheiro, no início de seu mandato, apresentou uma preocupação com esse isolamento e incentivou, juntamente com o atual presidente da república Juscelino Kubistchek – que também compartilhava de uma admiração pelo trabalho de Guimarães Rosa – à criação de um espaço especial, um caderno “[...] que amenizasse a prosa burocrática com algum noticiário, colunas e um pouco de literatura” (WERNECK, 1992, p. 178). Para tanto, acionou Raul Bernardo Nelson de Senna, atual diretor da *Imprensa Oficial*, para dedicar uma tiragem de notícias e outra direcionada à literatura ao diário. Com isso, o diretor se responsabilizou em ser o secretário da causa e reuniu alguns escritores mais próximos, como Murilo Rubião, Aires de Mata Machado Filho e Bueno de Rivera para comporem a primeira bancada literária.

Depois de um mês, o primeiro encarte foi publicado junto ao *Diário Oficial*, com Paulo Campos Guimarães na direção, no dia três de setembro de 1966, o qual recebeu o nome de *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Na primeira publicação do suplemento, constou a justificativa do novo investimento midiático:

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do “Minas Gerais” contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla. Nessa ordem de ideias, o “Suplemento Literário” vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que situamos até conjura o perigo do provincianismo. O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados positivo e negativo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. (Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 1966, n.1, p.1.)

Com o passar do tempo, durante a construção da nova capital brasileira, Brasília, e a reforma política, a ampliação econômica, a expansão da produtividade capitalista e desenvolvimento do país manejado por Juscelino Kubistchek, o suplemento ganhou mais consistência e ampliou-se cada vez mais não somente nos campos da música, do cinema e das artes plásticas, ganhando cada vez mais relevância e popularidade. Coelho (2006, p. 7) comenta sobre as estratégias do jornal:

O universal e o local suscitam uma relação binária. No entanto, o Suplemento converte-se em um lugar de passagem, onde transitam homens, ideias e saberes. A geografia cultural mescla o local, o regional e o nacional e outras regionalidades, além do estado-nação. Esse feixe de relações permite que o leitor acompanhe toda movimentação cultural de Minas, do Brasil e das capitais culturais. Vive-se em Minas, lê-se em Minas, lê-se de Minas, recebe-se o *outro* em Minas. Essa voz das gerais, no entanto, não se fixa.

Todo esse sucesso do projeto fez com que Rubião convidasse Rui Mourão, no final do ano de 1979, para assumir o seu posto de editor, o que não foi possível devido a censura da Ditadura Militar. Assim, o jornal passou pelo comando de Libério Neves, Garcia de Paiva, Ângelo Oswaldo e depois Márcio Garcia de Paiva, respectivamente. Esse último reuniu uma coleção de vinte e quatro textos de ficção intitulado de *Conto Brasileiro Atual* e tentou publicar no suplemento, no entanto, também foi impedido pela censura. Já no início do ano de 1975, em um momento “pós-Rubião”, Wander Piroli redecorou a estrutura corrente do suplemento o qual, segundo Gouvêa (1985, p. 12), “[...] trouxe o dinamismo do jornal diário a que estava acostumado, inovou na parte gráfica, publicou cordel, abriu espaço aos escritores que quisessem desabafar, agilizou o setor editorial e irritou os conservadores em geral”.

Todavia, neste mesmo ano o diário oficial mineiro publicou, sem prévio aviso, uma nota alegando uma reestruturação no suplemento, o que desencadeou, no dia dezessete de maio do ano em tela, o afastamento voluntário de Piroli e de uma série de colaboradores e a interrupção das publicações. Parecia ser o fim do projeto, pois gerou desagrado ao grande número de leitores. No entanto, retornou aos trabalhos no mês seguinte sob o nome de Wilson Castelo Branco como secretário pelos próximos oito anos.

Assim, enquanto ocorria no Brasil, no ano de 1982, a posse do presidente Tancredo Neves, a direção da *Imprensa Oficial* passou para as mãos de Murilo Rubião que se empenhou, durante os próximos três anos, em trazer as tradições dos primeiros suplementos produzidos, empreendimento este que ganhou visibilidade internacional ao inserir no jornal uma nova proposta jornalística mais sofisticada e interessante, modificando tanto a face gráfica como a escolha dos conteúdos (WERNECK, 1992, p. 5).

Já no ano de 1994 ocorreu a desvinculação do suplemento, antes um encarte do *Diário Oficial*, agora responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura de *Minas Gerais*, e tomou o nome de *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Com essa nova empreitada, o jornal dedicou várias de suas páginas a falar de si mesmo por meio de depoimentos, críticas, relatos

e obras, como Guimarães Rosa, Haroldo de Campos, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Concomitantemente a esses acontecimentos, outras revistas também circulavam pelas terras mineiras na divulgação como no ano de 1927, *Verde* em Cataguases, *Elétrica* em Itanhandu, *Edifício* (1946), *Complemento* (1956), *Tendência* (1957), *Estória* (1965), essas em Belo Horizonte, todas revistas direcionadas para a literatura. Nesse momento, ocorreu o apogeu das revistas literárias no Brasil, impulsionado com a transição do Modernismo ao Pós-Modernismo, o que serviu de ponte para os intelectuais expressarem suas opiniões, ideias, criações e alcançarem o seu espaço de consagração (WERNECK, 1992, p. 6).

Foi a partir dessas condições de produção históricas que pudemos refletir sobre a crítica literária que se tornou, de um modo geral, responsável pela divulgação dos trabalhos dos jovens autores que surgiam, ou em outras palavras:

[O Suplemento] teve, entre outros méritos, o de aglutinar em sua redação uma nascente geração literária. Eram prosadores e poetas mineiros que, capitaneados por Rubião – na verdade, uma espécie de “guru” para aqueles jovens - começavam a publicar seus contos, poemas e textos de pura vanguarda no semanário. A gênese dessa criação coletiva, segundo o próprio Murilo Rubião, trazia instrumental e virtudes suficientes para promover uma ruptura com a geração anterior e estabelecer-se com legitimidade coerente. O que, para cada nova geração, significa estética nova (GOMES, 1997, p. 12).

Logo, o sucesso se deu em larga escala, pois o jornal passou a concorrer com outros grandes suplementos, como o *Jornal do Brasil* e o *Suplemento do Estado de São Paulo*, mas com uma proposta pertinente: permitir que em um mesmo espaço sejam atravessadas múltiplas disciplinas e estabelecer encontros de gerações, por um lado, apresentando novos artistas, e por outro lado, autorizando o estudo de artistas renomados, sempre com um estilo mineiro e a vontade de um conjunto de intelectuais em viver a arte.

Podemos notar esta ansiedade no relato coerente do contista Luiz Vilela (2011, p. 11): “[...] se tão importante foi para nós, os escritores novos, em Belo Horizonte, a publicação de nossos textos nas páginas do Suplemento, em seus primeiros anos de existência, não menos importantes foram nossos encontros em sua sala de redação”. Esse interesse pelo suplemento fez com que muitos chamassem esse momento de “Geração Suplemento”⁷⁶ ou “Os Novos”, devido à ousadia do jornal mediante a ditadura militar.

⁷⁶ A primeira edição tinha ilustrações internas de Yara Tupynambá e Álvaro Apocalypse (ambos estudaram com Guignard). Os textos principais foram à interpretação de Laís Correa de Araújo sobre os livros de Clarice

Pensamos que todos estes levantamentos sobre as relações da crítica literária com a história da literatura, a caracterização do gênero artigo crítico, o lugar institucional que legitima João Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*, e algumas colocações sobre o *corpus* de análise – construído a partir de recortes do suplemento literário, possibilitará que compreendamos algumas das condições de produção para uma análise do discurso literário e da crítica literária universitária.

Partindo disso, passaremos agora para a redação do segundo capítulo que se comprometerá a relacionar essas condições de produção ao procedimento metodológico de análise dialógica e interdiscursiva por meio de uma reflexão sobre as contribuições do Círculo de Bakhtin e Dominique Maingueneau sobre a relação entre discursos em um primeiro momento; e em seguida propor a análise do *micro* e *macro-corpus*.

Lispector, o artigo “Verdade e Ficção” do escritor pernambucano Austregésilo de Athayde e o poema “O País dos Laticínios” de Bueno de Rivera. O sucesso foi tão grande que no primeiro aniversário (1967) circulou uma publicação especial com Carlos Drummond de Andrade, Dalton Trevisan, Haroldo de Campos e Benedito Nunes. As edições especiais eram de capas-duras e plastificadas. Outro destaque foi à edição dupla no segundo aniversário, com trabalhos de jovens escritores e artistas plásticos. Marcou época e ficaram conhecidos como a “Geração Suplemento”, cuja verve contista era formada por Luiz Vilela, Ivan Ângelo, Sérgio Sant’Ana, Jaime Prado Gouvêa, etc. como chama a atenção Humberto Werneck no livro *O Desatino da Rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais* (Cia. das Letras, São Paulo, 1992).

Capítulo III

RELAÇÕES DIALÓGICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA: SOBRE GUIMARÃES ROSA E *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

3.1. Posicionamento teórico-metodológico

Nas seções seguintes, mobilizamos algumas obras importantes que fundamentam duas perspectivas teóricas para pensar o texto da crítica literária universitária enquanto materialidade discursiva: inicialmente discutimos sobre o *princípio dialógico* da linguagem; e expomos o primado do *interdiscurso*. No entanto, notamos que ambas as noções mobilizadas em determinados momentos se imbricam e em outros momentos entram em contradição. Sendo assim, propomos evidenciar os pontos de confluência e divergência para se pensar no desenvolvimento de um procedimento metodológico de análise e na construção do *corpus* de análise.

3.1.1. O princípio *dialógico* do/no Círculo de Bakhtin

Nesta seção, tratamos de discutir sobre a teoria do dialogismo situada no campo da filosofia da linguagem segundo os estudos do Círculo de Bakhtin, pois é a partir dessa perspectiva translinguística que pensamos em desenvolver um procedimento metodológico de análise do *corpus*. Selecionamos esta corrente porque reconhecemos que o texto literário é estudado sob diferentes concepções textuais e não-textuais, e é esta segunda que atende ao objetivo desta pesquisa.

Sendo assim, Bakhtin e Volochínov⁷⁷ (2006, p. 29-37) apresentam em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem* as ressonâncias que a filosofia da linguagem pensada por seu Círculo estabelece com a teoria marxista⁷⁸: a tese da ideologia, até então, tratava-se da instauração natural de valores sociais em toda materialidade percebida pela consciência humana que não se limitava a determinadas realidades nos sistemas de produção, mas

⁷⁷ Há controvérsias sobre a autoria original de diversos trabalhos do Círculo de Bakhtin, como a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929/2006), que normalmente se atribui como responsável pela obra Bakhtin e/ou Volochínov. Nesse sentido, é importante que o leitor desses trabalhos não atribua a autoria a apenas um pensador, mas que reflita que a própria contribuição do Círculo aconteceu de modo dialógico como um todo.

⁷⁸ A teoria marxista postula que “um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 29).

postulava que: “[...] tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 29, itálicos do autor).

Dessa maneira, todo fenômeno [re]produtor⁷⁹ de sentidos é suscetível a se tornar um signo ideológico, uma vez que é característico de toda materialidade significativa vir a se preencher de outra cadeia de significados, em outras palavras, “[...] um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 30), pois não se constitui isoladamente.

Partindo dessa reflexão, podemos constatar que a instância ideológica apenas existe no signo por meio de um recorte material da realidade que está na dimensão exterior, isto é, nas relações dependentes de sentidos produzidos, “[...] afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 32). Nesse sentido, sob a perspectiva da filosofia da linguagem aos estudos da literatura⁸⁰ e da crítica literária, podemos tomar a investigação do signo ideológico como o escopo para desenvolvermos o nosso procedimento metodológico de análise das relações dialógicas, ao passo que estamos em contato com os fundamentos da instância ideológica, pois, como defende Bakhtin/Volochínov (2006, p. 34, itálicos do autor) ao se referir à configuração da palavra:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade de toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Assim sendo, a palavra isolada de manifestações exteriores – enquanto invólucro vazio de ideologia – é apenas um *significante* neutro de *significação*, e somente adquire uma função ideológica ao se tornar um signo social. Com efeito, o caminho para desmontar essa relação entre palavra e ideologia se estabelece na constituição do indivíduo, pois assim como defende Bakhtin/Volochínov (2006, p. 35-36, itálicos do autor) sobre uma possível metodologia de análise literária:

⁷⁹ Pensar em “reprodução de sentidos” é arriscado, uma vez que a arquitetura bakhtiniana acredita que todo dizer faz referência a um dizer anterior e é produzido socialmente.

⁸⁰ Bakhtin ao longo de sua vida, gradativamente abandona os olhares enviesados para a literatura e inicia um processo transdisciplinar com as ciências humanas. Ele acredita que filosoficamente todos os campos do conhecimento humano mantêm um constante diálogo.

É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que *a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica seja ela como for*. [...] Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser em totalmente isoladas nem totalmente separadas dele.

Logo, essa configuração sobre a filosofia do signo ideológico, apresentada pelo teórico russo, autoriza-nos a pensar a obra literária como um recorte da realidade representada pela materialidade verbal que não se constitui como detentora de sentidos sem a ideologia, isto é, sem a referência a uma outra realidade⁸¹ anterior. Dessa forma, para pensarmos a crítica literária universitária enquanto um inventário de signos que se relacionam na dimensão do discurso é preciso analisar as referências translinguísticas que a palavra mobiliza para se tornar um *signo ideológico*, o que indica um princípio dialógico.

Esse princípio é abordado por Bakhtin (1981, p. 256-273), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, ao colocar em relevo nas obras de Dostoiévski a presença inevitável de um “outro” o qual a autoconsciência dos personagens dialoga e “[...] em todos os momentos está voltada para fora, dirige-se intensamente a si, a um outro, a um terceiro” (BAKHTIN, 1981, p.258), desdobrando-se em um *diálogo interior*⁸² (de si para si) e de um *diálogo exterior* (de si para o outro). É importante entender que esses diálogos não possuem fronteiras nítidas e estáveis, mas são constituídos nos entrecruzamentos de “vozes”⁸³ entre o interior e o exterior de quem fala para que haja a manifestação das formulas de se interpretar o mundo, entre os indivíduos⁸⁴, por meio da língua na/pela linguagem, uma vez que “[...] somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o *homem no homem* para outros ou para si mesmo” (BAKHTIN, 1981, p.259, itálicos do autor).

Com efeito, o ser humano por meio da linguagem instrumentaliza a fala – toma-se todo elemento de interação – e formata a língua para que mantenha um constante e maleável

⁸¹ A saber, tratamos de “realidade” o que há de material no discurso.

⁸² O monólogo, assim como o diálogo, trata-se do fruto das interações responsivas por parte dos locutores, segundo a filosofia da linguagem do Círculo.

⁸³ Referimo-nos ao fenômeno *Polifonia*, termo que Bakhtin adquire das notas musicais e aplica aos estudos literários, ou com as palavras do autor: trata-se de uma “[...] multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenas” (BAKHTIN, 1981, p.4), isto é, “plenas de valor, que mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo” (Nota do tradutor, 1981, p.4).

⁸⁴ Bakhtin (2006; 1981) não explicita uma definição precisa da noção de sujeito que temos hoje na terceira geração da Análise do Discurso pós-Pêcheux, logo, tratamos sujeito enquanto dialético, dialógico, social e ideológico.

diálogo com o “outro”⁸⁵, uma vez que todo interlocutor é suscetível a interação em um jogo de diálogos intra/interpessoais⁸⁶, pois “[...] duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência” (BAKHTIN, 1981, p.259). Ao pensarmos a filosofia da linguagem da teoria dialógica para o texto escrito, percebemos que não se trata somente de uma condição de atividade responsiva, mas também da réplica exterior⁸⁷ do “outro” como uma antecipação do diálogo interior que se pronuncia para si e reproduz uma resposta para inferir o interlocutor. O problema do locutor responsivo, apresentado pelo Círculo, faz-se refletir sobre uma “necessidade” naturalizada de se manter o diálogo com o “outro” para garantir a existência consciente do ser no mundo.

Essa visão inovadora, inclui vinculação de uma incursão de vozes heterogêneas ao dizer, sobretudo essas vozes balizam a construção ideológica entre sujeitos, em uma relação eu-tu (bivocal), na qual ambas as partes resgatam e atribuem sentidos as vozes (estrangeiras) individualmente apreendidas.

Nesse sentido, o aspecto dialógico na linguagem é mutualmente aquele que produz e aquele que aguarda pelo efeito dessa reprodução, ou melhor, “o diálogo exterior composicionalmente expresso é inseparável do diálogo interior, ou seja, do microdiálogo, e em certo sentido neste se baseia. E ambos são igualmente inseparáveis do grande diálogo do romance no seu todo, que os engloba” (BAKHTIN, 1981, p.274). Logo, se todos os textos são resultado das relações que mantém com outros textos anteriormente produzidos, podemos tomar o problema do signo ideológico como fruto das relações entre discursos.

Apesar de já discutida a concepção de discurso sob a orientação de Maingueneau (2005) no capítulo anterior, consideramos importante propor um esboço de algumas questões sobre esta noção abordada pelo Círculo de Bakhtin para demonstrarmos a funcionalidade do princípio dialógico, uma vez que as aproximações e distanciamentos teóricos entre ambos os autores serão esclarecidas nas próximas seções. Assim sendo, mobilizamos os dizeres de *Questões de literatura e estética*, especificamente o capítulo *O discurso na poesia e o discurso no romance* (1999, p. 85-106), para relacionar os fenômenos do discurso que se

⁸⁵ Apesar de Jacques Lacan propor a distinção entre “Outro” e “outro” – o “O” maiúsculo se refere ao inconsciente; enquanto o “o” minúsculo se remete ao semelhante – ao pensar na constituição do sujeito, pois afirma que o inconsciente se estrutura na linguagem. Para este trabalho, utilizamos a concepção bakhtiniana.

⁸⁶ Termos ressignificados por Maingueneau (2005, p. 30) para se referir aos diálogos interiores e exteriores em Bakhtin (1981).

⁸⁷ Sobre a réplica do diálogo, Bakhtin (1981, p. 256) afirma que “em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte, um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes emissíveis, soando em cada uma de modo diferente”.

definem pela orientação dialógica sobre a crítica literária universitária, como uma possibilidade de análise literária. Assim, se tomarmos essa modalidade de crítica como um objeto, a enunciação enquanto discurso concreto, e os discursos históricos e sociais que emergem nesta realidade como o estabelecimento dos sentidos, temos a seguinte orientação bakhtiniana sobre este panorama:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, *não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes*, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto (BAKHTIN, 1999, p. 86, itálicos nossos).

Sendo assim, os enunciados dos textos em tela, como qualquer outra materialidade significativa, são afetados por esses “fios dialógicos” que permitem que os sentidos se constituam na instância do diálogo social em resposta as inferências dos discursos de *outrem* que penetram o discurso e regem as questões semânticas e estilísticas, com efeito, fixando a concepção do objeto de acordo com sua imagem construída pela atmosfera social durante o processo dialógico.

Ademais, o autor de uma crítica viabiliza, de forma consciente ou não, ressonâncias dialógicas que fazem circular discursos outros produzidos anteriormente nos seus dizeres sociais, ou em outras palavras, “[...] em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1999, p. 88); isto é, “o discurso nasce do diálogo com sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica” (BAKHTIN, 1999, p. 89), conseqüentemente, resumamos que o discurso para Bakhtin não existe de forma isolada, mas apenas na relação com outros discursos, concepção esta que autoriza neste trabalho um estudo das relações entre discursos literários e discursos científicos (o da crítica literária universitária), uma vez que levantados os elementos que instauram o outro faz com que as propriedades dos atravessamentos discursivos emerjam na materialidade.

Em decorrência de tais colocações sobre a perspectiva dialógica, temos como consequência a manifestação discursiva na enunciação: a influência do *estilo* e do *princípio responsivo*. O primeiro aspecto se refere a compreensão passiva do fenômeno linguístico presente no enunciado, que sempre se remete a uma influência externa anterior, como

exemplo, as consciências do pensamento crítico das correntes literárias sobre o processo de institucionalização das críticas literárias universitárias.

Já a segunda questão se trata da dinâmica ou regulamentação estável ou não da atividade responsiva de formação dos sentidos por meio do enunciador, ou em outras palavras, “[...] o falante tende a orientar o seu discurso, com o seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem compreende, entrando em relação dialógica com aspectos deste âmbito” (BAKHTIN, 1999, p. 91). No entanto, o objeto não se reduz a somente um ponto comum de encontro de discursos, mas revela o posicionamento subjetivo do enunciador, uma vez que é fruto de um diálogo ativo e responsivo.

Em suma, “*estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação, externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual ele é determinado*” (BAKHTIN, 1999, p. 99, destaque do autor). Concordamos com esta compreensão do princípio dialógico da linguagem no que condiz pensar as condições de produção de um discurso, pois nos autoriza a refletir sobre os elementos que possibilitam que determinados dizeres, neste caso das críticas literárias universitárias, emergjam de formas distintas mesmo que dirigidas para um mesmo autor e sua obra o que revela uma “heterogeneidade constitutiva”.

Após essa discussão sobre o pensamento dialógico do Círculo de Bakhtin, consideramos oportuno mobilizar na próxima seção a pesquisa proposta por Maingueneau (2005) em sua obra *Gêneses do discurso* para pensar a hipótese do *primado do interdiscurso* enquanto uma teoria complementar à do *dialogismo* para o estudo do texto literário sobre a teoria dos russos, pois como afirma o analista do discurso:

Se, em algum sentido, nosso percurso se inscreve na mesma perspectiva que a de Bakhtin, a de uma “heterogeneidade constitutiva”, operaremos, no entanto, em um quadro restrito, atribuindo a essa orientação [dialógica] geral um quadro metodológico e um domínio de validade muito mais precisos (MAINGUENEAU, 2005, p. 33).

Com efeito, após esta exposição a seguir poderemos elencar alguns pontos de confluência e convergência possíveis entre a teoria do *dialogismo* e o *primado do interdiscurso* para viabilizar o desenvolvimento de um procedimento metodológico de análise do *corpus* mais preciso e estável.

3.1.2. O primado do *interdiscurso* em Maingueneau

O princípio dialógico discutido na seção anterior nos revela que a língua não é imanente no processo de produção de sentidos, mas possui no seio de seu funcionamento uma instância ideológica que faz emergir a presença do “outro” no discurso e, com efeito, um enunciado constituído pelo resgate de dizeres “já-ditos”. Sobre esse aspecto, Jaqueline Authier-Revuz (2004), em *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos por uma aproximação do outro nos discursos*, desenvolve um estudo sobre a obra dos russos e opõe duas modalidades de heterogeneidade enunciativa: uma chamada de *mostrada*, em que a alteridade é uma marca visível do enunciado no nível de análise dos aparelhos linguísticos textuais; e a outra chamada de *constitutiva*, em que a relação do enunciado com os dizeres do “outro” apenas pode ser acessada no nível do discurso, além da palavra.

E é a partir dessa última modalidade que Maingueneau (2012) inscreve a hipótese do *primado do interdiscurso* que se encarrega de problematizar as fronteiras entre os dizeres do *Mesmo*⁸⁸ e do *Outro* no discurso ao escapar do nível da análise textual e colocar a filosofia da linguagem da teoria do dialogismo como fundamento para pensar o caráter constitutivo da atividade enunciativa. No entanto, o termo *interdiscurso* utilizado pelo francês é subdividido em três configurações que consideramos oportuno não somente apresentar, mas também demonstrar a sua aplicabilidade no *macro-corpus* deste trabalho.

A primeira, o *universo discursivo*, mais ampla e com visão global, refere-se ao conjunto finito de formações discursivas que mantém alguma interação validada e que formam uma determinada conjuntura. Neste caso, a conjuntura discurso da crítica literária universitária é composta por uma série de formações discursivas sociais e históricas que interagem e estabilizam (relativamente) o gênero artigo crítico, uma vez que as críticas produzidas por professores são inscritas na instituição universidade, por exemplo. Assim, esta delimitação permite ao analista projetar um panorama geral dos domínios possíveis de investigação das interações interdiscursivas.

Para tanto, a segunda configuração chamada de *campos discursivos*, dirige-se ao recorte dos conjuntos das formações discursivas que “*concorrem* entre si” na conjuntura dada.

⁸⁸ Maingueneau (2012) opõe *Mesmo* e *Outro* (com letras maiúsculas) para desvencilhar a relação interativa entre locutores no discurso. É importante ressaltar que é um desdobramento mais detalhado da noção de *outrem*, em Bakhtin (1999).

A saber, Maingueneau (2012, p. 34) pontua que “[...] concorrência’ deve ser entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida”.

Para demonstrar, pensamos no campo discursivo da crítica literária universitária, que envolve discursos que apenas podem emergir em determinadas inscrições ideológicas, como por exemplo, o discurso filológico, o discurso marxista, o discurso estruturalista, etc. discursos estes que apesar de em alguns momentos se conciliarem e em outros se contradizerem em um jogo de trocas, instauram os dizeres de um “outro” na interação enunciativa. É neste momento que o analista é autorizado a definir o seu itinerário de investigação, pois é possível, a partir de um *corpus* literário, estabelecer as regularidades entre as funções operacionais do imbricamento das formações discursivas.

Por último, a terceira configuração, volta-se para o recorte das regularidades presentes no *corpus* em *espaços discursivos* que Maingueneau (2012, p. 35) conceitua como:

[...] subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação. Tais restrições são resultado direto de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir.

Isso significa que se faz necessário desenvolver critérios de investigação do *corpus* baseado nos conhecimentos translinguísticos reunidos sobre um enunciado, pois as hipóteses levantadas que registram a imersão constitutiva dos dizeres do *Outro* apenas podem ser percebidas a partir dessas validações dialógicas entre um discurso produzido e um discurso anterior. Conseqüentemente, para este trabalho, debruçamo-nos a reunir elementos translinguísticos que condicionaram a enunciação do *corpus* para que, partindo da análise do discurso, possamos perceber como os dizeres do *Outro* constituem os dizeres do *Mesmo* em uma perspectiva dialógica da linguagem e propor fundamentos para o desenvolvimento do gênero artigo crítico universitário.

No entanto, não nos limitaremos a tratar os textos em sua identidade isolada com os saberes translinguísticos, mas como afirma Maingueneau (2012, p. 35-36, itálicos do autor), “[...] reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desses discursos com seu Outro*”, isto é, nas relações entre textos,

como as críticas literárias, em uma mesma rede de trocas de formações discursivas, precedentes aos discursos sócio-históricos, pertencentes a uma mesma conjuntura.

Pensar esta tríade nos parece pertinente a este trabalho uma vez que dissociar *Outro* e *Mesmo* não pode ser realizada de forma nítida, pois ambos estão sempre em um conflito regulado, ou em outras palavras, “ele, [o *Outro*,] encontra-se na raiz de um *Mesmo* sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sobre a figura de uma plenitude autônoma” (MAINGUENEAU, 2012, p. 37), isso gera uma incoerência nas aproximações entre formações discursivas o que dificulta perceber os limites dos espaços discursivos, portanto, faz com que o analista importe ferramentas para perceber as regularidades desse conflito. Logo, o autor francês em tela ressoa sobre a perspectiva de Authier-Revuz (2004) e pondera sobre o procedimento metodológico:

Dessa maneira, podemos esperar ir além da distinção entre heterogeneidade “mostrada” e heterogeneidade “constitutiva”, revelar a relação com o Outro independentemente de qualquer forma de alteridade marcada. Não se terá de limitar a orientação “dialógica” apenas aos enunciados portadores de citações, de alusões etc..., já que o Outro no espaço discursivo não é em nada redutível a uma figura de interlocutor (MAINGUENEAU, 2012, p. 37).

Se este *Outro* não pode ser pensado como um interlocutor, compreendemos que dentro de uma formação discursiva exista duas zonas possíveis, uma zona dos dizeres autorizados a serem enunciados e outra zona destinada ao espaço dos dizeres autorizados pelo interlocutor, regulados, desta forma, por um determinado discurso em um jogo de aceitação/rejeição de enunciados possíveis e impossíveis que interpelam enunciados anteriores, ao passo que, “[...] o segundo texto se deixa ler nas fissuras do primeiro, deslocando em relação a si mesmo” (MAINGUENEAU, 2012, p. 39) o que dá mais precisão às relações entre o texto e o discurso⁸⁹.

Para tornarmos mais clara essa relação entre discursos primeiros e discursos segundos na perspectiva do autor de *Gêneses dos discursos*, relacionaremos a teoria em foco com o *corpus* de análise. Inicialmente, sabe-se que um discurso segundo, neste caso o da crítica literária universitária, é a refração de um discurso anterior, no entanto, não se restringe a essa concepção ao se pensar nas constituições que o *Mesmo* e o *Outro* ocupam no processo

⁸⁹ Ressaltamos que para a Análise do Discurso tratada aqui não há dissociação clara entre texto e discurso, texto é discurso e discurso pode ser texto.

discursivo, uma vez que os fundamentos semânticos de inscrição de ambos não são correspondentes a globalidade das formações discursivas.

Isso significa que durante a reestruturação do cerne do discurso a se constituir um discurso sobre, ocorre um deslocamento nas condições de possibilidade semântica nas fronteiras dos interdiscursos, sendo assim, “[...] é compreensível que o discurso segundo remeta no todo ou em parte ao *Outro* através do qual ele mesmo se constituiu” (MAINGUENEAU, 2012, p. 39), a saber, não somente sobre um discurso anterior, mas também a circularidade a um discurso posterior.

Dessa forma, ao pensarmos o discurso da crítica literária universitária como aquele, assim como outros discursos, que mantém relações imprescindíveis com discursos anteriores, compreendemos que não é composto apenas pelo deslocamento das formações discursivas precedentes, mas também faz jus a condicionar um “pré-lugar” possível a estabelecer uma *relação interdiscursiva* com um discurso posterior, neste caso, as tendências sócias e históricas que circunscrevem as correntes literárias filológicas, marxistas, estruturalistas, etc... podem legitimar que determinados discursos capitalistas, religiosos, científicos, etc. emerjam e outros não, de acordo com os conflitos e estreitamentos das bases semânticas.

Além disso, precisamos pontuar que a descrição desses sistemas discursivos por parte do analista não é simples, pois não há uma hierarquia organizacional de ordem perfeita e explicitamente acessível no enunciado instaurado por restrições semânticas, uma vez que “[...] não é uma só formação discursiva, mas várias famílias que se podem derivar de um sistema primeiro. Assim, há uma considerável margem de “jogo”, mesmo no interior de limites estritos” (MAINGUENEAU, 2012, p. 40). Os discursos sobre as críticas, portanto, não “apagam” ou “esmaecem” discursos primeiros para se constituírem, mas coexistem permeados por conflitos de maneira dissimétrica em um mesmo campo. Consequentemente, Maingueneau (2012, p. 40) esclarece essa lacuna sobre essa descontinuidade da gênese que nos parece oportuna apontar:

O espaço discursivo tem então um duplo estatuto: pode-se apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte seu Outro.

Assim, se decidirmos analisar o discurso da crítica literária universitária restrita de um discurso anterior, correremos o risco de nos reportarmos para outro campo discursivo distinto,

pois a âncora ideológica que se conserva nas estruturas das formações discursivas será isolada. Para que este suposto efeito de exclusão do *Outro* não afete o estabelecimento das relações interdiscursivas e interfira no jogo semântico, o analista deve focar nos fundamentos precedentes de condições de produção do discurso que convalidam o agrupamento das formações discursivas como, por exemplo, tratar uma crítica literária deslocada do histórico das críticas literárias anteriormente escritas para rever os novos fundamentos semânticos da atualidade do analista.

Devemos nos atentar para não nos determos nos afastamentos das trocas discursivas, ou melhor, nas substâncias menos consistentes das projeções de um discurso segundo sobre um discurso primeiro pertencentes a um mesmo espaço discursivo, como um discurso científico sobre um religioso, por exemplo. Em suma, como afirma Maingueneau (2012, p. 41), “[...] se o discurso segundo não tem mais nada a ver com o discurso primeiro, nem por isso ele necessariamente deixa de ter relação com as estruturas semânticas correspondentes, nas quais continuará a ler figura do *Outro*”, portanto, dentro das limitações de um campo discursivo, circulam discursos distintos que devem necessariamente manter alguma interdependência ideológica mesmo que no conflito haja o deslocamento de discursos para as bordas das formações discursivas, pois “na realidade, trata-se de um campo interdiscursivo e não de um sistema único; além do mais, não vemos como isolar a lista dos discursos possíveis a partir de um campo dado, como fazer previsões, mesmo genéricas” (MAINGUENEAU, 2012, p. 42).

Esse posicionamento teórico do estudioso francês propõe uma reflexão e direciona-nos a pensar em um procedimento metodológico de análise dialógica e interdiscursiva não somente como uma descrição dos processos de relações entre os protagonistas da atividade interdiscursiva, o *Mesmo* e o *Outro*, em vez disso, dá-nos subsídios para desenvolver uma ferramenta mais eficiente na compreensão da inserção desse *Outro* – Guimarães Rosa e Grande Sertão: Veredas – a partir da gênese de formação do discurso – discurso da crítica literária universitária, com maior detalhamento dos fenômenos dialógicos e maior precisão na identificação das inerentes fronteiras interdiscursivas – discursos mobilizados para a análise do *corpus*.

Em suma, pensar a linguagem pelo viés do dialogismo faz com que instauremos um objeto de análise consonante à hipótese do primado do interdiscurso, problemática que nos direciona para tratar na próxima seção das confluências teóricas e metodológicas entre o

Círculo de Bakhtin e Maingueneau no que condiz esclarecer os lugares de cada concepção epistemológica em função de analisar o *corpus*, em seguida, com mais coerência.

3.1.3. Confluências e divergências entre Bakhtin e Maingueneau⁹⁰

Esta seção tem o objetivo de investigar algumas incompatibilidades conceituais que emergiram nas duas seções anteriores, pois concordamos que, de maneira geral, a arquitetura dialógica montada pela filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006) e os estudos sobre a gênese do discurso de Dominique Maingueneau (2005; 2012) ocupam posicionamentos teórico-metodológicos paralelos na apreensão da linguagem, no entanto, apesar de entrarem em alguns momentos em consonância e tratarem das mesmas preocupações, em outros se contrariam e direcionam os olhares para elementos singulares, uma vez que são fundados sob princípios híbridos.

Mediante estas colocações, buscaremos discutir sobre o que há, epistemologicamente falando, de rentável entre as concepções em tela que possibilita uma articulação teórica cuidadosa para alicerçarmos a construção de um *procedimento metodológico de análise das relações dialógicas interdiscursivas*, neste caso, aplicado às críticas literárias universitárias. A saber, não é nossa intenção aqui tentar desconstruir ou invalidar qualquer elemento epistemológico das teorizações de ambos os autores supracitados, mas pensar em um procedimento metodológico de análise capaz de inscrever duas teorias pertinentes para a formulação de uma compreensão discursiva da linguagem no domínio da literatura.

Para tanto, enfocaremos na inspiração que ambos estabelecem com a noção de *sistema* de cunho saussuriano; na forma como os autores abordam a noção de “outro” no discurso; a especificidade de construção do *objeto de estudo* a partir de um *corpus* literário; e por último, a influência da teoria do *dialogismo* sobre a noção de *interdiscurso* na abordagem do texto literário.

Maingueneau (2012) faz referência ao investimento de Ferdinand Saussure (2003) especialmente em *Curso de linguística geral*, para abordar a noção de formação discursiva que faz ressoar a concepção de sistema, não no sentido de que a linguística trate a língua da

⁹⁰ A saber, um diálogo entre os autores supracitados já foi pensado por Sheila Grillo e Simone Veloso (2007) em *Diálogos entre Maingueneau e o Círculo de Bakhtin*, no entanto, para o nosso trabalho a aproximação não se travará na oposição do quadro conceitual entre a “Análise do Discurso” e o “Círculo de Bakhtin”, mas no direcionamento de aspectos consonantes de ambas as concepções em tela para o desenvolvimento de um método de análise do discurso literário, especificamente da crítica universitária.

mesma maneira que trata o discurso, mas no imbricamento dos fundamentos do discurso e as bases sistêmicas de organização da língua como uma interdependência estrutural semântica, como apontado na citação a seguir:

Se o jogo de restrições que definem a “língua” de Saussure e dos linguistas, supõe que não se pode dizer tudo, o discurso, em outro nível, supõe que, no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definido, só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade (MAINGUENEAU, 2012, p. 16).

Assim, essas “restrições” de que o suíço se refere são resgatadas do nível da língua para a dimensão do discurso, refinando-se para uma zona do dizível que pode ou não ser acessado de acordo com as configurações do sistema semântico. Isso implica nas categorias que definem os limites das formações discursivas que possuem em sua gênese a infiltração das grades originais que ressoam à imanência linguística. Dessa forma, ao tomarmos o discurso da crítica literária universitária que dialoga com um discurso estruturalista anterior, por exemplo, toma-se como escopo as relações no discurso, além do léxico, pois não há condicionamentos explícitos nos sentidos desdobrados.

No entanto, o Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006), apesar de citar explicitamente a teoria em questão do precursor da Linguística Moderna, sustenta a natureza translinguística da linguagem por meio de um posicionamento de oposição ao nível do texto ao afirmar, por exemplo, que “[...] além do mais, o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais concreto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações” (BAKHTIN, 1992, p. 269, *itálicos do autor*).

Nesse sentido, distancia língua e enunciação, sendo a primeira abordada isoladamente dos fomentos sociais e históricos, e a segunda o fruto de um diálogo de um texto com outros textos de domínio discursivo ao acreditar em um atravessamento de vozes (polifonia) que remetem uma enunciação a outras enunciações precedentes, como é explícito nos dizeres do russo ao falar do discurso: “[...] temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 1981, p. 181), expectativa esta que escapa aos alcances do sistema fechado.

Mediante esta divergência, compreendemos que ambos os autores não tratam de um mesmo objeto de estudo, ou parece-nos que possuem fundamentos particulares no que condiz na instauração dos sentidos na língua. Maingueneau (2012) constrói seu caminho de investigação com o objetivo de evidenciar possibilidades de constituição de discursos nos entremeios de suas relações com outros discursos ou entre formações discursivas. Assim, são as modalidades de constituição das regras semânticas que fazem surgir os limites discursivos que interessam ao autor, isto é, é na análise do interdiscurso que os imbricamentos entre discursos são revelados e são suscetíveis a montagem de uma regularidade semântica.

Esse aspecto é apontado por Maingueneau (2012) como inscrita na teoria do dialogismo. A saber, construímos a relação epistemológica entre o arcabouço teórico de Maingueneau (2012) e a rede conceitual do Círculo de Bakhtin devido, respectivamente: ao interesse mútuo das hipóteses desenvolvidas pelo francês sobre o *Primado do Interdiscurso*, que mais tarde foram substituídas pelo primado teórico da *Cena da Enunciação*, em *Cenas da Enunciação*⁹¹ (2008) e as noções, preconizadas pelos russos, de dialogismo, interação verbal e polifonia sobre a compreensão das relações entre discursos. Assim sendo, justificamos, por um lado, em mobilizar o Primado do Interdiscurso em detrimento da Cena da Enunciação devido o caminho didático e minucioso de descrição e interpretação que Maingueneau (2012) propõe para pensar as noções de cenas da enunciação como arcabouço epistemológico.

Além disso, condicionamos em acionar as noções supracitadas em seus lugares epistemológicos próprios, no entanto, aproximando ou discernindo as relações teóricas e metodológicas ao longo do trabalho. Assim sendo, dialogando⁹² com o princípio dialógico abordado anteriormente, acrescentamos o olhar de Maingueneau (2012) que repensa e categoriza o pensamento dialógico em relações conceituais, uma vez que subdivide a concepção geral da teoria do dialogismo e gera uma arquitetura mais minuciosa e didática: o *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. Essa tríade gira em torno dos motes de constituição das validações discursivas enquanto a dialogicidade se restringe a concretização do discurso no enunciado, ou nas palavras do autor.

⁹¹ MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírío Possenti, Maria Cecília Péres Souza e Silva. SP: Parábolas Editorial, 2008.

⁹² Ao pensarmos em um diálogo entre Maingueneau e o Círculo de Bakhtin, não nos interessa problematizar ou ressignificar as redes conceituais, mas propor uma aproximação dos caminhos que os pensadores disponibilizaram para tratar a relação entre discursos que emergem no gênero artigo crítico literário, em prol de uma análise mais precisa de acordo com os objetivos da pesquisa.

Dessa forma, notamos que Maingueneau (2005) visualiza o “diálogo” como “impreciso” devido à simplificação das relações entre discursos como “contínuos”, isto é, em uma rede de trocas em que todo discurso se remete a um *Outro* anterior e que o acesso ao *Eu* e ao *Outro* seja possível, mesmo em uma incursão dos discursos interiores e exteriores. Consequentemente, o objeto de estudos para o Círculo se refere ao aspecto dialógico do confronto entre enunciados anteriores e posteriores a partir de convalidações semânticas ao se materializarem no signo, ou nos dizeres de Bakhtin (1981, p. 319-320):

Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação. As relações dialógicas entre enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalinguística. Diferem radicalmente de todas as eventuais relações linguísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado.

Com efeito, ao pensar no interdiscurso, Maingueneau (2012) parte do texto para investigar em sua superfície interna os elementos no nível do discurso (ou formação discursiva) para se pensar em como o *Outro* se inscreveu na constituição do dizer e compreender as propriedades que emergem no *corpus* a partir das análises. Por outro lado, Bakhtin (1992) busca na dialogicidade como os enunciados se comunicam considerando as suas bases de construções semânticas permeadas no translinguístico que justificam as ligações entre o homem e o mundo por meio da linguagem, uma vez que segundo ele, “o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto) [...]. Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)” (BAKHTIN, 1992, p. 401). Assim, a hipótese do primado do interdiscurso propõe a demarcação de conjunturas de relações entre discursos e formações discursivas, e não somente na validação de relações entre textos no nível translinguístico, como defende o escritor ao opor intertexto de interdiscurso:

[...] Na análise do discurso, costuma-se distinguir ‘intertexto’ de ‘interdiscurso’. O intertexto é o conjunto de textos com os quais um texto particular entra em relação; o interdiscurso é um conjunto de gêneros e tipos de discursos que interagem numa dada conjuntura. No nível em que estamos aqui, [discursivo], não vamos fazer tal distinção (MAINGUENEAU, 2012, p. 45).

Dessa forma, os objetos de estudos possuem propriedades distintas nas teorias dos autores, o que nos conduz ao salientar que a presença do *Outro* no discurso também não ocorre da mesma maneira. Assim sendo, consumamos que Maingueneau (2012) caracteriza o

Outro como um interlocutor que ocupa um lugar específico que ao mesmo tempo em que o *Mesmo* é instaurado por um espaço do dizível legítimo, o *Outro* também orienta um lugar, um momento e um autor fomentado por uma cena enunciativa de legitimação da produção dos enunciados. Por outro lado, Bakhtin (2006) concede a noção de *Outro* como um interlocutor dotado de uma atividade responsiva que infere na formulação do discurso do *EU* no diálogo e funda um gênero do discurso, como na citação:

Nós aprendemos a moldar nosso discurso em forma de gêneros e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim (BAKHTIN, 2006, p. 285).

Nesse sentido, apesar de ambas as perspectivas tratarem discurso como situado social e historicamente, o russo prevê um *eu* em oposição a um *tu* que se relacionam constantemente para garantir relativamente a estabilidade de um determinado gênero do discurso; enquanto Maingueneau (2012) aborda este *tu* com mais profundidade ao pensa-lo como um direcionador da superfície discursiva do enunciatador que em alguns momentos se dissociam e entram em confronto, uma vez que “[...] os gêneros são dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes [em uma dada atividade comunicativa]” (MAINGUENEAU, 2012, p. 241).

Desta forma, notamos que ambos os autores supracitados se interessam pelas relações existentes na e pela linguagem. Com efeito, podemos empreender quais são as influências da teoria do dialogismo sobre a hipótese do primado do interdiscurso. Assim, inicialmente, os conceitos de discurso não são fundamentados da mesma forma nas duas correntes. Se por um lado, o Círculo de Bakhtin toma o enunciado como o que há de concreto no discurso e o reporta para a enunciação inserida em um espaço e um tempo de acordo com uma relação entre diferentes textos produzidos anteriormente, e por isso há a estabilidade de um gênero do discurso, preservação de tema e estilo; por outro lado, Maingueneau (2012) recorre a constituição do discurso, ou formação discursiva, como uma dimensão forjada por regras semânticas presentes que se validam e fazem emergir uma conjuntura textual no nível do discurso. Isso implica pensar que ambos os autores escapam aos aparelhos linguísticos e se orientam com base em regularidades de utilização da língua nos gêneros do discurso.

Com efeito, a teoria do dialogismo possui como interesse as relações que o interior de um enunciado possui com o seu “já-dito” por meio do resgate das ligações semânticas que os sujeitos mobilizam para se relacionar com os objetos no mundo. Sendo assim, nota-se que esse aspecto serve de inspiração para se pensar nas configurações das relações entre discursos, isto é, o estudo da interdiscursividade, uma vez que, cada enunciado é envolvido por diferentes formações discursivas que se aproximam ou se afastam de acordo com os efeitos translinguísticos.

Maingueneau (2012), portanto, utiliza-se dessa percepção de substrato entre enunciados para fundar a sua arquitetura da gênese do discurso: todo discurso é recorrência da sua relação com outros discursos que remontam os lugares legítimos do *Mesmo* e do *Outro* na enunciação. Dessa forma, constatamos que *dialogismo* e *interdiscurso* possuem princípios de aplicabilidade semelhantes no que condiz pensar a língua como não-opaca e suscetível a reformulação de suas bases semânticas interiores (discursos concretos, enunciados) a partir do que há de exterior⁹³ (a presença do *Outro*).

Não obstante, pensamos que é possível a partir dessas colocações desenvolver um procedimento metodológico de análise que busque na dialogicidade das críticas literárias universitárias o que há de extrato das relações entre discursos, pois acreditamos que com a justaposição de ambas as teorias poderemos compreender como a materialidade da dialogicidade da língua se configura nas suas construções das redes de formações discursivas. Para tanto, dedicaremos a próxima seção a trilhar o procedimento metodológico de análise dialógica interdiscursiva de um texto literário em duas modalidades: a articulação das teorias para formulação de uma sucessão coerente de análise; e em seguida, a seleção de determinados critérios de investigação para a construção do *corpus* de análise.

3.2. Desenvolvimento do procedimento metodológico e a construção do *corpus* de análise

Após as discussões que propomos sobre a filosofia da linguagem da teoria do dialogismo desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin e o aprofundamento teórico que Dominique Maingueneau propõe sobre o interdiscurso como um dos primados para a gênese do discurso, parece-nos suficiente para pensarmos em um *procedimento metodológico de análise dialógica interdiscursiva do discurso da crítica literária universitária*. A saber, não há modelos ou

⁹³ Distinguimos interior e exterior por efeito didático, pois Maingueneau (2012) e Bakhtin (2006) ponderam que é no atrito entre as atividades responsivas do eu e do outro que se instaura a discursividade.

teorias irrefutáveis de análise de discurso, já que, o percurso da investigação é dirigido e organizado pelo analista, e apenas a ele está a responsabilidade de delimitar o alicerce e, tão quanto, os limites de sua pesquisa. Vale ressaltar que não se reduz a dizer que esses limites são impermeáveis, pois a Análise do Discurso e a Filosofia da Linguagem se preocupam, também, em avançar essas fronteiras teórico-metodológicas.

Assim, convergimos os nossos estudos para a compreensão da condição possíveis de produção de discursos em determinada materialidade que se faz na/pela linguagem e (re)produz sentidos que permitem a interação do homem com o mundo e consigo mesmo. Para tanto, subdividimos esta seção em dois momentos, como mencionado: no primeiro, elencamos as etapas da análise discursiva de maneira organizada e ordenada; em seguida, elegemos os requerimentos que nos baseamos para realizar o recorte das *seqüências discursivas*⁹⁴ do *micro-corpus*.

Sendo assim, para pensar este procedimento metodológico⁹⁵ devemos levar em consideração que o objetivo deste trabalho é evidenciar as relações que o discurso da crítica literária universitária mantém com outros discursos literários que se inscrevem sob determinadas condições de produção. Nesse sentido, descartamos a possibilidade de uma análise empírica do texto, pois no nível do discurso, as inferências que um *corpus* mantém com dizeres já produzidos se encontra nas propriedades translinguísticas que podem ser tanto explícitas como implícitas na heterogeneidade enunciativa. Nesse sentido, abordaremos pontualmente cada etapa da nossa hipótese teórica-metodológica para uma *análise dialógica interdiscursiva*, a seguir:

i) Primeiramente, deve-se *reunir um determinado número de elementos que se inscrevem nas possibilidades das condições de produção* de um determinado *corpus* literário, neste caso da crítica literária universitária. Esse levantamento de informações inclui três investigações: i) as instâncias ideológicas da consciência das correntes literárias atuais ao ato da criação literária; ii) os fatores gerativos que estabilizam relativamente o gênero discursivo do *corpus*; iii) e o posicionamento do autor e sua obra na instituição discursiva universidade. Essas instâncias envolvem a história, o lugar social, os fatores políticos e

94 Estabelecemos para esta pesquisa a análise de recortes de seqüências discursivas, uma vez que, segundo Verli Petri (2004, p. 67), o “[...] *corpus* discursivo se constrói, na verdade, em resposta aos objetivos da pesquisa, fazendo emergir algumas seqüências discursivas em detrimento de outras, que constituem o espaço discursivo considerado”.

95 Pensamos a construção deste método a partir da colaboração do método dialético-dialógico bakhtiniano.

culturais, e a descrição da superfície linguística e semântica dos enunciados, isto é, itens que possuem qualquer modo de ligação semântica com a constituição motora do *corpus*.

ii) Em seguida, após a montagem deste cenário de condições de produção, o analista precisa *delimitar o seu tema de análise*, uma vez que, como discutido nas seções anteriores, um enunciado não se remete a um *já-dito* de forma perfeita, mas se relaciona em uma rede de trocas substanciais entre “já-ditos” e “pós-ditos”, ou melhor, não apenas um discurso, mas discursos. Dessa forma, determinados direcionamentos de análise devem ser delineados pelo analista, por um lado, para não escapar aos conflitos e imbricamentos entre discursos e, por outro lado, para dar coerência semântica aos dizeres. Assim, não se corre o risco de perder as camadas da superfície do discurso.

iii) Depois, o analista deve *recortar do corpus os enunciados que podem se relacionar com “já-ditos” no nível translinguístico*, para tanto, baseando-se nas condições de produção. Esses recortes são tomados como *sequências discursivas*, isto é, um conjunto de enunciados que não se confundem com frases e escapa aos aparelhos linguísticos por se dialogarem em seus fundamentos o que, conseqüentemente, pode-se não se explicitar no nível lexical. Partindo dessas sequências, o analista será autorizado a levantar hipóteses das relações dialógicas;

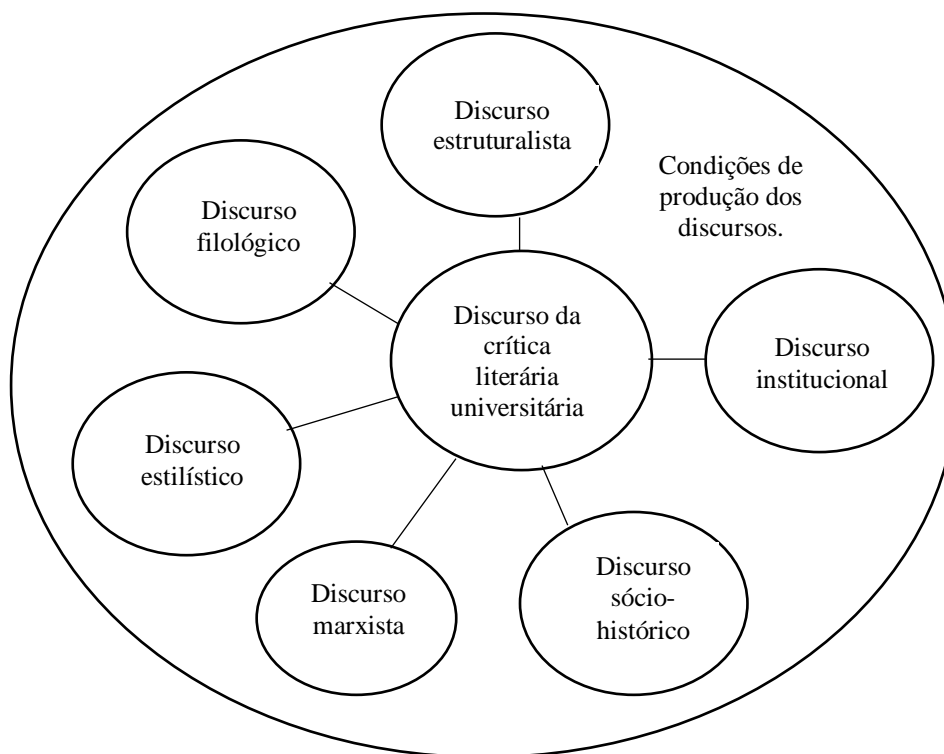
iv) Subseqüente, conduz-se a *mobilizar um conjunto de discursos que se concretizaram sob a forma das condições de produção*, pois a partir da descrição das propriedades desses discursos é autorizado o consentimento de uma conjuntura discursiva, neste caso, da crítica literária universitária.

v) Por último, o analista deve *tornar visível as validações de relações entre diferentes discursos (interdiscursividade) a partir da análise das relações entre enunciados (diálogo)*. Dessa forma, é possível compreender como se dá a constituição e os fundamentos do gênero do discurso artigo crítico literário, pois essas validações revelam os momentos de estabilidade e identidade, assim como, as instâncias ideológicas que permitem o desenvolvimento do gênero na história. Com efeito, é imprescindível acionar critérios para o recorte sustentado em hipóteses de convalidação de relações em um determinado espaço discursivo.

Após a exposição detalhada das etapas do *procedimento metodológico de análise dialógica interdiscursiva*, retomaremos para o estabelecimento dos critérios de recorte das sequências discursivas para, na seção seguinte, iniciar a análise do *macro-corpus*. Sendo assim, pensamos em basear nossas investigações em um jogo de contraste entre o discurso da

crítica literária universitária e outros discursos das condições de produção levantadas no primeiro passo. Para melhor tratarmos dessa disposição metodológica, demonstramos essa articulação no quadro a seguir:

Tema: discursos institucionais



Quadro 3: Demonstração das validações dialógicas e interdiscursivas do discurso da crítica literária universitária e os discursos constituídos sob as condições de produção delimitadas segundo o tema selecionado.

Assim sendo, sabemos que as possibilidades de relações entre o discurso da crítica literária universitária com outros discursos, como exposto no *Quadro 3*, são muito extensas e não temos espaço nesta pesquisa para tratar de todos. Logo, mobilizaremos mais uma vez a pesquisa de Stafuzza (2014), a qual apresenta três fundamentos⁹⁶ de recorte do *corpus*, para uma análise do discurso em questão.

O primeiro, um *fundamento cronotópico*, refere-se aos indícios de tempo e de espaço evidentes nas condições de produção que são capazes de situar os artigos da crítica literária universitária em um determinado lugar discursivo da crítica. Sendo assim, consideraremos como fatores geradores do espaço, a consciência crítica vigente no momento das publicações tanto das críticas quanto de Guimarães Rosa e sua obra, o posicionamento de *Grande Sertão:*

⁹⁶ A saber, apesar de adotarmos o mesmo critério de delimitação, *macro-corpus* e *micro-corpus*, nossa pesquisa se acarreta de uma distinta maneira de tratar as críticas, uma vez que o método de análise de discursos será outro.

Veredas na literatura e a publicação das críticas no jornal e na revista especializada; por outro lado, ao referirmos ao tempo, determinaremos duas críticas literárias uma datada de 1968 e outra de 2006 para que possamos, a partir dessa distancia histórica, apreendermos como se deu o desenvolvimento do gênero artigo crítico.

O segundo, um *fundamento de legitimação do autor e sua obra*, consiste em nos apoiar nos artigos literários para compreendermos a forma como os professores universitários tornam válidos os dizeres de Guimarães Rosa em suas obras, uma vez que cada professor-autor se inscreve em um determinado escopo ideológico que proporciona, dessa forma, visões variadas dos procedimentos de interpretação crítica.

Por último, um *fundamento do desenvolvimento do discurso da crítica literária universitária* que se refere a contrastar as ferramentas de análise utilizadas pelos professores-autores e identificar os rastros de desenvolvimento na superfície do *corpus*. Dessa forma, seremos capazes de propor grades de categorias teórico-metodológicas em que os críticos dialogaram no seu espaço discursivo e, conseqüentemente, examinar os fundamentos do gênero do discurso em seu desenvolvimento histórico.

Além disso, consideramos oportuno apresentar a definição de “enunciado” segundo a concepção dialógica para que não seja erroneamente aproximado com o que adotaremos aqui como “sequência discursiva”, sob o viés da Análise do Discurso francesa. A princípio, o enunciado é diferente de oração: enquanto esta última é fechada, descontextualizada do todo, não possui autor, é inerente ao diálogo e presa aos aspectos gramaticais, aquele primeiro é funcional, é produtor de sentido manifestante da expressividade individual do enunciadador sobre o objeto e faz parte de um diálogo real recorrente de processos entre locutores.

Nesse sentido, não há enunciados neutros, mas “[...] estão repletos de palavras dos outros, caracterizados, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado” (BAKHTIN, 1992, 314). Esta inserção do discurso do outro nos enunciados pode ser condicionada diretamente se explicitando a não-autoria do dizer, ou indiretamente ao se ocultar ou semiocultar dizeres alheios, já que não existe um dizer primeiro, exemplo da noção da teoria Adâmica⁹⁷. Após essa descrição do procedimento metodológico, a exposição dos critérios de recorte do *corpus* e o conceito de enunciado, sentimo-nos seguros para aplicar o procedimento metodológico e iniciar as análises das críticas literárias universitárias a seguir.

⁹⁷ A teoria Adâmica consiste em acreditar que apenas o primeiro homem que surgiu na Terra produziu os dizeres que não se relacionam com dizeres anteriores.

3.3. Análise do *corpus*

3.3.1. Introdução

No ano de 2015, completa-se mais de 50 anos desde a publicação de *Grande Sertão: Veredas* pela primeira vez em Belo Horizonte e concordamos que mediante o desenvolvimento e a expansão da fortuna crítica de Guimarães Rosa ainda há muitos trabalhos relacionados para ser produzidos. Assim, como foi abordado anteriormente, as correntes de críticas literárias, e a própria consciência crítica, reformulam-se ao longo da história, mas mantêm sempre o interesse em abordar esta obra supracitada a partir de tantos vieses possíveis e inacabados.

Sendo assim, desdobrar-nos-emos de agora em diante a analisar os artigos de críticas literárias, selecionadas para compor o *macro-corpus* mencionado, provindos de dois momentos distintos do *Suplemento Literário de/do Minas Gerais*, fazendo-se necessário, portanto, de um recorte menor dos enunciados a serem examinados devido a infinidade de possibilidades de investigações das *relações dialógicas interdiscursivas* do discurso da crítica literária universitária.

Nesse sentido, apesar de enfocarmos nos *corpora* mobilizados, utilizaremos outros artigos de ambos os períodos adjacentes para demonstrar o alcance e o funcionamento do procedimento metodológico com a finalidade de esclarecer ao leitor determinados recortes nas análises. Sendo assim, organizaremos este momento em três empreendimentos distintos: primeiro, analisaremos as críticas referentes ao período de 1966 a 1967; em seguida, as críticas publicadas no ano de 2006; e por último, as considerações sobre os aspectos regulares e não regulares que subscrevem o desenvolvimento do gênero artigo crítico literário.

3.3.2. Análise de *O sertão e o Mundo*, de Antonio Candido (1967)

Antonio Candido de Mello e Souza, o autor da crítica literária *O sertão e o mundo*, publicada no *Suplemento Literário de Minas Gerais* no ano de 1967, nasceu no dia 24 de julho de 1918 na cidade do Rio de Janeiro e desempenhou em sua vida o papel de sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor universitário até os dias atuais. Além de formado em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco de ciências sociais e filosofia da

Universidade de São Paulo, formou-se em filosofia pela mesma universidade o qual se tornou professor doutor e, mais tarde, livre docente⁹⁸. No período da publicação do texto em questão fora professor de Literatura Comparada⁹⁹ na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde assessorou sua assistente Walnice Nogueira Galvão por muitos anos.

Além disso, é atualmente professor-emérito na Universidade de São Paulo e na Universidade Estadual Paulista e também doutor *honoris causa* pela Universidade de Campinas. Ainda, é considerado como um dos críticos brasileiros com maior número de publicações e mais reconhecidas na academia devido ao seu amplo conhecimento sobre as correntes de críticas literárias tradicionais e das novas críticas, especialmente também sobre os estudos de Guimarães Rosa. No entanto, apesar de se posicionar predominantemente no campo da sociologia, não se omite em avançar os limites entre áreas do conhecimento.

Considerando que Candido (1967) fora professor universitário no tempo da divulgação de sua crítica no suplemento, passemos para a descrição das condições de produção deste ano no Brasil e em Minas Gerais. O ano de 1967 fez parte do período, já mencionado nesta pesquisa, chamado de *Ditadura Militar*, ou “anos de chumbo”, que teve o início no ano de 1964 em que ocorreu o *Golpe de 64*, no cerne da *Guerra Fria*, fruto da intervenção dos militares ao governo democrático do então vice de Jânio Quadros, após a renúncia de João Goulart (em 1961). Logo, em 1964 o presidente Humberto de Alencar Castelo Branco governou o Brasil pelo período de quase três anos, onde preconizou os primeiros passos do mencionado Regime Militar. Subsequente, no mês de janeiro, dez meses antes do ano da publicação, iniciou-se o governo do general Arthur Costa e Silva o qual marcou a volta das eleições indiretas e a intensificação do regime de opressão e censura das mídias de um lado e os protestos e manifestações da população do outro criando um clima de tensão e repressão¹⁰⁰.

Esta condição de produção pesada de controle governamental afetou diretamente na reprodução jornalística da época, especialmente o *Diário Oficial de Minas Gerais*, fazendo com que nem tudo que se queria dizer pudesse ser dito no suplemento literário até então regido por um sistema duro e ativo. Dessa forma, não se pode esperar que as influências das

⁹⁸ Sua publicação mais influente *Formação da literatura brasileira*, de 1959, marcou sua carreira de escritor com ideias inéditas e olhares singulares para a constituição da literatura nacional.

⁹⁹ Antonio Candido (1967) produziu suas obras predominantemente sob os arcabouços teóricos da Literatura Comparada, no entanto, para este trabalho não nos ateremos a esta corrente, visto que mobilizamos os discursos que se imbricam com o texto de Walnice Galvão (2006) para uma melhor apreciação e precisão das análises.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/constituicao-de-1967/>. Acessado no dia 06/02/2016.

novas críticas vindas da Europa pudessem ter uma significância tão marcada em solo nacional, mantendo, assim, um certo recuo também no desenvolvimento das artes e consequentemente na literatura. Este contexto se distancia da situação mais fluída do ano de 2006, como veremos.

Partindo desses cenários apresentados, voltar-nos-emos para a aplicação das etapas do procedimento metodológico. Para tanto, após a pesquisa dos elementos que subscrevem as condições de produção da crítica literária sobre Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*, selecionamos como tema um conjunto de discursos *cronotopicamente* localizados no percurso do desenvolvimento do gênero crítica literária, respectivamente: o discurso filológico; discurso estilístico, discurso marxista e discurso estruturalista para, desta forma, construir os limites que tornam nítida a inscrição na instituição discursiva universidade.

Seguindo este tema, recortamos doze fragmentos textuais da crítica literária em análise para toma-las enquanto *sequências discursivas*, isto é, o enunciado em seu funcionamento social, histórico, ideológico, etc. Assim, associamos cada sequência a uma abreviatura correspondente de modo a organizar a análise, a seguir:

SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	
SD1	“Há em <i>Grande Sertão: Veredas</i> , como n’ <i>Os Sertões</i> , três elementos estruturais que apoiam a composição: a terra, o homem, a luta. Uma obsessiva presença física do meio; uma sociedade cuja pauta e destino dependem dele; como resultado, conflito entre os homens” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD2	“Mas a analogia para aí; não só porque a atitude euclidiana é constatar para explicar, e a de Guimarães Rosa, inventar para sugerir, como porque a marcha de Euclides é lógica e sucessiva, enquanto a dele é uma tranca constante dos três elementos, refugiando a qualquer naturalismo e levando, não a solução, mas a suspensão que marca a verdadeira obra de arte, e permite a sua ressonância na imaginação e na sensibilidade” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD3	“Em todo o caso, aqueles elementos são fundamentais na sua trama, embora de modo diverso; convém, pois, abordá-los (englobando o terceiro nos dois anteriores), juntamente para ressaltar a diferença e mostrar as leis próprias do universo de Guimarães Rosa, cuja compreensão depende de aceitarmos certos ângulos que escapam aos hábitos realistas, dominantes em nossa ficção” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD4	“É claro que as considerações anteriores são arbitrárias; de qualquer modo, iluminam apenas um dos muitos lados da obra, visando contribuir para que o leitor esqueça, ao menos provisoriamente, os pendores realistas, para penetrar nessa atmosfera reversível, onde se cortam o mágico e o lógico, o

	lendário e o real.” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD5	“Só assim poderá sondar o seu fundo e entrever o intuito fundamental, isto é, o angustiado debate sobre a conduta, e os valores que a escoltam” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD6	“Dir-se-á, com razão, que todo livro de vulto acaba neste problema; mas em literatura, o que interessa é a maneira escolhida para abordá-lo” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD7	“Aqui, além do tudo que ficou indicado, o <i>tônus</i> é devido à crispação incessante do narrador em face dos atos e sentimentos vividos, e ao símbolo escolhido (pacto com o demônio) para representar as caudalosas águas turvas da personalidade. Esse é o princípio, a ideia que informa <i>Grande Sertão: Veredas</i> , e em relação a ele o demônio adquire significado algo diferente do que vimos” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD8	“O grande problema, para o narrador, é a existência dele: existe ou não? Em princípio, sente que é um nome atribuído à parte torva da alma: ‘explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, o homem dos avessos. Solto por si’” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD9	“Mas por que o demônio em tudo isso? Possivelmente porque ninguém encarnaria melhor as tensões na alma, nesse mundo fantástico, nem explicaria mais logicamente certos mistérios do Sertão” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD10	“Pelo menos duas vezes ocorre na boca do narrador um conceito que exprime este movimento, fundamental na ética do livro, e que encontramos, quase com as mesmas palavras, nas Considerações sobre o pecado, a dor, a esperança e o verdadeiro caminho, de Kafka, onde vem formulado assim: ‘a partir de um certo ponto não há mais retorno. Esse é o ponto que se precisa atingir’” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD11	“Desliza, então, entre o real e o fantástico, misturados na prodigiosa invenção de Guimarães Rosa como lei da narrativa. E nós podemos ver que o real é ininteligível sem o fantástico, e que, ao mesmo tempo, este é caminho para o real” (CANDIDO, 1967, p. 4).
SD12	“Nesta grande obra combinam-se o <i>mito</i> e o <i>logos</i> , o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional, que disputam a mente de Riobaldo, nutrem a sua introspecção tateante e extravasam sobre o Sertão” (CANDIDO, 1967, p. 4).

Quadro 4: Sequências discursivas recortadas de *O sertão e o mundo*, de Antonio Candido (1967).

Logo, notamos que as sequências discursivas, como dispostas no *Quadro 4*, são produto da relação de dizeres anteriores e “posteriores” (lugar do outro), o que possibilita uma análise da dialogicidade entre enunciados na discursividade do dizer. Dessa maneira, organizamos de forma didática a análise de cada discurso reiterado pelo tema.

O primeiro, o discurso filológico, é aquele que, segundo Maingueneau (2012, p. 15-17) ressoa na condição das tentativas de reiteração da consciência criadora dos autores por meio de pesquisas históricas da atualidade da gênese do texto. Assim, o material deve ser estudado em virtude de desconsiderar as influências subjetivas do analista, pois o que importa são as variantes que se sobressaem da origem, desde os desvios às evoluções (COMPAGNON, 2010, p. 60). Isso significa que enquanto discurso, essa corrente se preocupa em remontar os fundamentos dos sentidos da obra no momento da criação por meio exclusivamente das inscrições históricas o que escapa, segundo Willemart (1999, p. 198), o fato de a literatura não ser uma representação fiel da sociedade.

Em SD4 e SD8 pode ser visto que o crítico enuncia em diálogo com o discurso filológico, pois ao afirmar “visando contribuir para que o leitor esqueça, ao menos provisoriamente, os pendores realistas, para penetrar nessa atmosfera reversível, onde se cortam o mágico e o lógico, o lendário e o real” (CANDIDO, 1967, p. 4) aponta a existência de uma nitidez entre a visão de mundo do autor e do leitor. Assim, propõe uma advertência àquele que está lendo a obra para não pensar em sua atualidade, mas na atualidade de Rosa, o que remonta os fios filológicos de tentativa de restaurar as visões de mundo no momento da criação.

Já em SD8, o enunciado deixa transparecer um diálogo com o discurso filológico a partir do momento em que indaga “o grande problema, para o narrador, é a existência dele: existe ou não?” (CANDIDO, 1967, p. 4), pois, uma vez que a resposta desta pergunta para se saber sobre a existência do diabo por meio do narrador apenas poderia ser respondida a partir de uma investigação dos atributos que concernem ao momento da produção da obra, pois assim seria possível reconhecer se há de fato uma crença da existência ou não do diabo encarnado em Riboaldo em *Grande Sertão: Veredas*.

Assimila-se que o autor produz seu enunciado dialogando com enunciados outros que provavelmente foram produzidos anteriormente, uma vez que a teoria filológica se refere ao estudo histórico da gênese do texto. Não obstante, há nessa dialogicidade uma aproximação do discurso filológico e sociológico, pois este último emerge no momento em que se relaciona na interdiscursividade com o discurso filológico, já que faz uma referência implícita ao que já fora enunciado no passado.

Já o discurso estilístico, segundo Maingueneau (2012, p. 20-21), envolve não somente os contrastes entre a língua e suas variações, mas inclui em seus fios discursivos a procura por

uma particularidade singular na forma como a obra se encaixa em um determinado cerne, seja ele de classe, de escola, de gênero discursivo, entre outros. Logo este discurso emerge de acordo com o posicionamento do autor no itinerário da literatura, ou melhor, a sua forma de se expressar sobre o mundo revela os jogos em que se inscreve para compor a sua linearidade de raciocínio sobre a obra, podendo afetar os valores normativos, ornamentais e sintomáticos (COMPAGNON, 2010, p. 165-170).

Nas sequências discursivas SD3 e SD6 notamos a presença do discurso estilístico nos dizeres. Inicialmente, no momento em que o crítico afirma “justamente para ressaltar a diferença e mostrar as leis próprias do universo literário de Guimarães Rosa, cuja compreensão depende de aceitarmos certos ângulos que escapam aos hábitos realistas, dominantes em nossa ficção” (CANDIDO, 1967, p. 4), é perceptível que atribui ao mineiro um posicionamento único na literatura, um formato singular de trabalhar a realidade e descrever o real. Ainda, na sequência seguinte, pondera “dir-se-á, com razão, que todo livro de vulto acaba neste problema; mas em literatura o que interessa é a maneira escolhida para abordá-lo” (CANDIDO, 1967, p. 4), o que implica no que fora tratado como prioridade na estilística orgânica, pois a maneira em que o autor “escolhia” para retratar o mundo o situava em uma determinada “vitalidade” de expressão sobre sua volta.

Dessa forma, nota-se que a dialogicidade evidenciada entre o discurso estilístico e o discurso sociológico instaura no interdiscurso uma aproximação dos fundamentos semânticos de ambos os discursos no que condiz a referenciar as variantes do estilo ao comportamento do sujeito na sociedade que se torna único e não mais como uma coletividade padrão. O discurso, assim sendo, sustenta-se por meio dos contornos da visão de mundo particular ao escritor perante a visão de mundo dos grupos sociais construída pela cultura. Então, nota-se que as influências simbólicas se manifestam como uma totalidade orgânica que reflete, segundo essa corrente, um circuito vitalício em relação ao autor.

Ademais, o discurso marxista, do legado de Goldmann (1970, p. 145-149), possui em suas propriedades os elementos sociológicos que revelam um posicionamento político e ético de acordo com uma determinada ideologia maior que divide a sociedade em algumas camadas de classes sociais. A saber, como afirma Frederico (1995, p. 151), não direciona somente para divisões de classes sociais, mas das categorizações das estruturas das consciências desses grupos de sujeitos, como a família, a cidadania ou o Estado. Assim, o sujeito é constituído nesse discurso como o resultado da coletividade, do gênero humano, possibilitando o

estabelecimento de unidades sociais por meio das regularidades dos estreitamentos entre homem e objeto (MAINGUENEAU, 2012, p. 24).

Essas propriedades foram analisadas nas sequências discursivas SD5 e SD9. Na primeira sequência, o autor retoma “só assim poderá sondar o seu fundo e entrever o intuito fundamental, isto é, o angustiado debate sobre a conduta, e os valores que a escoltam” (CANDIDO, 1967, p. 4), o que revela uma referência ao discurso marxista de Goldmann (1970), pois ao analisar a conduta dos personagens de *Grande Sertão: Veredas* coloca em mesmo patamar os valores sociais padrões e necessários, item que retira a individualidade de cada pessoa de um determinado grupo. Dessa forma, ao colocar em pauta os valores sociais vigentes para analisar uma obra literária, é preciso reconhecer que no passado o marxismo tratou de tonar os sujeitos como inseridos em uma ideologia de classe e consequentemente categorizados enquanto unidades. Sendo assim, na sequência próxima o crítico deleita, “mas por que demônio em tudo isso?” (CANDIDO, 1967, p. 4), pergunta esta que apenas é possível a partir do diálogo com uma ideologia social e histórica que externa o comportamento humano, pois o diabo estar presente em uma obra ou não é fruto da articulação dos valores e crenças sociais que evidenciam uma relação necessária entre o sujeito e a coletividade.

Com efeito, foi visto que os dizeres do crítico dialogam, no discurso marxista, com dizeres produzidos anteriormente, não com pretensão de referenciar explicitamente a existência do legado de Marx, mas para contrastar a existência de uma teoria que tratou das condutas e valores sociais no passado com a corrente da sociologia que indaga a atuação do sujeito em uma coletividade. Assim, encontra-se no interdiscurso entre o marxismo e a sociologia um refinamento da noção de ideologia que fora citada anteriormente, mas ressaltada enquanto um critério de uma análise proposta por um professor de sociologia na universidade. Assim, as relações dialógicas e interdiscursivas do recorte em questão são formuladas a partir do atravessamento de discursos híbridos e condizentes com o movimento literário.

Por último, o discurso estruturalista como pondera Dosse (1993, p.15), enquadra-se na concepção da língua por meio de um sistema maior que é composto por partes menores, isto é, a língua é tomada como um recorte que se estrutura no material e não é permeado por elementos que transgridam o léxico. Dessa forma, essa possível imanência direciona para as propriedades desse discurso a ideia de lançar um olhar para a obra isolada de toda exterioridade, uma vez que é considerada como autossuficiente e sustentável por si só

(DOSSE, 1993, p. 231-232). Então, não se trabalha com a funcionalidade do texto, mas, segundo Dosse (1992, p. 181), com as configurações internas dos *arranjos* das partes fracionadas.

Esses elementos são ressoados nos fragmentos SD1 e SD2. Em SD1 o crítico postula que “há em *Grande Sertão: Veredas*, como n’*Os Sertões*, três elementos estruturais que apoiam a composição: a terra, o homem e a luta” (CANDIDO, 1967, p. 4), o que significa que realiza uma comparação de pequenas partes que compõem uma totalidade, neste caso de uma regularidade estrutural entre dois livros. O importante aqui é notar que o discurso estruturalista emerge do lugar epistemológico que surge na possibilidade de se poder equiparar dois textos a partir das configurações internas dos sentidos e não pelas condições de produção externas.

Além disso, quando o analista de *Veredas* afirma que “não só porque a atitude euclidiana é constatar para explicar, e a de Guimarães Rosa, inventar para sugerir, como porque a marcha de Euclides é lógica e sucessiva, enquanto a dele é uma tranca constante de três elementos” (CANDIDO, 1967, p. 4), disponibiliza uma comparação categórica de ambos os autores de acordo com semelhanças nas habilidades de tratar a língua. Dessa forma, traz mais uma vez os vestígios deixados pela esteira do pensamento estruturalista em que se era palpável a sistematização de um interior da língua fracionado em uma determinada totalidade repetível.

Assim, nota-se que mesmo não havendo uma explícita citação da corrente estruturalista, ocorre um diálogo com sua rede epistemológica, pois não há dizer inédito uma vez que todos os enunciados se referem a dizeres anteriores, como dita a teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin. Dessa maneira, ocorre novamente a aproximação do discurso sociológico, no que condiz a delimitação dos temas de crítica como “a terra, o homem, a luta” e o resgate da metodologia estrutural de comparação arranjada. Percebemos, logo, no interdiscurso que o discurso sociológico dialoga com outros discursos anteriores presentes na evolução da literatura, pois não seria possível, como visto, pensar um discurso isolado de discursos outros e regradados por uma instituição.

Consequentemente, percebemos que o discurso institucional é constituído por uma rede formada por discursos que mantém alguma validação para se relacionarem (MAINGUENEAU, 2012). No caso do discurso literário, ressoando Maingueneau (2012), compreendemos que está além da frase por ser resultado de uma ação interativa entre sujeitos

que se orientam pelas condições de produção e assumem posições regidas por normas. Esse aspecto é percebido em SD12 quando o crítico caracteriza *Grande Sertão: Veredas*, “nesta grande obra combinam-se o mito e o logos, o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional” (CANDIDO, 1967, p. 4), em que demonstra ter um conhecimento dos critérios de classificação permitidos dentro da universidade, “combinam-se o *mito* e o *logos*”, e não se enquadra em uma descrição puramente subjetiva.

Ademais, as enunciações se instauram baseadas na instituição literária a que faz parte, pois o tempo e o espaço do sujeito são legitimados pelas conjunturas de discursos institucionais o que é notado na ponderação em SD11, “desliza, então, entre o real e o fantástico, misturado na prodigiosa invenção de Guimarães Rosa como lei da narrativa” (CANDIDO, 1967, p. 4), em que contrapõe “real” e “fantástico” e trata a obra como uma “invenção”, isto é, perante todo o conhecimento do escritor sobre as obras produzidas anteriormente, nunca nada foi visto como o trabalho de Rosa.

Ainda, a manifestação dos conteúdos no processo de produção de enunciação não deve ser respaldada por uma estrutura fechada, mas por movimentos sociais e históricos que revelam uma determinada ideologia. Em SD10, por exemplo, vemos no trecho “encontramos, quase com as mesmas palavras, nas considerações sobre o pecado, a dor, a esperança e o verdadeiro caminho, de Kafka, onde vem formulado assim: ‘a partir de um certo ponto não há mais retorno. Esse é o ponto que se precisa reagir’” (CANDIDO, 1967, p. 4) a presença de uma referência ao autor Kafka que representa aqui uma âncora de sentidos pré-estabelecidos que apenas faz sentido para o leitor da crítica literária se obter conhecimento sobre seu projeto de dizer. Então, entendemos que a instituição universidade dita algumas condições ao leitor que autoriza outras possibilidades de compreensão das referências externas ao crítico, demandando além de conhecimentos translinguísticos sobre outros textos, embasamentos teóricos e metodológicos que sustentam ideologias que instauram os critérios de análise das críticas literárias universitárias.

Convalidamos, assim, que os discursos apresentados se relacionam nos fios da história, da sociedade, da cultura, das ideologias, etc. isto é, no translinguístico. Isso inferiu como analisamos que o discurso sociológico evidente na crítica de Antonio Candido dialoga com os discursos filológico, estilístico, marxista e estruturalista para se inscrever na instituição universidade. Além disso, notamos também que coexistem em uma rede de significados provindos das relações interdiscursivas entre si por um lado revelando o

posicionamento do sujeito no discurso e por outro lado demonstrando uma certa limitação institucional nos seus dizeres uma vez que escreveu uma crítica para ser publicada em um suplemento literário anexado ao diário oficial e teve que se enquadrar em determinadas exigências editoriais.

3.3.3. Análise de *Os patamares da fabulação*, por Walnice Galvão (2006)

Walnice Nogueira Galvão, autora da crítica *Os patamares da fabulação*, publicada no *Suplemento Literário de Minas Gerais* no ano de 2006, nasceu no estado de São Paulo e ingressou na Universidade de São Paulo onde se formou Ciências Sociais e mais tarde concluiu seu doutorado¹⁰¹ na área de Letras. Na mesma universidade se tornou assistente de Antonio Candido de Mello e Souza e atuou como professora e pesquisadora de teoria literária e literatura comparada se destacando tanto no Brasil e nos Estados Unidos como também na Europa pelos estudos aprofundados sobre Guimarães Rosa e Euclides Cunha, além das mais de trinta e uma publicações de livros, ensaios, artigos, críticas e análises predominantemente sobre ambos os autores.

Além disso, no ano da escritura e publicação da crítica escolhida para análise, fora, além de ainda professora atuante na universidade em questão, parte do conselho editorial de diversas revistas como *Diadorim*, *D.O.Leitura*, *Imaginário*, *Linha d'água*, *Literatura e Sociedade*, *Magma*, *Palimpsesto*, *Poesia Sempre*, *Sexta-feira*, *Teoria e Debate*, entre outras. Em sua maioria, escreve voltado para questões relacionadas ao regionalismo e aos itens sobrenaturais, dessa forma, Galvão (1986)¹⁰² se interessou por *Grande Sertão: Veredas* por disponibilizar uma imensidão de possibilidades. Como fruto, recebeu vários prêmios, como o Mario de Andrade pela Biblioteca Nacional, por *Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa*; e um prêmio da Academia Brasileira de Letras por *Euclidiana: ensaios sobre Euclides de Cunha*¹⁰³.

Levando em conta que Galvão (2006) se dedicou ao magistério no ensino superior no momento em que se tornou público a sua análise sobre Rosa, dedicar-nos-emos em descrever o contexto social e histórico deste texto. O ano de 2006 apresentou uma atmosfera bastante

¹⁰¹ Sua tese teve como título *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no 'Grande Sertão: Veredas'*, de 1970, texto que deu origem ao seu primeiro livro publicado sobre Guimarães Rosa.

¹⁰² GALVAO, Walnice Nogueira. *As Formas do Falso*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986. P. 132.

¹⁰³ Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/1719/1151>. Acessado em 27-07-2015 às 10am.

diferente da tensão político-social com a ditadura no ano de 1967. Ficou destacado pelo forte apelo à democracia e participação social de Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como “Lula”, presidente que apresentou uma grande popularidade nacional e internacional devido ao seu empreendimento político para uma sociedade mais igualitária, tratando-se de ideologia. Na prática, a sociedade perpassou no ano em questão, uma série de controvérsias por causa da associação do governante à programas sociais e a gestão e administração do dinheiro público com medidas em benefício da população, o que gerou desagrado à pequenos grupos.

Neste contexto mais atual, a produção midiática de jornais e revistas não apresentavam grandes dificuldades em expressar opiniões, sejam políticas ou literárias, já que os novos incursos brasileiros no mundo das artes almejavam por novidades ligadas aos investimentos do Pós-modernismo. Com efeito, o número de corpos editoriais e publicações de revista aumentou, por um lado por questões dos avanços das novas tecnologias em comunicação que resultou em mais rapidez, facilidade e eficiência nos processos de produção em massa; por outro lado, por motivos mercadológicos que exige que as manifestações artísticas acompanhem o desenvolvimento econômico do país, daí se comparado com a década de sessenta, uma liberdade de expressão muito maior¹⁰⁴.

Mediante essa contextualização do ano de publicação da crítica em tela, direcionar-nos-emos mais uma vez para a aplicação do procedimento metodológico. Assim sendo, dentre a subscrição das condições de produção das críticas que compõem o *corpus*, delimitamos novamente como tema a localização cronotópica dos discursos filológico, estilístico, marxista e estruturalista, respectivamente, com a finalidade de compor a instauração da universidade enquanto uma instituição discursiva, visto que será possível compreender as relações, também, existentes entre a crítica de Galvão (2006) e Candido (1997) em uma perspectiva dialógica e interdiscursiva.

Ainda, considerando o tema, realizamos o recorte, a partir dos critérios estabelecidos durante a pesquisa, de dez fragmentos da crítica literária de Galvão (2006) para montar um itinerário de *sequências discursivas* respectivamente organizadas de acordo com uma abreviatura para efeito didático de análise, como segue:

¹⁰⁴ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/retrospectiva2006/>. Acessado em 28-07-2015 às 11:35.

SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	
SD13	“Guimarães Rosa apresenta, em <i>Grande Sertão: Veredas</i> , um sertão que, embora integrado e indissolúvel, pode para efeitos de análise, ser percebido segundo três pontos de vistas diversos: o geográfico propriamente dito, o mítico e o metafísico” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD14	“Conforme o ponto de vista geográfico, o romance <i>Grande Sertão: Veredas</i> fornece ao leitor a paisagem, variegada, dessa região de Minas Gerais. O sertão do Nordeste, mais explorado na literatura e no cinema, associa-se a noções de secura e de caatinga com sua vegetação tacanha, eriçada de espinhos e garranchos. Já o sertão mineiro é dominado pelos <i>campos gerais</i> , com suas pastagens boas para o gado e suas “veredas”, onde as águas alimentam o vicejar dos renques de buritis. Alternam-se matas e florestas, também (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD15	“O ponto de vista mítico confere às conflagrações locais entre bandos de jagunços a serviço dos <i>coronéis</i> visos de novela de cavalaria, como se fossem histórias de Carlos Magno e os doze pares de França, ou então do rei Artur e a <i>Demanda do Santo Graal</i> ” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD16	“A perspectiva metafísica transfigura o sertão em arena abstrata onde o mal grassa, onde se joga o destino de homens e mulheres, onde Deus e o Diabo travam uma batalha cósmica que tem por trunfo a salvação ou a danação da alma dos seres humanos” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD17	“Sendo a literatura espaço privilegiado da utopia, é esse mesmo sertão múltiplo que realça o tratamento riquíssimo que Guimarães Rosa dá à alteridade” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD18	“Em primeiro lugar, salta aos olhos a alteridade de gênero: ocupa a linha de frente da narrativa a personagem de Diadorim. Desde o momento em que entra em cena, reconhece-se uma donzela-guerreira saída da grande tradição épica, descendente das baladas dos <i>rimances velhos ibéricos</i> , em que uma filha vestida de homem e destra em armas assume como missão vingar a morte do pai abatido em luta” (GALVÃO, 2006, p. 32).

SD19	“Em segundo lugar, mas não de menor relevância, vem a alteridade de classe social, que mostra os jagunços como soldados rasos <i>versus</i> os latifundiários comandantes, ou, em outros termos, a plebe <i>versus</i> a oligarquia” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD20	“Mas há uma outra, menos perceptível: enquanto aquelas duas predominam, ocupando toda a extensão do romance, surge ainda a alteridade de origem nacional, e aliás de uma maneira bem curiosa” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD21	“Mas nosso escritor se interessou em criar outras situações para forasteiros no restante de sua obra. Em <i>Tutaméia – Terceiras estórias</i> , alguns contos envolvem ciganos, como “Faraó e a água do rio”, “O outro ou o outro”, “Zingaresca”... Sabe-se que o escritor fez anotações sobre as roupas, os hábitos e o falar dos ciganos, até os hospedando certa vez no porão de sua casa em Itaguara, onde residiu antes de estar para a carreira diplomática” (GALVÃO, 2006, p. 32).
SD22	“Aqui, a oposição, e até mesmo a antítese, ocupa todos os níveis da linguagem, indo desde as descrições exteriores de ambos até os fonemas e os sinais gráficos dos termos que os contrapõem: “til no i, pingo no a”. Eles eram ‘parecidos como uma rapadura e uma escada’” (GALVÃO, 2006, p. 32).

Quadro 5: Sequências discursivas recortadas de *Patamares da fabulação*, por Walnice Nogueira Galvão (2006).

Como visto na análise anterior, os dizeres das críticas literárias universitárias foram produzidos em consonância aos discursos que emergiram e, conseqüentemente, aos diálogos possíveis com a história, a sociedade, as ideologias etc. Logo, para esta análise seguinte, ordenamos pontualmente a investigação dos discursos selecionados para o tema que emergem nas sequências discursivas, expostas no *Quadro 5*.

Notadamente, ao pensarmos o discurso filológico, ressoando Maingueneau (2012, p. 17-18), como aquele que permite ao sujeito analista a compreender os fundamentos da criação de determinada obra por meio da busca pelas estruturas que o autor se apoiou para produzir determinados dizeres, assim é preciso desconsiderar a atualidade do saber do analista e se

voltar para a recuperação da atualidade do momento da criação o que exclui, consequentemente, a busca pelas condições de produção discursivas. Nesse sentido, Compagnon (2010, p. 60) ressalva que o filólogo se preocupa com o exame das variações de padrões linguísticos pré-estabelecidos o que exclui a inserção do sujeito enquanto instância de compreensão do funcionamento do texto. Além disso, não somente esta perspectiva é ressoada no discurso filológico tratado aqui, mas também, como pondera Willemart (1999, p. 199), a inscrição na história para retomar os supostos preceitos da origem, as comparações entre estruturas clássicas de formulação lexical que era refletida no texto.

Com efeito, podemos ver emergir vestígios das propriedades semânticas do discurso filológico, como levantadas anteriormente, na SD21 da crítica de Galvão (2006) na medida em que a autora se posiciona no texto para contrastar o recorte “Mas nosso escritor se interessou em criar outras situações para forasteiros no restante de sua obra” (GALVÃO, 2006, p. 32) e o recorte “Sabe-se que o escritor fez anotações sobre as roupas, os hábitos e o falar dos ciganos, até os hospedando certa vez no porão de sua casa em Itaguara, onde residiu antes de estar para carreira diplomática” (GALVÃO, 2006, p. 32). Neste caso, revela-se em suas palavras um vestígio filológico de que o crítico pode conhecer os “interesses” do autor a partir das ações realizadas por Guimarães Rosa, como o ato de “fazer anotações sobre roupas, hábitos e o falar dos ciganos...”, o que revela um aspecto crítico que tenta remontar a consciência criadora do autor por meio de sua conjuntura biográfica.

Assim, apesar de Galvão (2006) não afirmar de forma explícita a sua inscrição na corrente de crítica literária filológica, o seu dizer autoriza ao analista do discurso revelar os gestos de escrita que fazem emergir o discurso filológico, o que remonta o diálogo histórico que mantém com a crítica de Candido (1968) e, como mencionado, a sua inscrição na mesma linha de estudos presente em SD4: “O grande problema, para o narrador, é a existência dele [o diabo]: existe ou não” (CANDIDO, 1958, p. 4). Neste sentido, esse dizer emerge a partir das condições de produção de uma investigação filológica de compreensão da consciência criadora do autor de *Grande Sertão: Veredas*.

Com efeito, ponderamos que os dizeres revelam uma dialogicidade entre o discurso filológico e o discurso da crítica literária universitária a qual Galvão (2006) se inscreve para produzir sua crítica, uma vez que segue as instâncias institucionais da tradição acadêmica, como o traço apresentado no diálogo que notamos com os dizeres de Candido (2006), e se instaura como permeada por uma ideologia da corrente crítica filológica e dos aspectos

culturais da universidade que ditam determinadas normas para que os pesquisadores se atenham a uma determinada linha de pesquisa percebida no interdiscurso, neste caso, da linha de Candido (2006).

Não obstante, abordamos as propriedades do discurso estilístico aqui para evidenciarmos as relações dialógicas deste discurso com o discurso da crítica literária universitária que emerge das sequências discursivas em tela. Inicialmente, postulamos que, segundo Maingueneau (2012, p. 20-21), a estilística se refere, por um lado, ao estudo das variações e dissociações que os autores acionam frente à utilização da língua padrão, como a forma, a singularidade, o gênero, os jogos de sentidos, entre outras. Nesse sentido, o discurso estilístico é construído pelo estabelecimento de um estranhamento à normalidade das configurações tradicionais de organização e ordenação das partes da língua, isto é, parte de um jogo de atribuir à obra características que não se enquadram nos motes estabelecidos por uma determinada coletividade cultural e histórica (COMPAGNON, 2010, p. 182-183). Sendo assim, o discurso estilístico possui como característica, aqui, dos elementos que tornam uma obra com identidade rara em concorrência com um conjunto de outras obras que fazem parte de mesmo determinado tempo ou espaço.

Partindo dessas considerações, evidenciamos vestígios do discurso estilístico em SD17 e SD22. Na primeira sequência discursiva, Galvão (2006, p. 32) salienta no trecho, “Sendo a literatura espaço privilegiado da utopia [...]” que a literatura possui tradições de permitir que o diálogo dos textos de Rosa faça referências ao que está além das palavras, na presença do outro, como no recorte, “[...] é esse mesmo sertão múltiplo que realça o tratamento riquíssimo que Guimarães Rosa dá à alteridade”. Isso implica em pensar que nos dizeres da autora da crítica fazem emergir traços do discurso estilístico, pois relaciona as características clássicas da literatura – ou o que pode ou deve ser produzido para ser chamado de literário, como a “utópica” – com a particularidade de Rosa em produzir com base nesta categoria. Assim sendo, nota-se que o papel do crítico é, como afirma Barthes (2007), de validar as relações que o autor mantém com as tradições literárias, o que faz com que o discurso da crítica literária universitária atravesse os dizeres como uma norma que autoriza tal critério de análise da obra do escritor mineiro.

Já em SD22, Galvão (2006, p.35) analisa que “Aqui, a oposição, e até mesmo a antítese, ocupa todos os níveis da linguagem, indo desde as descrições exteriores de ambos até os fonemas e os sinais gráficos dos termos que os contrapõem [...]”, o que demonstra um

conhecimento por parte do sujeito-crítico das categorizações da linguagem – “antítese” e “fonemas” – e, conseqüentemente, trata a linguagem adotada em *Grande Sertão: Veredas* como “válida”, uma vez que ressoa o discurso da crítica literária universitária e permite que a citação rosiana, “[...] ‘til no i, pingo no a’. Eles eram ‘parecidos com uma rapadura e uma escada’” (GALVÃO, 2006, p. 32), seja válida para a coletividade pertencente à universidade devido à referência à tradição da estilística em dar visibilidade ao que foge ao padrão da língua.

Nesse sentido, é percebida a dialogicidade entre o discurso da crítica literária e o discurso estilístico que circulam na instituição universidade para autorizar que determinados dizeres façam parte de uma corrente literária. Assim, a interdiscursividade presente na constituição discursiva da crítica de Galvão (2006) pode definir a crítica construída como um gênero do discurso artigo crítico literário e não outro.

Além disso, ao se pensar na constituição do discurso marxista estabelecida para esta análise a partir da aplicação deste discurso aos estudos da literatura propostos por Goldmann (1970), apontamos que este discurso faz coexistir instâncias sociológicas de cunho político e permeados pela ética que apenas fazem valer a noção de lutas de classe a partir de um posicionamento ideológico que o sujeito adota em sua coletividade. Dessa forma, como afirma Maingueneau (2012, p. 24), este marxismo não se restringe somente as diferenças entre grupos sociais, mas afeta, também, a forma como são organizadas as estruturas de visão de mundo destes grupos em relação à totalidade social. Isso implica na constituição do sujeito frente às maneiras que se relaciona com outros sujeitos em uma dada comunidade ao passo que é neste jogo entre homem e objeto que se instaura as verdadeiras condições ideológicas de produção do dizer (FREDERICO, 1995, p. 152).

Nesse sentido, constatamos elementos deste discurso em SD16, SD18 e SD19. Respectivamente, na primeira sequência discursiva, a crítica ressalva que “A perspectiva metafísica transfigura o sertão em arena abstrata onde o mal grassa, onde se joga o destino de homens e mulheres, onde Deus e o Diabo travam uma batalha cósmica que tem por trunfo a salvação ou a danação da alma dos seres humanos” (GALVÃO, 2006, p. 32). Essa sequência discursiva faz emergir na análise da autora características do discurso marxista. Inicialmente, a autora pontua que na obra o autor produz o seu dizer a partir da possibilidade de o personagem principal de *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo, inscrever-se em uma dada ideologia, de que o destino dos seres humanos depende da crença em Deus e no Diabo. Com

efeito, pensar na crença de Riobaldo no Diabo em detrimento à crença dos outros personagens que não acreditam neste ser metafísico faz ressurgir a distinção ideológica da noção de lutas de classes baseada na movimentação das personagens. Esta descrição é válida devido à credibilidade do discurso da crítica literária universitária que dispõe como adequadas ao julgamento de elementos metafísicos como coerentes à corrente de crítica literária vigente no ano de publicação do texto da crítica em tela.

Já na SD18, Galvão (2006, p. 32) analisa a personagem secundária da obra em tela: “[...] Desde o momento em que entra em cena, [Diadorim] reconhece-se uma donzela-guerreira saída da grande tradição épica, [...], em que uma filha vestida de homem e destra em armas assume como missão vingar a morte do pai abatido em luta”. Emerge aqui, como característica do discurso marxista, a ideia de que é critério de análise do crítico, validar a posição social em que a personagem ocupa na coletividade – “reconhece-se uma donzela-guerreira saída da grande tradição épica”; “uma filha vestida de homem” -, pois o posicionamento ideológico que Diadorim evidencia para poder vingar a morte do pai revela instâncias de dominador e dominado na relação entre homem e mulher, perspectiva esta que se torna relevante para o julgamento de coerência com a corrente literária que o livro se inscreve, o que emerge, conseqüentemente, traços do discurso da crítica literária universitária para reter as normas de possibilidades de análise.

Por último, em SD19 é possível ver que Galvão (2006, p. 32) considera possível atribuir validade relacionar a alteridade à classe social dos personagens uma vez que é a partir das dualidades – dominador e dominado – que faz com que o discurso marxista emergja no dizer mesmo de forma implícita. Assim, o discurso da crítica literária atravessa o dizer e estabelece dialogicidade com o discurso marxista, pois a instituição universidade atribui credibilidade ao resgate de uma tradição ideológica de corrente literária, neste caso, de corrente marxista. Além disso, é na dialogicidade entre os discursos que esse dizer crítico literário pôde ser produzido e publicado no suplemento literário, pois os leitores que possuem o conhecimento especializado sobre literatura estarão aptos a compreender os fundamentos propostos por Galvão (2006).

Ainda, o discurso estruturalista é mobilizado aqui para abordarmos alguns aspectos que emergem dos e nos dizeres da crítica em questão. Para tanto, segundo Dosse (1993, p. 238) este discurso é compreendido como resultado da efervescência de pensamentos que aconteceram durante as décadas de 50 e 60 em que uma série de intelectuais começaram a

questionar os paradigmas das manifestações artísticas e científicas. O cerne desta corrente se caracterizou como a sistematização de obras em frações menores que se relacionavam com a totalidade, como as partes da língua, por exemplo. Nesse sentido, a obra literária é tratada, segundo este pensamento, em sua imanência, na falta de uma correlação das possibilidades de produção do dizer e das condições de produção ou do contexto (DOSSE, p. 252). Logo, de acordo com Dosse (1992, p. 256), o olhar se direciona para a estrutura, para as combinações internas ao texto em busca de explicações para a inserção de sentidos na disposição das palavras.

Essas condições de produção mencionadas podem ser evidenciadas nas relações discursivas que se estabelecem no fragmento SD14. Galvão (2006) determina nesta sequência discursiva um objeto de análise crítica – o Sertão de Minas Gerais, o qual Guimarães Rosa se refere – e o equipara ao Sertão do Nordeste. Nesse sentido, ao afirmar “O sertão do Nordeste, [...] associa-se a noção de *secura* e de *caatinga* com sua vegetação *tacanha* erizada de espinhos e *garranchos*. Já o sertão mineiro é dominado pelos campos gerais, com suas pastagens boas para o gado e suas ‘*veredas*’ [...]” (GALVÃO, 2006, p. 32), a autora da crítica coloca o objeto Sertão enquanto uma totalidade característica de um determinado espaço geográfico e o subdivide em partes menores, o Sertão de Minas Gerais e o Sertão do Nordeste. Neste caso, a análise realizada por este aspecto se torna válida devido à comparação entre partes menores que se enquadram em uma totalidade – o Sertão como um todo – o que ressoa as preocupações do pensamento estruturalista no dizer de Galvão (2006).

Assim sendo, mais uma vez se percebe neste *corpus* a presença da inscrição na instituição universidade que o sujeito se constrói para poder enunciar, pois, o discurso estruturalista estabelece relações dialógicas com o discurso da crítica literária universitária no momento em que instituição, sujeito e objeto se imbricam para validar que os critérios de argumentação crítica sejam aceitos na universidade na medida em que dialoga e ressignifica as tradições estruturalistas para a atualidade do saber da crítica. Assim sendo, é no interdiscurso entre ambos os discursos citados que visualizamos as relações dialógicas da crítica com as condições de produção reunidas durante o percurso desta pesquisa.

Logo, notamos que há uma convalidação de relações entre discursos híbridos que forjam uma determinada instituição discursiva que detém condições de produção que regem as práticas discursivas dos sujeitos no momento da interação (MAINGUENEAU, 2012). Dessa forma, ao pensarmos em discursos literários e discursos de crítica literária, percebemos

que estes orientam os processos de produção de dizeres. Essas orientações podem ser evidenciadas no artigo de Galvão (2006) em *SD13*, *SD15* e *SD20*.

Na primeira sequência discursiva, a crítica pondera que “Guimarães Rosa apresenta, em *Grande Sertão: Veredas*, um sertão que embora integrado e indissolúvel, pode para efeitos de análise, ser percebido de três pontos de vista diversos: o geográfico propriamente dito, o mítico e o metafísico” (GALVÃO, 2006, p. 32). Notamos que a autora disponibiliza três possibilidades de análise sobre o Sertão, no entanto, ao utilizar o dizer “pode para efeito de análise” deixa emergir a sua inscrição na instituição universidade, uma vez que a instituição é responsável por determinar quais análises podem ser feitas ou não sobre um texto literário. Assim, o discurso da crítica literária universitária emerge mais uma vez, pois o sujeito desta crítica demonstra possuir conhecimento sobre o movimento que as correntes literárias perpassam na história para possibilitar que três análises de naturezas diferentes sejam válidas para uma avaliação de obra literária na universidade.

Já em *SD15*, a inscrição do sujeito da crítica na instituição universidade se torna explícita no gesto de escrita, pois, ao afirmar “O ponto de vista mítico confere às conflagrações locais entre bandos de jagunços a serviço dos *coronéis* visos de cavalaria, como se fossem histórias de Carlos Magno e os doze pares de França, ou então do rei Artur e a *Demanda do Santo Graal*” (GALVÃO, 2006, p. 32), a autora deixa transparecer a sua referência às obras produzidas anteriores, “histórias de Carlos Magno e os doze pares de França”, para fundamentar a sua pertinência de análise. Percebe-se que recorrer às condições de produção de obras consagradas é um recurso que Galvão (2006) adota para validar os seus argumentos.

Essa relação dialógica do discurso da crítica literária universitária com o discurso institucional revela um posicionamento do sujeito em um lugar específico dentro da universidade, de um sujeito conhecedor das normas institucionais, dos saberes teóricos sobre procedimentos metodológicos de análise e sobre critérios coerentes para a validação ou não de abordagens do texto literário.

Constatamos, dessa maneira, que as relações dialógicas dos discursos mobilizados e o discurso da crítica literária universitária podem ser percebidos no *corpus* a partir das instâncias sociais, históricas, culturais e ideológicas que constituem o sujeito-crítico. Desta forma, o discurso da crítica literária universitária apresentou uma propriedade híbrida por apenas existir na correlação com outros discursos, como o filológico, o estilístico, o marxista

e o estruturalista que se ordenam e se organizam na medida em que a instituição discursiva se articula sobre os sujeitos. Além disso, verificamos que a instauração dos sentidos é definida no interdiscurso, no lugar que o sujeito ocupa no discurso, regido, portanto, pelas regras da instituição universidade (MAINGUENEAU, 2012).

3.4. Funcionamento do gênero artigo crítico literário

Objetivamos nesta seção apresentar os resultados preliminares de todo o percurso dissertativo que trilhamos e retomar a hipótese inicial de quais seriam as condições de produção na crítica literária de Guimarães Rosa que causaram efeitos de mudança de consciência crítica desde a publicação de *Grande Sertão: Veredas* em 1968 e 2006. Propomos como hipótese que o discurso da crítica literária universitária mantém relações com outros discursos – filológico, estilístico, marxista, estruturalista e institucional – que se inscrevem sob determinadas condições de produção e instauram relativa estabilidade para fundar o *gênero artigo crítico literário*.

Para tanto, retornamos à análise do *micro-corpus* para evidenciar os gestos de escrita que revelam: i) as relações de condição de produção estabelecidas no discurso da crítica literária universitária provenientes das inscrições do dizer de G. R.; ii) os incursos da produção de *Grande Sertão: Veredas*; iii) o atravessamento discursivo tanto da recepção crítica do autor em questão quanto das imagens do autor e sua obra no discurso; iv) as implicações sobre o suplemento enquanto exigência midiática; v) e as constatações dialógicas e interdiscursivas que convalidam o funcionamento do gênero discursivo artigo crítico literário.

Inicialmente, ao pensarmos sobre as condições de produção do dizer de Guimarães Rosa ao escrever *Grande Sertão: Veredas*, notamos que os críticos validam esse funcionamento do gênero em tela em suas críticas, como percebido em *SD10*, *SD14* e *SD21*. Na primeira sequência discursiva, Candido (1967, p. 4) propõe uma visão crítica da linguagem de *Grande Sertão: Veredas* ao afirmar que “Pelo menos duas vezes ocorre na boca do narrador um conceito que exprime este movimento, fundamental na ética do livro, e que encontramos, quase com as mesmas palavras, nas Considerações sobre o pecado, a dor, a esperança e o verdadeiro caminho, de Kafka [...]”. Nesta sequência, o crítico afirma que Guimarães Rosa reproduz a mesma estrutura utilizada na obra de Kafka, o que valida que ou

Rosa se inscreveu na mesma corrente literária que Kafka ou teve acesso aos textos deste último para que tais formulações fossem feitas “quase com as mesmas palavras”. Com efeito, este aspecto apenas é pertinente a uma crítica se considerada como relevante a que o autor possa ter estabelecido um diálogo com outros livros para enunciar, o que autoriza ao crítico ressaltar como critério de análise as condições de produção do dizer de Guimarães Rosa enquanto autor.

Ainda, na sequência SD14, o crítico diz “Já o sertão mineiro é dominado pelos campos gerais, com suas pastagens boas para o gado e suas “veredas”, onde as águas alimentam o vicejar dos renques de buritis. Alternam-se matas e floresta, também” (GALVÃO, 2006, p. 32), o que demonstra que Guimarães Rosa atribuiu a nomenclatura “veredas” para sinalizar os caminhos possíveis para a descrição dos espaços geográficos do sertão de Minas Gerais, uma vez que este argumento dialoga com a condição de produção da alteridade geográfica apontada por Galvão (2006, p. 32) em SD21 ao discutir, anteriormente, sobre a explicação das descrições detalhadas e realistas do sertão em “[...] sabe-se que o escritor fez anotações sobre as roupas, os hábitos e o falar... [...]”; isto é, baseou-se em suas pesquisas laboratoriais.

Logo, Candido (1967) e Galvão (2006) apontam em suas críticas os diálogos com as condições de produção do dizer de Guimarães Rosa para produzirem os seus textos o que demonstra uma regularidade. Compreendemos, desta forma, que o gênero artigo crítico literário possui como característica elementar a inserção dos elementos da constituição do autor enquanto indivíduo para analisar a obra literária.

Além disso, ao tomarmos as condições sociais, históricas e ideológicas de produção de *Grande Sertão: Veredas* percebemos que as sequências SD1, SD12, SD15 e SD18 apontam traços de que os autores das críticas consideram oportuno discutir sobre as configurações particulares do lugar da literatura para pensar sobre a condição de produção da obra e propor a análise crítica.

Primeiramente, em SD1, Candido (1967, p. 4) pondera que “Há em *Grande sertão: Veredas*, como n’*Os sertões*, três elementos estruturais que apoiam a composição: a terra, o homem, a luta” e notamos que o crítico situa a obra rosiana em um conjunto de obras que se encaixam nas mesmas bases estruturais de composição se comparadas a obra *Os sertões*¹⁰⁵ de Euclides Cunha, publicada em 1902, e diz “a terra, o homem, a luta”, o que faz com que a

¹⁰⁵ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*: campanha de Canudos. São Paulo: Martin Claret, 2002.

obra do mineiro não tenha sido escrita de forma aleatória, mas dialogando com formulações que já foram produzidas.

Já em SD12, o crítico afirma que “Nesta grande obra [*Grande Sertão: Veredas*] combinam-se o *mito* e o *logos*, o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional, que disputam a mente de Riobaldo, nutrem a sua introspecção tateante e extravasam sobre o Sertão” (CANDIDO, 1967, p. 4). Candido formula uma análise, portanto, que reporta a dois termos provindos da categorização de agrupamentos de obras literárias, “o *mito* e o *logos*”, situando o texto em tela em determinada corrente literária, neste caso, da Literatura Comparada, o que exclui pensar que se o trabalho do mineiro fosse publicado em outro período histórico com diferente patamar de pensamento crítico, como o período Filológico, por exemplo, este apontamento sofreria outras análises de circunstâncias.

Além disso, na segunda crítica selecionada para análise em SD15, Galvão (2006, p. 32) pontua que “O ponto de vista mítico [em *Grande Sertão: Veredas*] confere às conflagrações locais entre bandos de jagunços a serviço dos *coronéis* visos de novelas de cavalaria, como se fossem histórias de Carlos Magno e os *Doze pares de França*, ou então do rei Artur e a *Demanda do Santo Graal*”. Este fragmento situa, também, a obra rosiana em um agrupamento de outras obras que estabelecem uma tradição da formatação da narrativa.

Ainda, Galvão (2006, p. 32) expõe os diálogos existentes entre a obra rosiana e outras tradições literárias em SD18 ao afirmar que “[...] desde o momento em que entra em cena, reconhece-se [Diadorim] uma donzela-guerreira saída da grande tradição épica, descendente das baladas dos romances velhos ibéricos [...]”, o que faz com que as relações dialógicas entre as obras supracitadas, pela tradição literária histórica, sejam relevantes para as análises.

Sendo assim, nota-se que tanto Candido (1967) quanto Galvão (2006) utilizam a estratégia de dialogar com algumas instâncias de *Grande Sertão: Veredas* com outras obras, e constatamos que este empreendimento se repete em ambos os textos devido a tradição do discurso da Literatura Comparada que permite a uma obra construir a sua identidade própria a partir das diferenças e semelhanças com outras obras literárias. Assim, nota-se que o gênero artigo crítico literário permaneceu, como visto na análise do *corpus* com a mesma configuração de comparação entre características de obras, o que determina mais uma instância do funcionamento do gênero em questão.

Dessa forma, apresentamos também que os críticos demonstram uma preocupação em repercutir a imagem formada na literatura do autor Guimarães Rosa para justificar a

relevância da análise de *Grande Sertão: Veredas*, como visto em SD2, SD3, SD21 e SD22. Na primeira sequência discursiva, SD2, Candido (1967, p. 4) propõe a seguinte comparação “[...] não só porque a atitude euclidiana é constatar para explicar, e a de Guimarães Rosa, inventar para sugerir, como porque a marcha de Euclides é lógica e sucessiva, enquanto a dele é uma tranca constante dos três elementos, refugiando a qualquer naturalismo e levando, não a solução, mas a suspensão que maraca a verdadeira obra de arte [...]”. Isso pode remeter a constatação de que Rosa é consagrado por ter a imagem de um “inventor” e como aquele que produz a “verdadeira obra de arte”. Além disso, vemos se formar outra imagem na sequência da comparação anterior, em SD3, no trecho “[...] juntamente para ressaltar a diferença e mostrar as leis próprias do universo de Guimarães Rosa [...]” (CANDIDO, 1967, p. 4) em que o autor é o detentor de um universo próprio, de uma subjetividade evidente que faz atribuir uma série de características a um conjunto de obras.

Já no texto de Galvão (2006), em SD21, a imagem criada para Guimarães Rosa é revelada como um autor que produz o seu dizer pautado em suas experiências laboratoriais de registros do sertão mineiro, o que faz com que se caracterize como “realista”, “preciso” e “objetivo” como no enunciado “[...] Sabe-se que o escritor fez anotações sobre as roupas, os hábitos e o falar dos ciganos, até os hospedando certa vez no porão de sua casa em Itaguara, onde residiu antes de estar para carreira diplomática” (GALVÃO, 2006, p. 32).

Dessa forma, nota-se que uma imagem sobre Guimarães Rosa e sua obra é formada no discurso da crítica literária universitária, neste caso, do *corpus*, torna-se uma das instâncias as quais Candido (1967) e Galvão (2006) se inscrevem para produzir seus dizeres e, conseqüentemente, fundar mais características que se dialogam como válidas para uma análise de obra literária pertencente a correntes de críticas literárias diferentes. Com efeito, a noção de *ethos* abordada anteriormente pode ser estabelecida neste trabalho como o escopo de consagração de Guimarães Rosa enquanto um sujeito que atribui ao seu nome um conjunto de domínios da literatura particulares e específicos que se debruçam a movimentar os textos rosianos e, desta maneira, articular *Grande Sertão: Veredas* como um trabalho consagrado, também.

No que se refere a considerar a recepção crítica da obra literária como condição de produção para Candido (1967) e Galvão (2006) construírem suas críticas literárias, mobilizamos os recortes SD4, SD9, SD13 e SD20. Respectivamente, a primeira sequência discursiva, “[...] de qualquer modo, iluminam apenas um dos muitos lados da obra, visando

contribuir para que o leitor esqueça, ao menos provisoriamente, os pendores realistas, para penetrar nessa atmosfera reversível, onde se cortam o mágico e o lógico, o lendário e o real” (CANDIDO, 1967, p. 4), evidencia uma preocupação por parte do crítico em estabelecer parâmetros do que é compreensível pelo leitor da obra literária, “visando contribuir para que o leitor esqueça”.

Essa preocupação também é percebida em SD9 que Candido (1967, p. 4) se pronuncia com a seguinte pergunta: “Mas por que demônio em tudo isso?”; e em seguida responde com suas palavras “Possivelmente porque ninguém encarnaria melhor as tensões na alma, nesse mundo fantástico, nem explicaria mais logicamente certos mistérios do Sertão”. No entanto, ao problematizarmos quem é o sujeito responsável pela indagação, percebemos que pode se referir ao leitor da obra literária, isto é, a incompreensão de elementos da obra é de interesse ao crítico literário.

Em contrapartida, na segunda crítica, de Galvão (2006), a crítica demonstra dar importância para o público que recebe a crítica literária publicada na revista especializada, pois ao afirmar, em SD13, que “Guimarães Rosa apresenta, em *Grande Sertão: Veredas*, um sertão que, embora integrado e indissolúvel, pode para efeitos de análise, ser percebido segundo três pontos de vista diversos: [...]”, associa que as três possibilidades de análise são fruto dos “efeitos de análise”, isto é, as descrições críticas são permitidas no texto devido o gênero artigo crítico que possibilita uma diversidade de análises sob diferentes ângulos, e isso é pertinente, pois o texto se direciona à uma obra literária o que reporta ao campo da Literatura. A preocupação com o público leitor da crítica também é percebida em SD20, no fragmento “Mais há uma outra, menos perceptível [...]” (GALVÃO, 2006, p. 32), em que a ideia de ser “menos perceptível” é um direcionamento para aqueles que compõem a recepção da revista especializada, que pressupõe estes serem dotados de um relativo saber sobre técnicas e critérios de análise, sendo o caso de SD20, pouco comum na instituição universidade.

Ademais, ao analisarmos o *corpus* de análise, constatamos que os autores das críticas revelam nos seus dizeres a preocupação com a adequação do texto, às exigências midiáticas, carregado de características próprias de constituição, como as tradições jornalísticas, o direcionamento das escolhas lexicais ao público desejado e as ideologias existentes no contexto da publicação. No entanto, consideramos relevante discutir sobre as transformações

ocorridas no suplemento após a mudança da vinculação ao jornal, da primeira publicação até 1994, para revista especializada, de 1995 em diante.

Inicialmente, no contexto da primeira crítica, de Candido (1967), publicada como encarte ao *Diário Oficial*, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* era uma nova modalidade de circulação de informações que casava divulgação e crítica de manifestações artísticas de naturezas distintas com caráter interdisciplinar para atender um público heterogêneo, uma vez que não era destinado à um grupo de pessoas dotadas de alto conhecimento científico sobre análises críticas de obras de arte por se vincular a um jornal noticiário de ordem das políticas públicas.

Assim, notamos esta busca por ajustamento à exigência midiática na crítica de Candido (1967) em SD6, SD11 e SD5. Na primeira sequência discursiva, o crítico pondera que “Dir-se-á, com razão, que todo livro de vulto acaba neste problema; mas em literatura, o que interessa é a maneira escolhida para abordá-lo” (CANDIDO, 1967, p. 4). Logo, torna-se evidente que o autor reconhece que o seu público pode não ser conhecedor das características de uma análise literária, por se tratar de uma exigência jornalística, ao passo que aponta o interesse da literatura sobre uma obra literária. Este mesmo aspecto também pode ser percebido na crítica de Galvão (2006, p. 32) na sequência discursiva SD17 “Sendo a literatura espaço privilegiado da utopia, é esse mesmo sertão múltiplo que realça o tratamento riquíssimo que Guimarães Rosa dá à alteridade”; no entanto, desta vez percebemos que a autora da crítica não se empenha em detalhar a característica “utópica” como um dos interesses da literatura, pois pressupõe-se que o público alvo da revista especializada seja conhecedora da rede epistemológica básica de análise literária. Com efeito, evidenciamos que a alteração editorial desencadeia a mudança na produção dos enunciados das críticas literárias revelando uma dependência e adequação do autor às normas e regras do material de divulgação.

Mediante as análises realizadas nesta seção sobre as condições de produção da crítica literária universitária presentes no *corpus*, consideramos possível propor alguns apontamentos sobre as particularidades das regularidades encontradas entre a crítica de Candido (1967) e Galvão (2006) para se pensar em uma estabilidade para a constituição do gênero do discurso artigo crítico literário sobre Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*.

Para tanto, acionamos como fundamentação teórica as discussões apresentadas sobre o gênero do discurso sobre os pressupostos de Bakhtin (1992) e Maingueneau (2012),

respectivamente. Para pensar sobre o funcionamento do gênero artigo crítico literário, devemos considerar as recorrências que se estabilizam nas práticas sociais destinadas a uma determinada finalidade e que são compartilhadas entre diferentes sujeitos em uma dada coletividade de interação. Dessa forma, Bakhtin (1992) teoriza que se um grupo de pessoas utilizam a língua de forma regular com a mesma função social por um período de tempo, funda-se um gênero discursivo com maior ou menor complexidade, evolução e singularidade.

Conseqüentemente, percebemos durante a análise do *corpus* que o gênero artigo crítico literário é constituído por avaliações de aspectos de obras, ou autores, baseadas em critérios de julgamento e convalidação realizados por sujeitos que portam o *status* de professores-críticos. Assim, também evidenciamos a inscrição na instituição discursiva universidade que instauram fundamentações teórico-metodológicas das práticas discursivas como sustentadas por relações sociais, históricas e culturais que compõem o universo da obra ou autor que em análise. Assim sendo, é na posição de sujeito-professor-universitário que são produzidos os enunciados que pertencem ao gênero artigo crítico literário, uma vez que a inscrição em um dado espaço, uma temporalidade, uma continuidade que dá acesso a possibilidades de leitura e a influência do suporte midiático evidencia as restrições do público leitor (MAINGUENEAU, 2012).

Nesse sentido, afirmamos que, como evidenciado na análise do *corpus*, o gênero artigo crítico literário funciona sob algumas características próprias e regulares nas críticas de Candido (1967) e Galvão (2006). Consideramos estes elementos como os critérios que ambos os críticos se apoiam para avaliar *Grande Sertão: Veredas*: i) o contexto social, histórico e político de Guimarães Rosa no espaço e tempo de produção de *Grande Sertão: Veredas*; ii) o lugar que *Grande Sertão: Veredas* ocupa no movimento das correntes literárias; iii) a imagem que os críticos constroem do autor segundo as tradições que o consagraram como único e relevante; iv) as modalidades de recepção crítica da obra literária no cenário nacional de literatura; v) e a relação entre crítico e as normas e exigências do suplemento literário universitário enquanto um suporte midiático de jornal e de revista especializada.

Consideramos, assim, que o gênero artigo crítico literário possui como função social a compreensão da articulação entre o crítico, o autor da obra literária e o público receptor desta crítica e da própria obra literária em um único universo de jogo de imbricamentos discursivos em que é relevante conhecer o lugar sócio-histórico-ideológico dos critérios de avaliação, seja para apreender o posicionamento dos sujeitos no discurso em uma dada coletividade ou para a

ressignificação dos domínios de conhecimento analítico do crítico no momento da publicação da crítica.

Finalmente, constatamos que os conjuntos de críticas, tomados como enunciados, que compõe os dois períodos de recorte do *macro-corpus* e do *micro-corpus*, servem de arena para o atravessamento de uma variedade de discursos – neste caso, o filológico, o estilístico, o marxista, o estruturalista e o institucional – sobre o discurso da crítica literária universitária que se forma e funciona sob diversas condições de produção e estabilizam elementos para fundar o gênero do discurso artigo crítico literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho a partir da concepção de que o discurso da crítica literária universitária é um discurso de natureza científica uma vez que é ressoado por uma instituição que faz emergir instâncias teóricas e metodológicas, mas que ao mesmo tempo constitui suas propriedades baseadas nos imbricamentos com outros discursos de configuração literária. Mediante estes apontamentos, notamos que pensar o discurso da crítica literária universitária – assim como qualquer outro discurso – é reconhecer que este emerge nos entremeios de uma rede de outros discursos que dialogam entre si e produz sentidos nas suas inter-relações a partir da materialidade discursiva.

Com efeito, objetivamos evidenciar como esse discurso supracitado funciona a partir de suas relações dialógicas e interdiscursivas com outros discursos previamente mobilizados, tais sejam os discursos filológico, estilístico, marxista, estruturalista e institucional. Para tanto, mobilizamos algumas noções as quais propomos um diálogo preciso entre o pensamento dialógico da filosofia da linguagem, estabelecida pelo Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006), e o campo da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as contribuições de Dominique Maingueneau (2005; 2012). Não obstante, pudemos demonstrar como os sentidos emergiram no *corpus* e ecoam outros sentidos legitimados por discursos inscritos na história, na sociedade e na ideologia.

Logo, estabelecemos duas modalidades de *corpus* de análise recortados do Acervo Eletrônico do *Suplemento Literário do/de Minas Gerais*: um *macro-corpus* composto por vinte críticas literárias – sendo dez publicadas entre os anos de 1967 e 1968 e outras dez no ano de 2006 – que referem-se a qualidade linguística de Guimarães Rosa e sua obra, pois pudemos a partir desta fixação mais ampla compreender determinadas condições de produção sócio-históricas, além do contexto puramente linguístico; e um *micro-corpus* – ao passo que priorizamos análises qualitativas e não quantitativas – formado por duas críticas retiradas do *macro-corpus*, *O Sertão e o Mundo*, de Antonio Candido (1967) e *Os Patamares da Fabulação*, de Walnice Galvão (2006), pois ambas se referem em comum à constituição literária da linguagem na obra *Grande Sertão: Veredas* (2001).

Consequentemente, organizamos o nosso trabalho em três capítulos para formalizar o percurso de articulação dos pressupostos teórico-metodológicos e as análises do *corpus* para a investigação do objeto de estudo. Assim, inicialmente, no primeiro capítulo, discutimos sobre

as relações entre Literatura, Teoria e História para que pudéssemos situar os lugares de aproximação entre as Ciências Humanas e o objeto de estudo. Disso, apresentamos um cenário cronológico de transformação das principais correntes de crítica literária, tais elas, a Filosofia, a Estilística, o Marxismo, o Estruturalismo, as Novas Críticas e as teorias do Discurso.

Em seguida, descrevemos as propriedades discursivas do artigo crítico universitário a partir da noção de *gênero do discurso* preconizada por Bakhtin (1992) e Maingueneau (2012), pois assim seria possível reconhecer as particularidades relativamente estabilizadas do gênero que fundam a emergência do discurso da crítica literária universitária. Com efeito, categorizamos a notícia e a crítica literária universitária em seus escopos ideológicos. Essas considerações foram suficientes para estabelecer as condições de possibilidade de produção da crítica literária universitária em uma concepção particular do gênero no seu desenvolvimento social, histórico e ideológico.

Já no segundo capítulo, debruçamo-nos a pesquisar os prolegômenos para a constituição de uma discursividade nas críticas publicadas sobre Guimarães Rosa e sua obra, especificamente referentes à *Grande Sertão: Veredas*. Para tanto, buscamos evidenciar o lugar que o escritor e sua obra ocupam na universidade enquanto instituição discursiva por meio de quatro categorias de investigação: i) elencamos as condições sociais, históricas e ideológicas do dizer de Guimarães Rosa no contexto de publicação de *Grande Sertão: Veredas*; ii) posicionamos essa obra na movimentação cronotópica da literatura brasileira; iii) recorremos à noção de *ethos* para pensar as imagens que se formam de Guimarães Rosa e sua obra na universidade; iv) e pesquisamos como se deu a recepção crítica do escritor e seus trabalhos no cenário acadêmico de produções.

Convalidamos, logo, que este autor e a sua obra sobre o *Sertão* ocupam um lugar particular no discurso da crítica literária universitária, pois reportam a uma “quebra de linearidade” nas tradições da Literatura por não se enquadrarem nas tradições da era Modernista, aspecto este que ao ser tomado como um objeto serviu de memória discursiva para a constituição do *macro-corpus* e *micro-corpus* deste trabalho. Partindo do percurso trilhado pelos dois primeiros capítulos, propomos as possibilidades de se analisar o objeto e, com efeito, permitiu-nos a nos posicionarmos teoricamente para desenvolver o procedimento metodológico de análise e analisar o *corpus*.

Sendo assim, no terceiro e último capítulo, mobilizamos alguns textos do Círculo de Bakhtin (1981; 1992; 1999; 2006) e delineamos sobre o princípio dialógico enquanto teoria base de análise e outros textos de Maingueneau (2005; 2012) para pensar a noção de interdiscurso como teoria complementar de investigação do material. No entanto, percebemos que em diversos pontos as noções ora entravam em confluência ora se divergiam, o que determinou que pontuássemos esses diálogos possíveis. Em decorrência disso, desenvolvemos um procedimento metodológico de análise que imbricou as relações dialógicas e interdiscursivas que fossem aptas a pensar as relações entre os discursos. Assim, acionamos Stafuzza (2014) para levantar critérios de construção dos recortes do *corpus* com maior precisão e estabilidade.

Além disso, iniciamos a aplicação do procedimento metodológico de forma didática para tornar mais claro ao leitor as relações discursivas percebidas: primeiramente caracterizamos os discursos Filológico, Estilístico, Marxista, Estruturalista e Institucional e, em seguida, evidenciamos as suas relações dialógicas e interdiscursivas com o discurso da crítica literária universitária. Repetimos este processo em ambas as críticas, *O Sertão e o Mundo* (1967) e *Os Patamares da Fabulação* (2006), separadamente para que fosse possível visualizar com mais exatidão os imbricamentos discursivos. Finalmente, ainda neste capítulo, recorreremos a uma análise interpretativo-contrastiva de ambas as críticas e das observações no *macro-corpus* e propomos regularidades do funcionamento do discurso da crítica literária universitária a partir das evidências do gênero artigo crítico literário.

Sistematizando estas considerações sobre as pretensões da pesquisa, obtivemos vários esclarecimentos sobre a hipótese inicial de que a compreensão de como o discurso da crítica literária universitária funciona mediante as suas relações com outros discursos – que geram um gênero do discurso específico, o do artigo crítico universitário – pautam-se na história, no social, na ideologia e na instituição, categorias estas que legitimam o desenvolvimento deste gênero em uma escala cronotópica.

Mediante a primeira crítica investigada, *O Sertão e o Mundo*, constatamos que Antonio Cândido (1967), enquanto sujeito discursivo, constitui-se como dotado de conhecimento referente às correntes de críticas literárias que antecederam o ano de produção do texto, pois ao analisarmos as sequências discursivas evidenciamos possibilidades de

sentidos a partir das condições de produção do discurso sociológico e suas relações dialógicas e interdiscursivas com traços¹⁰⁶ de outros discursos.

Percebemos, em suma, no *corpus*: referências à consciência criadora de Guimarães Rosa e tentativa¹⁰⁷ de exclusão da subjetividade, notado no *corpus*, como requisitos críticos – discurso filológico; priorização da singularidade da linguagem em *Grande Sertão: Veredas* como critério de estranhamento à coletividade e fundamentos semânticos – discurso estilístico; a categorização do posicionamento político e ético dos personagens da obra rosiana em camadas de classes sociais pré-definidas pelo narrador como critérios de validação crítica – discurso marxista; comparação das estruturas textuais, de expressão e conteúdo entre obras literárias como pertinentes ao aspecto crítico – discurso estruturalista; demonstração de um sujeito ciente de que normas e regularidades precisam ser respaldadas em teorias e procedimentos metodológicos instaurados na universidade - discurso institucional.

Assim, ao analisarmos a segunda crítica, *Os Patamares da Fabulação*, compreendemos que o sujeito da crítica foi constituído a partir do seu posicionamento no discurso da crítica literária universitária, uma vez que pudemos mostrar no *corpus* como outros discursos atravessam o texto e fazem reproduzir sentidos sociais, históricos e ideológicos.

Em síntese, observamos, mediante análise do *corpus*, as relações dialógicas e interdiscursivas nos imbricamentos do discurso da crítica literária universitária baseadas em: i) tentativas de reestruturação dos fundamentos da criação na biografia de Guimarães Rosa – discurso filológico; ii) distanciamentos da linguagem rosiana e o padrão da língua culta e personificação de uma identidade rara – discurso estilístico; iii) sistematização dos personagens de *Grande Sertão: Veredas* em unidades de acordo com a totalidade social e condições categóricas de ideologias dos personagens – discurso marxista; iv) fracionamento da obra para análise das combinações sintáticas apenas no nível lexical da obra – discurso estruturalista; v) e escolhas de aportes teórico-metodológicos autorizadas por normas e leis universais da corrente literária Modernista – discurso institucional.

Com efeito, resumizamos as análises para ressaltar que o gênero discursivo artigo crítico literário funciona pautado em determinadas condições de produção que o particulariza como a reunião de uma lista de requisitos para se analisar uma obra literária, tais como

¹⁰⁶ Referimo-nos “traço” os imbricamentos percebidos nos gestos lexicais e na emergência de discursos.

¹⁰⁷ Em consonância aos analistas do discurso de linha francesa, todo texto é constituído de subjetividade.

condições de produção do autor, a posição da obra na corrente literária vigente, o status do autor e o veículo midiático da crítica.

Além disso, é preciso esclarecer que as características do gênero se tornam estáveis devido ao diálogo do discurso da crítica literária universitária com outros discursos, pois a tradição histórica, o contexto social e as ideologias são evidências de que o desenvolvimento do gênero ocorre constantemente. Por um lado, Guimarães Rosa é um autor consagrado e por esta razão demarcou traços mais profundos na história e, por outro lado, *Grande Sertão: Veredas* obteve ascendência e uma considerável recepção crítica no seu ano de publicação.

Ambos os aspectos ajustam o gênero para que este se movimente de acordo com a universidade, pois é o lugar mais apropriado – em foco a circulação em jornal e revista especializada – para se articular teorias e metodologias pesquisadas e estudadas na universidade.

Dessa forma, validamos que há estabilidade nas duas críticas do *micro-corpus*, mas que se desestabilizam na medida em que as condições de produção se alteram. Logo, consideramos como pertinente este estudo, ao passo que pudemos demonstrar a aplicabilidade e alcance do princípio dialógico e das interdiscursividades que fundam sujeitos e objetos dotados de sentidos nos textos. Enfim, não tínhamos a pretensão de esgotar o assunto, mas de mostrar um caminho possível para a análise do discurso, já que os dizeres nunca se encerram, pois participam ativamente de um constante diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da linguagem no Grande Sertão: leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- ALVARENGA, Otávio Melo. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- AMADO, Gilberto. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2001.
- AMOSSY, Ruth; MAINGUENEAU, Dominique. *L'Analyse du discours dans les études littéraires*. Toulouse: Presses universitaires de Dijon, 2004.
- _____. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do 'ethos'*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *O roteiro de Deus: dois estudos sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa*. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, 1994. P. 7-49.
- ARROJO, Rosemary. *Jorge Luis Borges' Labyrinths and João Guimarães Rosa's Sertão: Images of Reality as Text*. Baltimore: Phil. Diss, 1985.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2002.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 277-326.
- _____. A teoria do romance. In: *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Editora UNESP- Hucitec, 1999.

- _____; VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4ª edição. São Paulo: Hec, 2006.
- _____. *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. SP: Hucitec, 2010.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. Avaliação. In: _____. *S/Z*. Coimbra: Almedina, 1999.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Augusto de. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 4.
- CANABRAVA, Euryaldo. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- CARVALHO, Aracy Moebius de. *Entrevista ao jornal O Globo: Israel homenageia hoje com nome de bosque casal Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 29 de abril de 1985.
- CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- CAVALCANTI, Valdemar. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- CHARTIER, Roger. *L'Ordre des livres: lectures, auteurs, bibliothèques em Europe, entre XIV et XVIII siècle*. Paris: Alinèa, 1992.
- COELHO, Haydée Ribeiro. *Roda Gigante: um texto pragmático*. Belo Horizonte: Suplemento, dezembro de 2006. Nº 1297.
- COHN, Sergio. *Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI*, organizado. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Humanitas, 2010.
- CORDEIRO, Cruz. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- COSTA, Ana Luiza Martins. *Rosa, ledor de Homero*. São Paulo: Revista USP, 1997. Nº 36, p. 46-73.
- _____. *Poty, parceiro de Rosa*. Porto Alegre: Livros, 1998. Nº 7, p. 1.

- _____. *João Guimarães Rosa, Viator*. Rio de Janeiro: UERJ-Instituto de Letras. Tese de doutorado, mimeo, 2002.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: UFSCar, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. *The process of revitalization of the language and narrative structure in the fiction of João Guimarães Rosa and Julio Cortázar*. Valencia: Albatrós Ediciones, 1980.
- _____. Guimarães Rosa e o processo de revitalização da língua. In: _____. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica, vol. 6).
- _____. *The synthesis novel in Latin America: a study on João Guimarães Rosa's 'Grande Sertão: Veredas'*. Valência: Chapel Hill, 1991.
- _____. *Em busca da terceira margem: ensaios sobre o 'Grande Sertão: Veredas'*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- _____. *A Literatura no Brasil: introduções*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1994.
- _____. *Guimarães Rosa e a palavra poética*. Rio de Janeiro: Range-Rede, 1996. V. 2, n. 2, p. 7-17.
- COVIZZI, Lenira M.; CAVALCANTE, Maria Neuma. Critérios para o estabelecimento do texto de 'Grande Sertão: Veredas'. In: WILLEMART, Philippe (org.). *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: eclosão do manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. P. 129-133.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CÚRCIO, Verônica Ribas. *Palavras de Rosa: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa*. (Tese Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, 2013.
- DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- DEMÉTRIO, Everton. *Estórias que contam a História: Sertão e formação nacional em Guimarães Rosa e no pensamento social brasileiro*. (Dissertação Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Brasil, 2012.
- DOSSE, François. *A história do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Volume 2. São Paulo: Ensaio, 1992.

- _____. *A história do estruturalismo: o campo do signo, 1945/1966*. Volume 1. São Paulo: Ensaio, 1993.
- DUARTE, Léia Parreira. Guimarães Rosa na PUC Minas. In: *Guimarães Rosa 50º 'Grande Sertão: Veredas'*: edição especial. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário: maio de 2006. P. 24.
- FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *Entre arte e interpretação: figurações do Brasil na literatura de João Guimarães Rosa*. (Tese Doutorado História) Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- FARIA, Maria Lúcia Guimarães de. *A estética concreta de Guimarães Rosa*. (Dissertação Mestrado), Brasília: UnB, 1988.
- FERREIRA, Hygia Therezinha Calmon. *A sagrada "escritura" de João Guimarães Rosa*. (Dissertação Mestrado em Letras – Literatura Brasileira). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 1983.
- _____. *João Guimarães Rosa: as sete sereias do longe*. (Tese Doutorado em Letras – Literatura Brasileira). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 9ª ed., 2007.
- _____. *Arqueologia do saber*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FREDERICO, Celso. *O jovem Marx*. São Paulo: Cortez, 1995.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no 'Grande Sertão: Veredas'*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *As Formas do Falso..* 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986. P. 132.
- _____. As listas de Guimarães Rosa. In: WILLEMART, Philippe (orgs.). *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: eclosão do manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. P. 135-150.
- GARAND, Dominique. La fonction de l'ethos dans la formation du discours conflictuel. In: *Invectives et violences verbales dans le discours littéraire*. (Org. Marie-Hélène Laroche). Laval: Presses de l'Université Laval, 2007. P. 3-19.
- GOFFMAN, Erving. La mise en scène de la vie quotidienne. In: *La présentation de soi*. Paris: Minuit, 1984.
- GOLDMANN, Lucien. *Le dieu caché*. Paris: Gallimard, 1959.
- _____. *La théorie du roman*. Paris: Denoël, 1968.

- _____. L'esthétique du jeune Lukács. In: _____. *Marxisme et sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. *El alma y las formas*. Barcelona: Grijalbo, 1971.
- _____. *História e consciência de classe*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- GOMES, Duílio. *Arquivo*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Suplemento Literário, agosto de 1997. Nº 28, p.12-13.
- GOUVÊA, Jaime Prado. *Mil números de história*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Suplemento Literário, novembro de 1985. Nº 1000, p.2-5.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; VELOSO, Simone Ribeiro de Ávila. *Diálogos entre Maingueneau e o Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Revista Filologia e Linguística Portuguesa, 2007. n. 9, p. 229-250.
- HANSEN, João Adolfo. Sertão de Rosa: uma ficção da linguagem. In: *Guimarães Rosa 50º Grande Sertão: Veredas: edição especial*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Suplemento Literário: maio de 2006. P. 18-20.
- HAZIN, Elizabeth. *No nada, o infinito: da gênese do 'Grande Sertão: Veredas'*. São Paulo: FFLCH – USP. Tese de doutorado, Mimeo, 1991.
- _____. No nada, o infinito: da gênese do Grande Sertão: Veredas. In: LANCIANI, Giulia (org.). *João Guimarães Rosa: Il che dele case*. Roma: Bulzoni, 2000. P. 135-175.
- HEIDEGGER, Martin. *Être et temps*. Trad. Fr. Parcial. Paris: Gallimard, 1964; nova ed. Completa citada, 1986.
- HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira (Org.). *I Seminário Rosiano*. 1ª edição. Belém: EDUFPA, 2008. V. 1, p. 135.
- LARA, Cecília de. *Classer, éditer et interpréter les manuscrits de 'Grande Sertão: Veredas' de Guimarães Rosa*. Paris: Génésis, 1993. Nº 3, p. 63-80.
- _____. A edição crítico-genética de 'Grande Sertão: Veredas' de Guimarães Rosa. In: WILLEMART, Philippe (org.). *Gênese e Memória: IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições*. São Paulo: Annablume, 1995. P. 153-165.
- _____. 'Grande Sertão: Veredas': processos de criação. Belo Horizonte: Scripta, 1998. Vol. 2, nº 3. P. 41-49.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto*. São Paulo: FFLCH-USP. Tese de doutorado, mimeo, 1985.

- _____. O 'primeiro rascunho' de 'Grande Sertão: Veredas'. In: WILLEMART, Philippe (org.). *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: eclosão do manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. P. 123-127.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes; NAKAGAWA, Sônia Yoshie. Da lenda à história: contos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. In: *III Seminário de Pesquisa - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários*. Caderno de Artigos. Araraquara: FCL UNESP, 2003. p. 47-53.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes; FARIA, Elisabete Brockelmann de. *Dimensões míticas no discurso poético rosiano*. In: *Anais do VII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – 'Grande Sertão: Veredas' e 'Corpo de baile': 50 anos*. Araraquara: FCL/UNESP, 2006. P. 242-247.
- LIV, Ullmann. *Círculo do Livro da Noruega*. Trad. COUTINHO, Sonia. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- LOUZADA, Wilson. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, nº. 65, p. 2.
- JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- MAINGUENEAU, Dominique. *L'Analyse du discours*. Paris: Hachette, 1991.
- _____. *Le Contexte de l'oeuvre littéraire. Énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1995.
- _____. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 2001.
- _____. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- _____. *Cenas da enunciação*. (Org.) POSSENTI, Sírio; SOUZA E SILVA, Maria Cecília Péres. São Paulo: Parábolas Editorial, 2008.
- _____. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MALLARD, Letícia. *História Literatura: ensaios*. Campinas: Unicamp, 1995.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Gêneros do discurso: o caso dos artigos de opinião. In: PAULA, Luciana de; STAFUZZA, Grenissa Bonvino. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Série Bakhtin-Inclassificável. Vol. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- NASCIMENTO, Edna Maria dos Santos. Descrição das duas primeiras edições e do 'segundo rascunho' de 'Grande Sertão: Veredas'. In: WILLEMART, Philippe (org.). *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: eclosão do manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. P. 151-155.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- NUNES, Benedito. 'Grande Sertão: Veredas': uma abordagem filosófica. Paris: Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes, 1985. Nº 44-45. P. 389-403.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 4.
- OLIVEIRA, Paulo Sampaio Xavier de. *A televisão como 'tradutora': Veredas do Grande Sertão na Rede Globo*. Campinas: Unicamp – Instituto de Estudos da Linguagem. Tese de doutorado, mimeo, 1999.
- OTTE, Georg. O diário de guerra de João Guimarães Rosa. In: FERREIRA, Camila Diniz (Coord.). *Seminário Guimarães Rosa: 50º Grande Sertão: Veredas, Anais 2006*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1993. P. 61-161.
- PETRI, Verli. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Ciro Martins*. Tese de Doutorado, 2004.
- PIMENTEL, Osmar. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- PROUST, Marcel. A propósito do estilo de Flaubert. In: *Nas trilhas da crítica*. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1994.
- RÊGO, José Lins do. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte: Suplemento, 1967. V. 2, n. 65, p. 2.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro/São Paulo: Imago/Edusp, 1993.
- _____. O lugar de Grande Sertão: Veredas na literatura brasileira. In: *Guimarães Rosa 50º 'Grande Sertão: Veredas': edição especial*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Suplemento Literário: maio de 2006. P.23.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*: São Paulo, Editora Cultrix, 2003.

- SCARPELLI, Marli Fantini. Apresentação de 50º Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. In: *Guimarães Rosa 50º Grande Sertão: Veredas*: edição especial. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário: maio de 2006. P. 3-4.
- STAFUZZA, Grenissa Bonvino. *Discursos da crítica literária universitária: sobre James Joyce e Ulysses*. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- _____. Travessias sobre história e ficção em João Guimarães Rosa. In: *Guimarães Rosa 50º Grande Sertão: Veredas*: edição especial. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário: maio de 2006. P. 10-11.
- SCHWARZ, Roberto. Grande Sertão: a fala. In: *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965a. P. 23-27. Reimpresso in: COUTINHO, Eduardo F. (org). p. 378-382.
- _____. Grande Sertão e Dr. Faustus. In: *A sereia e o desconfiado*, 1965b. p. 28-36. Reimpresso in: COUTINHO, Eduardo F. (org). p. 382-389.
- _____. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1967. Suplemento, v. 2, n. 65, p. 4.
- SPERA, Jeane Mari Sant'Ana; STESSUK, S. J.. *A construção do fantástico em contos de Guimarães Rosa*. In: Sílvio Stessuk. (Org.). *Da Língua de Camões. Capítulos de Literatura Brasileira e Lingüística*. São Paulo: Portal Literário Editora, 2007, v., p. 9-32.
- UNGARETTI, Giuseppe. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1967. Suplemento, v. 2, n. 65, p. 2.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO. *Nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1967. Suplemento, v. 2, n. 65, p. 4.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1967. Suplemento, v. 2, n. 65, p. 2.
- UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande Sertão*. Trad. De José C. Garbuglio. São Paulo: Edusp, 1994.
- VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain. Sociologie de la littérature à l'âge classique*. Paris: Minuit, 1985.
- VILELA, Luiz. *Melhores contos*. São Paulo: Global, 2011.

WARD, Teresinha Souto. O discurso oral em Grande Sertão: Veredas. São Paulo/Brasília: Duas Cidades/INL, 1984.

WERNECK, Humberto. Do terceiro andar. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 106, set. 1992, p. 25.

WILLEMART, P. Bastidores da criação literária. São Paulo: Iluminuras, 1999.

ANEXO

CD contendo as críticas literárias.